



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANDRÉ LUIZ STRAPPAZZON

**BONS ENCONTROS:
RELAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS NA CASA CHICO MENDES**

**FLORIANÓPOLIS
2011**

André Luiz Strappazon

**Bons Encontros:
relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Psicologia e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 29 de março de 2011 em Florianópolis – SC – Brasil.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Maheirie

**Florianópolis
2011**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S897b Strappazon, André Luiz

Bons encontros [dissertação] : relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes / André Luiz Strappazon ; orientadora, Kátia Maheirie. - Florianópolis, SC, 2011. 168 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Organizações não-governamentais - Florianópolis (SC). 3. Ética. 4. Comunidades sociais. I. Maheirie, Katia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

**Bons Encontros:
relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes**

André Luiz Strappazon

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Psicologia e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 29 de março de 2011 em Florianópolis – SC – Brasil.

Prof^a. Dr^a. Kátia Maheirie
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Kátia Maheirie
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Andréa Vieira Zanella
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinadora

Prof. Dr. Nestor Manoel Habkost
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinador

Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado
Universidade Federal de Minas Gerais
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Dodô, Valderi, Felipe, Tinho, Chica e Antônio, pela generosidade e confiança em compartilhar suas histórias. E também às demais pessoas que frequentam a Casa Chico Mendes, que não são poucas: Natália, Sônia, Sara, Lídia, Cleiton e muitos outros, verdadeiros guerreiros do cotidiano.

A Poli, minha companheira, minha guria, meu bom encontro, que sempre está ao meu lado nesta vida, e que esteve muito próxima durante a produção desta dissertação, às vezes literalmente, acompanhando o tempo da escrita.

A Kátia Maheirie, minha orientadora e amiga de longa data, pela abertura de possibilidades e pela confiança.

Aos meus amigos Patrícia e Rogério, que acompanharam de perto esta pesquisa, sempre interessados, fazendo perguntas, provocando, lendo, relendo, instigando.

A Sandra, que com sua sensibilidade, sem querer, inspirou esta pesquisa mais do que imagina.

A Cátia com “C” e a Thiago, amigos da vida.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, que sempre estiveram disponíveis para trocar ideias sobre o projeto de pesquisa e a dissertação, contribuindo também com indicações de textos e possibilidades metodológicas.

Aos meus pais, José e Tere, que tiveram que começar a trabalhar desde muito cedo e não puderam estudar. Mas garantiram a mim algumas escolhas que me trouxeram até a pós-graduação.

A Helena, secretária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, sempre atenta e disponível, o que facilitou em muito nos bastidores da pesquisa.

A CAPES/REUNI, por ter me concedido uma bolsa de pesquisa.

RESUMO

Nesta pesquisa teve-se como objetivo descrever e analisar as relações que ocorrem entre os sujeitos no cotidiano da Casa Chico Mendes, uma organização não governamental sediada em comunidade de mesmo nome, na periferia de Florianópolis. O foco da pesquisa recaiu para uma abordagem específica dos “bons encontros” na Casa Chico Mendes, e em que medida estas relações atuam como mediadoras na constituição dos sujeitos envolvidos, engendrando processos de subjetivação e criação. A concepção metodológica se fundamentou numa relação dialógica entre pesquisador e os atores do contexto investigado; sendo que a produção de informações ocorreu por meio de descrições em diário de campo, materiais produzidos no contexto de pesquisa e entrevistas. Como desdobramento das análises, a Casa Chico Mendes foi dividida em três perspectivas: a *Instituição*, abordada teoricamente a partir do conceito de micropolítica (GUATARRI; ROLNIK, 1999); a *Casa dos Encontros*, considerada como um lugar de calor, onde os principais conceitos discutidos foram o de ética, relação estética e heterotopias; e, finalmente, a *Moradia*, abordada em paralelo com as duas primeiras. As análises são encerradas com uma discussão que considera a Casa Chico Mendes sendo constituída a partir das histórias dos sujeitos e a forma como ali se colocam, e estes a partir da Casa, considerando uma relação dialógica entre sujeitos e as três perspectivas citadas, à luz dos conceitos de dobra (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, 2001) e rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 1996).

Palavras-chave: Casa Chico Mendes, encontros, ética, processos de subjetivação.

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze everyday relations taking place among individuals in Casa Chico Mendes (Chico Mendes's Home), a nongovernmental organization, based on the community of the same name on the outskirts of Florianopolis. The focus of this research has aimed at some specific approach named "good meetings" in Casa Chico Mendes and how these relationships act as mediators in the constitution of the individuals involved, engendering processes of subjectification and creation. The methodology was based on a dialogic relationship between researcher and actors in the context of investigation, and the collection of information happened through descriptions in the field diary, as well as through materials produced in the context of research and interviews. As an outcome from the analysis, Casa Chico Mendes was divided into three perspectives: Institution, addressed theoretically by the concept of micropolitics; House of Meetings, considered as a place of warmth, where the main concepts discussed were ethics, aesthetical relationship and heterotopias; and the House, addressed in parallel with the first two. The analysis is concluded with a discussion that considers the place Casa Chico Mendes as being formed by the subjects and those, by the House, assuming a satisfactory relationship between subjects and the three perspectives mentioned above, in the light of the concepts of folding and rhizome.

Keywords: Casa Chico Mendes, Meetings, Ethics, Subjectification processes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1 OS PRIMEIROS ENCONTROS: CAMINHO SINUOSO EM COMPANHIA DE IDÉIAS E INTERROGAÇÕES.....	19
2 RELAÇÕES METODOLÓGICAS.....	29
3 A PLURALIDADE.....	41
3.1 Os sujeitos.....	42
4 A INSTITUIÇÃO.....	51
5 A CASA DOS ENCONTROS.....	67
5.1 Bons Encontros como lugar de Calor.....	67
5.2 Encontros com a ética.....	72
5.3 Os espaços dos bons encontros e as heterotopias.....	89
5.4 Bons Encontros como fundamento para a Relação Estética	93
6. A CASA NOS SUJEITOS E OS SUJEITOS NA CASA.....	109
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
8 REFERÊNCIAS.....	157
9 ANEXOS.....	165

APRESENTAÇÃO

A experiência no campo – o contato com a comunidade, suas histórias, seus cotidianos – antecedeu a proposta para esta pesquisa de mestrado. Esta experiência e sua múltipla dimensionalidade foi o que possibilitou a captura de elementos que, num segundo passo, deram respaldo para o início de uma compreensão teórica a tudo o que observava; ou, que de uma forma ou de outra, impactava e chamava a atenção. A partir deste movimento, com este ir e vir dialógico entre experiência e teoria, muitas vezes uma se infiltrando na outra, se delineou a proposta desta pesquisa.

Este texto, que apresento logo abaixo, fez parte deste movimento. Sua escrita me possibilitou objetivar alguns aspectos importantes da relação com o campo, dando respaldo para a formulação de um tema de pesquisa, o que apontava possibilidades metodológicas. Isto me auxiliou a reconhecer as especificidades do que o meu olhar pôde capturar. Este texto aparece aqui com a intenção de fazer uma “introdução à Comunidade Chico Mendes”. Foi composto a partir de diversas experiências, falas relatadas a mim, conversas, encontros, lembranças e recortes de diário de campo, como se fossemos tirar variadas fotografias com palavras e, assim, mostrar um pouco do campo e da experiência.

“Sujeitos, encontros e cotidianos” também formou a primeira tessitura de palavras para a construção desta dissertação. Foram palavras que orientaram e inspiraram o projeto que, por sua vez, orientou novamente a presença no campo. Segue o texto e o convite para que, a partir de sua leitura, chegue-se mais perto da Comunidade.

Sujeitos, Encontros e Cotidianos

Ontem a polícia veio até o bairro e retirou as bandeiras brancas que algumas pessoas haviam colocado no ponto mais alto de cada comunidade! Na caixa d'água dos prédios os policiais subiram para tirar uma bandeira que ali se encontrava e depois de rasgá-la, queimaram. Na Comunidade Novo Horizonte, fizeram a mesma coisa. Uma senhora que ali se encontrava discutiu com um policial, que batia nos meninos que estavam na rua. A turma, que veio da universidade com a Patrícia e passeava pela comunidade, viu tudo. Uma assistente social fotografou o que os policiais fizeram, e depois anotou o número

de registro de um deles. *O policial também anotou o número de registro dela na prefeitura.*¹

Pela manhã, Lídia acorda e vai com um carrinho de mão até a Casa Chico Mendes para pegar os alimentos do Mesa Brasil², com o propósito de distribuí-los a algumas famílias da Comunidade. Começou com essa atividade partindo de sua própria necessidade alimentar e, pouco depois, já distribuía alimentos para os outros. Deste modo, foi se constituindo como uma “cuidadora” da Comunidade. Antes do dia terminar, ela recolhe pelas ruas e becos a cota de reciclagem que lhe cabe. De tudo o que pode ser retirado do lixo, além de seu sustento, ela aos poucos vem recolhendo uma coleção muito variada de brinquedos, com especial atenção para bonecas. Encontra-se, num espaço reservado de sua casa, o que ela chama de “museu de brinquedos”. Atualmente, Lídia está negociando junto à Secretaria de Habitação de Florianópolis um espaço para montar um museu comunitário de brinquedos.

Maria também acordou cedo. Depois de preparar o café saiu para mais um dia de trabalho. Hoje não é quinta-feira, de forma que não vai aparecer para a oficina que “tece histórias de vida”³ na Casa⁴. Durante o ano passado, depois de longos anos de encontros e desencontros, as mulheres escreveram um livro, no qual cada uma contou sua história⁵. Maria, embora analfabeta, colocou a sua história no papel, contando-a com o auxílio do grupo⁶. No lançamento do livro na UFSC e na Casa, ao

¹ As falas colocadas em itálico, no texto, foram produzidas por meio das entrevistas e, também, provem dos diálogos das pessoas comigo, ou em grupo nas ocasiões em que estive presente na Casa. Estas foram posteriormente transcritas em Diário de Campo, numa tentativa de sempre reproduzi-las o mais fielmente possível. Os relatos a seguir foram escritos com base em observações e registros. Todas as pessoas, cujos nomes aparecem no texto, autorizaram a sua divulgação mediante termo de consentimento livre e esclarecido.

² O Mesa Brasil SESC é um Programa de segurança alimentar e nutricional sustentável, que redistribui alimentos excedentes apropriados para consumo fora dos padrões de comercialização. (<http://www.sesc.com.br/mesabrasil/apresentacao.html>)

³ Trata-se do grupo denominado “Tecendo Vida”. Composto por mulheres da Comunidade com mediação da educadora Sandra Ribes, que trabalha voluntariamente na Casa. O grupo se encontrava periodicamente na Casa Chico Mendes para fazer “fuxico” e conversar.

⁴ Todas as vezes que aparecer no corpo do texto a palavra *Casa* com a primeira letra maiúscula, estarei me referindo a Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, organização não governamental, mais conhecida como Casa Chico Mendes. O mesmo se aplica à palavra *Comunidade*, que, sempre quando escrita com C maiúsculo, significa o mesmo que Comunidade Chico Mendes.

⁵ Trata-se do livro *Mulheres da Chico*, organizado por Sandra C. Ribes. Ele foi publicado em 2008 pela editora Companhia dos Loucos. Este foi um trabalho composto a partir de oficinas, denominadas de “Tecendo Vida”, com mulheres da comunidade, resultando na edição deste livro no qual havia a biografia de seis de suas participantes.

⁶ Um pouco mais do processo de construção do livro pode ser acompanhado na edição de número 13 da revista *Pobres e Nojentas*, do ano de 2008. O Grupo, mesmo depois da

lado das colegas que junto formaram a mesa, teve o reconhecimento garantido com a venda de todas as cópias da edição.

Valderi, logo cedo, entra na Casa Chico Mendes para mais um dia de trabalho. Assim que entra, já sente o cheiro de café que vai tomando conta do ar da cozinha. Cumprimenta o Dodô, que está junto à pia derramando água quente no filtro, e os dois juntos aguardam as crianças do “Projeto Esperança” chegarem para mais um dia de oficinas. Valderi, que há alguns anos frequenta a Casa participando de inúmeros projetos, hoje assume o papel de coordenador.

Há cinco anos que Felipe mora na Casa com Dodô. Escolheu não se envolver diretamente com os projetos da Instituição neste momento. Quebra um e outro galho para ajudar o pessoal, mas está mesmo envolvido em conseguir um trabalho e passar no vestibular.

Chica e Seu Antônio têm se revezado na diretoria da Casa. Chica, que agora é a diretora, sempre dá uma passadinha durante a tarde, quando não está cumprindo seu horário de serviço na Companhia de Melhoramentos da Capital (Comcap), empresa de economia mista que cuida da limpeza de Florianópolis, onde muitos dos moradores da Comunidade trabalham. Chica veio do Piauí para Santa Catarina. Ela é uma das pessoas que, no início dos anos noventa, deixou os seus filhos passando a noite numa igreja, e saiu de madrugada para ocupar, antes do amanhecer, o lugar em que hoje se encontra seu bairro, sua Comunidade. Deixar os filhos aos cuidados da Igreja e fazer a ocupação durante a madrugada gelada de um sábado, anterior a um feriado, fazia parte da estratégia para que a ocupação estivesse organizada antes que o poder público e a polícia pudessem intervir⁷.

Seu Antônio vem dia sim, dia não, pois é dessa forma que seu horário de plantões, como porteiro de um edifício do centro da cidade, o permite. Sempre bem informado sobre os acontecimentos políticos locais, coloca-se à disposição para uma boa conversa com as pessoas que frequentam a Casa, ao mesmo tempo em que lhes faz cobranças em função de alguns projetos da Instituição não terem o andamento devido. Ressente-se muito pelo fato de não ter recebido votos suficientes dos moradores locais, nas últimas eleições, para se eleger vereador, mesmo depois de vinte anos de trabalhos dedicados à Comunidade.

publicação, continuou se reunindo periodicamente na Casa Chico Mendes até o ano de 2010, sob coordenação de Sandra C. Ribes.

⁷ Para saber um pouco mais sobre a história da ocupação do local onde hoje se encontra a Comunidade Chico Mendes, ver entrevista de Chica, reportagem de capa da *Revista Pobres e Nojentas*, 2007, ano 1, n. 6, março/abril.

David já não vem mais para suas conversas casuais. Conhecido como “Bomba”, por ser um rapaz muito forte, sempre aparecia para tomar um café e dar umas risadas, ao mesmo tempo em que ganhava um e outro conselho do Dodô, que lhe dizia para que não se apaixonasse por suas clientes, ou o orientava a encontrar saídas para que elas “largassem do seu pé”. Faleceu recentemente em um acidente de moto, deixando como lembrança algumas fotos tiradas num divertido encontro com o pessoal da Casa no dia que antecedeu o acidente. Passados alguns dias do acidente, algumas pessoas se reuniram para ver as fotos e escrever um texto sobre David.

Dona Natália e Dona Sônia seguem na labuta durante todo o dia para manter a infra-estrutura da Casa. A primeira é muito criativa e cuidadosa na cozinha, e a segunda bem dedicada com a limpeza. Sônia andou meio cabisbaixa nesses últimos tempos. Dona Natália e seu marido têm aparecido no curso de alfabetização de adultos oferecido pela Casa, para aprender a ler e escrever, mesmo depois de ter completado cinquenta anos de idade.

Ultimamente está um pouco difícil reunir em grupo os jovens dos projetos de empreendedorismo comunitário⁸, mesmo assim, eles sempre aparecem para trocar ideias, sendo que, *no entendimento deles, mesmo que de forma lenta, o projeto ainda acontece. Cada um tem seu tempo*⁹.

Um dos meninos tem aparecido menos. Andou mais tranquilo no curto espaço de tempo em que as bandeiras brancas no alto de cada comunidade significavam uma trégua entre grupos rivais. Mesmo depois de a polícia haver retirado as bandeiras, a trégua segue valendo, mas é uma paz ainda tensa, delicada e inócua, não dá para confiar muito.

A Casa Chico Mendes se define neste trânsito contínuo de vidas, no qual as pessoas aparecem nem que seja para uma conversa rápida, ou para pegar a correspondência, aprender a ler, trabalhar, ter um lugar para viver com dignidade, compartilhar uma refeição ou reparti-la pela comunidade. É este lugar que *eu conheci soltando pipa em cima da laje e agora é minha casa; lugar onde a gente aprende a ser feliz*, que é vivido, construído, tangenciado pelas histórias de vida que ali circulam. Este lugar que *é a soma de cada presença e que é ao mesmo tempo parte de todos nós*¹⁰.

⁸ Trata-se do projeto “Jovens Empreendedores”, administrado pela Casa Chico Mendes em parceria com o Instituto Comunitário de Florianópolis. No âmbito do projeto, os jovens estavam desenvolvendo uma brinquedoteca e um *Cyber* Comunitários.

⁹ Fala de um dos coordenadores do projeto, em uma das situações de avaliação em grupo.

¹⁰ Momentos antes de ser servida uma refeição no dia do aniversário de 15 anos da Casa, houve um momento em que cada um que estava presente falava um pouco sobre a sua experiência na

1. OS PRIMEIROS ENCONTROS: CAMINHO SINUOSO EM COMPANHIA DE IDÉIAS E INTERROGAÇÕES

A Comunidade Chico Mendes, lugar escolhido como campo para esta pesquisa, é descrita, em um relatório da Prefeitura Municipal de Florianópolis, como a área do município que detém a maior concentração de famílias em situação de pobreza, precariedade de infraestrutura urbana, incremento de problemas sociais e também com áreas de risco. A Comunidade está localizada na parte continental de Florianópolis, às margens da via expressa, que liga a Ilha de Santa Catarina à BR 101, é considerada pela mídia local como um dos lugares mais violentos e perigosos da cidade.

Chico Mendes é uma das nove comunidades que compõe o Bairro Monte Cristo, cuja população, de acordo com dados obtidos de documentos das Irmãs Catequistas Franciscanas ultrapassa os 30 mil habitantes (RIBES, 2005). Moradores locais estimam que a população circunscrita na delimitação espacial da Comunidade Chico Mendes chega a alcançar os 5.500 habitantes. Grande parte de seus moradores, proveniente do interior do estado de Santa Catarina, veio para a capital em busca de melhores condições de vida (LIMA, 2003). O empobrecimento dessas pessoas, iniciado no campo, acentuou-se na cidade e ganhou contorno diante do “choque das estruturas sociais injustas com os desejos de felicidade e cidadania, presente na vida e nos sonhos de todas as pessoas” (LIMA, p. 26).

Neste contexto da Comunidade Chico Mendes, é importante situar a Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes. Esta Associação, mais conhecida como Casa Chico Mendes, é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que está presente na Comunidade desde 1994. Tem como princípios gerais o resgate da auto-estima, a humanização das relações e a construção da cidadania (LIMA, 2003).

A Instituição se mantém financeiramente através de convênios com órgãos públicos, contribuições de associados e doações. A Casa Chico Mendes desenvolve atividades de arte/educação para crianças no contraturno escolar. Nela há diversos projetos voltados a jovens e adultos, tais como grupos terapêuticos, alfabetização, assistência social e

instituição. As três falas que aparecem entre aspas, neste último parágrafo, foram retiradas das falas de alguns dos presentes na ocasião, exceto uma delas, que foi dita em um grupo focal alguns meses antes.

psicológica, organização comunitária, projetos de economia solidária e formação para professores.

Um pouco mais sobre a Casa pode ser dito aqui, tomando de empréstimo a voz de pessoas que ali vivem e trabalham:

A Casa Chico Mendes é um centro de atividades comunitárias onde são realizados projetos com crianças, adolescentes, jovens e mulheres. Essa ONG desenvolve trabalhos com adolescentes e jovens em situação de risco, que são os projetos: “Nossa Casa” no período noturno e o “Café com Livros”, aos sábados de manhã. O projeto nossa casa une os jovens, oferecendo um espaço de lazer associado à informação, cultura e educação, formando lideranças e dando a eles as oportunidades e direitos que lhes foram tomados. O café com livros por sua vez atende os mesmos objetivos do projeto nossa casa, somando o conhecimento adquirido na leitura, com o processo de desenvolvimento pessoal onde os jovens tomam seu café, discutem sobre os temas apresentados após a leitura e comentam seus sentimentos. Além desses projetos acontecem também os de geração de renda: O Fundo Comunitário de Empreendedorismo Social Jovem, que tem como objetivo apoiar o jovem empreendedor no início de sua capacitação, e que o empreendimento contribua de alguma forma para a comunidade. E o “Fuxico”, como é chamado o trabalho com as mulheres no sentido de que elas aprendam nas oficinas a produzirem objetos artesanais, para o aumento de suas rendas. Por fim, o projeto “Esperança” que trabalha com crianças e adolescentes na faixa de sete a dezesseis anos, onde as crianças frequentam meio período em horário alternado a escola. Com café, almoço, lanche e janta eles se preparam para as atividades. E assim a Casa Chico Mendes vem se tornando um exemplo de organização na contribuição para o desenvolvimento social e também servindo como referência na comunidade.¹¹

Chama a atenção observar, em um dia corriqueiro da Casa, o número de pessoas que vem para verificar a correspondência¹², aqueles

¹¹ Texto, inédito, foi produzido por Valderi e Felipe para um projeto da Casa. Ambos participam assiduamente das atividades da Casa Chico Mendes.

¹² Durante muito tempo os correios restringiam sua circulação pela Comunidade. Para minimizar o problema, a Casa disponibilizou várias caixas postais para a utilização dos

que chegam à Casa procurando pelo Dodô¹³, os adolescentes que entram por alguns minutos, ficando sentados no sofá próximo à porta de entrada e, também, outros que vêm para perguntar se “ainda tem um pretinho”, dirigindo-se até a cozinha para se servir de uma xícara de café. São jovens que vem para o almoço, lideranças comunitárias, pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas em lutas cotidianas na comunidade, ou que passam para contar uma novidade boa ou dividir tristezas, dizer que conseguiu um emprego e que começa a trabalhar na próxima segunda-feira; ou, ao contrário, que foi despedido, ou que não conseguiu trabalho por ser morador da Comunidade. Enfim, pessoas que frequentam a Casa e acabam por constituir um fluxo de encontros no cotidiano.

Reconstruindo os diálogos que ocorrem nestes espaços, tem-se uma noção de como a vida vai formando uma tessitura, sendo compartilhada entre as pessoas que a compõe no cotidiano¹⁴. Trago aqui, a título de ilustração, um trecho de meu diário de campo, no qual tentei retomar alguns momentos de trocas e conversas experienciadas em um dos contatos com a Casa:

Cheguei até a Comunidade no fim da tarde de hoje após uma chuva torrencial. Desembarquei do “Chiquinho”¹⁵ no outro extremo do beco que leva a Casa Chico Mendes. O beco estava todo alagado e foi difícil atravessá-lo sem molhar os pés. Em algumas das casas estavam seus moradores passando o rodo para tirar o excesso de água da chuva que os havia invadido. Logo na entrada da Casa estavam conversando Dodô, Sandra e Seu Antônio. As atividades do projeto esperança já

moradores da comunidade. Mesmo que agora o carteiro circule pelo bairro, essas caixas foram mantidas, de forma que muitas pessoas passam por ali para verificar a correspondência.

¹³ Donizeti José de Lima, conhecido como Dodô, é fundador e um dos moradores da Casa. Durante muitos anos assumiu o papel de coordenador da Instituição. É uma das referências mais conhecidas na Comunidade Chico Mendes.

¹⁴ Cotidiano, significa aquilo que é habitual ao ser humano, ou seja, está presente na experiência do dia-a-dia, indicando o tempo no qual esta acontece e a relação espaço temporal na qual se dá a experiência (MAFFESOLI, 2003). A expressão não se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, ao contrário, cotidiano é tudo o que temos: é o fluxo de acontecimentos corriqueiros e de acontecimentos que ocorrem nos lugares e micro-lugares onde se leva a vida com suas sociabilidades e materialidades, produtos e produtores de vários processos sociais e identitários. “Denso, o cotidiano se compõe de milhares de micro-lugares; não é um contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo. Os micro-lugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que os construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente e sem fim” (SPINK, 2008, p. 71).

¹⁵ “Chiquinho” é um apelido carinhoso que os moradores da Comunidade atribuíram ao micro-ônibus que faz a linha “Chico Mendes”, partindo do centro da cidade.

havam sido encerradas às 17 horas e as crianças não estavam mais por ali. Sandra esperava as mulheres do grupo “tecendo vida” para iniciar mais uma reunião. Seu Antonio me trouxe a novidade: está escrevendo uma autobiografia com auxílio técnico da Sandra e já se preocupava com o lugar para o lançamento do livro, trazendo-me uma fala que me deixou atento: “o lançamento do livro tem que ser aqui na Casa, afinal, é uma história de vida aqui, 20 anos aqui”. Essa fala do seu Antônio me lembrou de uma nota de rodapé na tese de Patrícia Lima (2008) em que ele diz “essa Casa é a minha vida!” e também de outra situação, no encerramento de um grupo focal, em que um dos participantes relatou para o pesquisador que “a Casa é o lugar onde a gente aprende a ser feliz”. Essas frases me fazem pensar com espanto nos sentidos¹⁶ que os sujeitos atribuem as suas vivências mediadas pela Casa (!!!).

Dodô me contou que Valderi saiu da casa dos pais e veio morar ali. Na mesma semana, Doio resolveu voltar a morar na Casa, mas só por uns tempos¹⁷. Fiquei particularmente impressionado com esta nova notícia, de uma vez só duas pessoas a mais estariam vivendo na Casa e Dodô me contou a notícia com a maior naturalidade, como se me dissesse que havia ido até a esquina comprar pão para tomarmos café. Na cozinha, no outro extremo da Casa, Felipe e Valderi estavam comendo pão com margarina e tomando café enquanto a Dona Natália terminava as últimas limpezas do dia. Tomei uma xícara de café com eles. Felipe me contou que ainda está em dúvida quanto a escolha do curso universitário; Valderi vai tentar vestibular para história. Depois do café, fui aos

¹⁶ Quando faço referência ao conceito de “sentidos”, quero dizer que no sujeito existe uma base afetiva e volitiva que o sustenta (VIGOTSKY, 1992). Desta forma, falar de sentidos envolve o afeto pelo qual o sujeito se posiciona diante da realidade e a compreende, por meio de uma ética e de uma estética. O sentido traz a forma pessoal e singular do sujeito na apreensão daquilo que o cerca e entra em relação consigo. Ou seja, quando o sujeito se refere a palavra Casa, traz a compreensão singular que circula tudo aquilo que a Casa pode assumir para a sua vida, considerando a forma como a Casa aparece inscrita em sua história e em sua maneira de experienciar a palavra *sentida*.

¹⁷ A Casa tem dois pisos. No andar térreo, cujo espaço é destinado totalmente a ONG, encontram-se dois escritórios, uma sala de atividades, cozinha, dois banheiros, despensa, lavanderia e o hall de entrada onde estão as caixas de correio e um sofá. No piso superior, ocupando metade do espaço, há outra sala de atividades, uma biblioteca e uma sala de informática desativada. Na outra metade, dois quartos, uma sala, banheiro e cozinha, para a utilização dos moradores.

fundos da Casa onde Dona Natália estava fumando um cigarrinho, já no final do expediente. Mostrou-me uma garrafa pet com bitucas de cigarro imersas em água. Segundo ela, foi a Dona Lídia que lhe falou para fazer essa mistura, pois era um bom veneno para combater as lagartas comedoras das plantas que ela vem cuidando ali nos fundos da Casa: “não sei mais o que fazer com esses bichos, André” (Diário de Campo, 10/11/2009).

Foi a partir das experiências¹⁸ dentro das diversas possibilidades de encontros, que ocorrem circunscritos a Casa Chico Mendes, que começou a se delinear o tema para esta pesquisa. Frequentando periodicamente a Casa, pouco a pouco fui me questionando sobre as relações entre os sujeitos em seu cotidiano. Este questionamento partiu de inquietações tanto teóricas quanto práticas levantadas, principalmente, a partir de trabalhos anteriores desenvolvidos na Comunidade. A questão do encontro, compreendido no âmbito das relações cotidianas, já se fazia presente em grupos anteriores quando eu trabalhava na Comunidade como capacitador de projetos sociais, desenvolvidos e financiados pelo Governo Federal, mas administrados pela Prefeitura, entre 2006 e 2007.

Percebi que nestes encontros, principalmente, as relações, que se constituíam entre os integrantes dos grupos, eram o que estava em jogo. Priorizava-se o estar junto em detrimento das questões formais e norteadoras do projeto que de início o sustentava. Estava constituído ali um espaço que, pouco a pouco, mostrava possibilidades de potencialização, cuja pauta partia sempre de questões do cotidiano dos participantes. Surpreendia-me a crescente energia e disponibilidade para estarmos presentes na roda, ao mesmo tempo em que eu tentava fazer parte deste encontro que se delineava, deixando como fundo os objetivos do projeto, e os conhecimentos teóricos, metodológicos e as técnicas adquiridas no contexto acadêmico¹⁹. A partir desta base, abriu-

¹⁸ A palavra *experiência* e suas derivadas serão muito utilizadas ao longo de todo o percurso desta dissertação. É importante situar que quando me refiro à experiência, fundamento o seu conceito em Jorge Larrosa, que significa não aquilo que passa, acontece, toca, mas o que nos passa, nos acontece, nos toca. É um saber que não pode se separar do indivíduo concreto a que encarna e somente tem sentido no modo como configura “[...] uma forma humana singular de estar no mundo que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (LARROSA, 2001, p. 7).

¹⁹ Já aqui se fazia presente a ideia de que seria muito difícil desenvolver uma pesquisa cuja base epistemológica me colocasse “fora do contexto da comunidade”, utilizando-me somente de saberes acadêmicos formalmente constituídos para, a partir disso, fazer uma leitura do

se a possibilidade para que, a cada dia, pudéssemos inventar algo novo a desenvolver, sem a preocupação de exprimir resultados concretos e imediatos. E foi nestes encontros que os sujeitos puderam aparecer de forma espontânea, expressando-se por meio de suas histórias, suas singularidades, pautadas em expressões carregadas de valor afetivo, e descobrindo novas formas de objetivações.²⁰

No ressoar desta experiência deu-se a continuidade de minha presença na Comunidade. Passei a frequentar a Casa Chico Mendes a partir de uma postura que superava a atuação profissional dentro de seu enquadramento formal. Foi no processo de conhecer mais de perto a Casa e seus moradores, as diversas pessoas que a frequentam diariamente pelos mais variados motivos, os funcionários que ali trabalham, transitando pelos espaços de encontro, constituídos tanto formalmente como ao acaso, que o tema dos bons encontros acabou se corporificando numa inquietação crescente. Nesta prática, comecei a perceber que algumas leituras estavam atravessando-me junto a minha experiência em campo, e as interrogações começaram a “pipocar”. Passei a me perguntar, ao mesmo tempo em que vivia na pele a força da experiência destes encontros, se o que eu estava vivendo ali se correlacionava com uma ética pautada nas relações cotidianas. Questionava se as relações que se transversalizam na Casa a constituem como um “lugar de calor” (SAWAIA, 1995), ao mesmo tempo em que seus frequentadores são constituídos por este lugar; ou, de alguma forma, provocam experiências significativas pautadas em experiências éticas e estéticas.

Ao iniciar as primeiras tentativas de objetivar uma proposta de pesquisa, passei a delinear os primeiros traços de uma postura epistemológica a ser adotada, ao mesmo tempo em que surgiram propostas metodológicas inspiradas em Spink (2008), que vê no cotidiano a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas participativas. Spink defende que o cotidiano é tudo o que temos e o afirma como lócus a ser explorado em pesquisas, localizando o pesquisador como mais um ator a constituir este campo.

Tendo como pano de fundo teórico os pressupostos e autores da psicologia social crítica, com especial atenção para Sawaia (1995, 1999, 2001, 2006, 2009), que em muito norteou meus andares pela

contexto. A proposta que me marcava era a de com-partilhar um processo de pesquisa com as pessoas que se mostrassem disponíveis a participar.

²⁰ Sobre esta experiência, ver artigo titulado “A criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades”, em co-autoria com Beatriz Santa, Francyne Wolff Werner e Kátia Maheirie, disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br>.

Comunidade, fui desembocando em pressupostos da chamada esquizoanálise, na medida em que o campo “chamava” por estas leituras. Contudo, eu não excluía as diferentes pesquisas realizadas em campo comunitário e, ainda, levava em conta minhas experiências de pesquisa e trabalhos comunitários durante a graduação. Assim, comecei a me questionar de que forma as leituras teóricas se faziam presentes em campo e direcionavam meu olhar para estes pequenos acontecimentos. De início, as interrogações se voltaram principalmente para a minha percepção da Casa como um “lugar de calor”. Já se apontava, de forma clara, a percepção deste ambiente como um espaço que vai além da formalidade na gestão e desenvolvimentos de projetos sociais. Mais do que isso, a Casa pode ser admitida como ponto de encontro e trocas cotidianas, onde confluem diversas pessoas com as mais variadas histórias de vida. Em muitos encontros em que estive presente, pude perceber aquele espaço como um lugar de acolhimento constituído por todos, num espaço onde se constrói uma postura que presa pela aceitação e respeito à diversidade, em que todos são convidados a fazer parte da “roda”, seja lá qual for a sua história. Sawaia (1995) ampara este ponto de vista ao teorizar sobre o “lugar de calor”. Sobre este tema, a autora escreve que:

O que produz o calor do lugar é a segurança e uma forte dose do sentimento de sentir-se gente entre pares. Uma vez definido, ele se torna o ponto de referência dos nossos direitos e reivindicações enquanto cidadãos, o lugar onde a noção abstrata de igualdade de direito é referendada por experiências partilhadas de sobrevivência (SAWAIA, 1995, p. 23).

Entendi a Casa Chico Mendes como um “lugar de calor” constituído pelos sujeitos que a frequentam e que fazem parte de seu cotidiano; tal foi a impressão que por vezes borboleteou na lâmpada que eu acendia para melhor enxergar o que acontecia ali.

Estas imagens teóricas persistiram coladas em meu olhar, cujo foco de atenção se aprumou para os bons encontros. Estes, cada vez com mais intensidade, me traziam o entendimento de que a força das relações ali construídas superava vários paradigmas sociais de produtividade e de assistencialismo, de forma que o olhar também se abriu para a questão da emoção e dos afetos intrínsecos ao grupo. Ou seja, uma ética que ali se delineava e que

[...] como expressões das emoções coletivas, constituem uma verdadeira *centralidade subterrânea*, um querer viver irreprímível que deve ser analisado. Há uma autonomia em formas banais da existência que, numa perspectiva utilitária ou racionalista, não possuem qualquer finalidade, embora não sejam menos carregadas de sentido, mesmo se este esgota *in actu* (MAFFESOLI, 2005, p. 12-13).

Passei a problematizar a ética como base para a construção deste lugar, dando respaldo para a composição das relações que ali eram experienciadas. Cabe esclarecer que esta ética não se resume a um conjunto normativo acordado pelos sujeitos, e sim à ética das relações entre os seres humanos, fundamentada, principalmente, nos escritos de Espinosa e reelaborada por autores contemporâneos, como Deleuze (2002), Sawaia (2009) e Chauí (1995). Uma ética que, entendida como “[...] uma tipologia de modos de existência imanentes, substitui a moral, a qual relaciona sempre a existência de valores transcendentos” (DELEUZE, 2002, p. 29), está voltada para as relações entre os sujeitos, calcada na afetividade.

Ao frequentar a Casa Chico Mendes, passei a observar e a conviver com pessoas cuja história de vida transversalizam aquele espaço, compondo estes encontros. Participar de alguns grupos, sejam eles formais ou informais²¹, me fez ficar atento para as relações que fortaleciam a “potência de ação” (SAWAIA, 2001) de seus participantes, como também aos processos de criação que, a meu ver, auxiliavam na composição e (re)significação de suas biografias.

O direcionamento do olhar, tendo como base as experiências junto às relações compostas na Casa, se voltou para o papel da relação estética nos encontros, pois esta era a “ferramenta” que eu estava tentando utilizar para fazer uma leitura das afetividades presentes naquele contexto. Acompanhar o processo de criação do livro *Mulheres*

²¹ Chamo aqui de grupos formais aqueles que são constituídos tendo sua base em um objetivo ou alguma característica institucional, formados por projetos sociais, como os grupos *cyber* e *brinquedoteca comunitários* em que eu assumia a coordenação. Quando escrevo “grupos informais”, refiro-me os grupos que são formados espontaneamente, como grupos de jovens que aparecem para jogar pingue-pongue, assistir a algum filme, tomar café, conversar etc...

da Chico²² foi uma boa oportunidade para experienciar a ocorrência de relações estéticas e processos criativos.

Não só especificamente neste projeto, mas também dentro de outros encontros que aconteciam ali, podia entender a relação estética como uma forma de afetação que transforma o olhar sobre o mundo, propiciando novas possibilidades de significações. Participando dos grupos, por vezes, via emergindo nos encontros e trazendo consigo possibilidades que, simultaneamente, propiciam o acolhimento do grupo e a mudança de postura diante da vida ao possibilitar ao sujeito abrir-se para uma nova maneira de ser afetado. É neste processo que se compõe a constituição do olhar sobre si e sobre o outro, com vistas a engendrar novos processos de subjetivação.

Ao buscar novas bibliografias com a intenção de direcionar os estudos e reflexões, foi que me deparei com a questão dos encontros trazida por Espinosa (2009) em sua *Ética* e complementada por leituras de Deleuze (2002). Estas leituras circunscreveram as experiências em campo, processo que veio a delinear novos apontamentos, abrindo outros caminhos e subvertendo a meta. Segundo este último autor, é nos encontros que as pessoas se definem e, mais ainda, neles todos os seres são definidos. Ou seja, um corpo quando encontra outro corpo é afetado neste encontro e é a partir desta afetação que o ser se define. A ética então se presentifica como condição deste processo; ela é a afetação que toma o ser quando ocorre o encontro (DELEUZE, 2002). Desta forma, o homem é definido pelos afetos de que é capaz. Para Pelbart, de acordo com sua leitura de Espinosa, um indivíduo se define pelo seu grau de potência, certo poder de afetar e de ser afetado, e esta “é sempre uma questão de experimentação. Não sabemos ainda o que pode o corpo, diz Espinosa, só o descobriremos ao longo da existência. Ao sabor dos encontros” (2009, p. 1).

Neste sentido, a questão dos encontros se fez presente no caminho desta proposta de pesquisa, caminho este ladrilhado pela *Ética* espinosiana, pautada, fundamentalmente, na concepção de encontros, sobre a qual discorrem Deleuze, Sawaiia, Pelbart e outros autores. Procurando dar mais enfoque à questão dos encontros éticos, delinheiro novas possibilidades teóricas. Este caminhar sugere um novo recorte que recai sobre a forma das relações que ocorrem no contexto da Casa

²² A questão da estética esteve presente em vários momentos durante os encontros, seja a partir da afetividade, da retomada das histórias de vida, por meio objetos pessoais de valor simbólico ou nas oficinas fotográficas para compor as fotos que acompanham as histórias.

Chico Mendes, apresentando as características dos encontros éticos de Espinosa.

A ética seria um estudo das composições, da composição entre relações, da composição entre poderes, dos modos de existência tal ou qual composição. Não se trata de seguir qualquer mandamento, cartilha prévia, ou receita, mas de avaliar as maneiras de vida que resultam desta ou daquela composição, deste ou daquele encontro, desta ou daquela afetação. Se o indivíduo se define pelo seu poder de afetar e ser afetado, de compor-se, a questão se amplia necessariamente para além do indivíduo, e concerne o leque de seus encontros (PELBART, 2009, p. 2-3).

A partir disto surge a proposta de entender estes encontros sobre um enfoque ético e estético, uma vez que há afeto, ou seja, uma das bases para a abertura de processos de subjetivação. Admitindo a Casa Chico Mendes como um lugar em que ocorrem estes encontros, constituído pelos seus frequentadores, cujas relações se compõem de forma que suas biografias são transversalizadas por estas experiências, interessa-nos saber para esta pesquisa de que forma estes encontros estão presentes no cotidiano e história de vida dos sujeitos frequentadores da Casa. Para isto, lançamos as seguintes questões:

- a) Como estes encontros se fazem presentes na biografia dos sujeitos envolvidos?
- b) Qual é o lugar das relações éticas nestes encontros?
- c) Como se dá a implicação do sujeito nestas relações, e quais processos de subjetivação e criação a ele são possíveis?
- d) Quais são os sentidos que os sujeitos atribuem aos encontros circunscritos na Casa?

2 RELAÇÕES METODOLÓGICAS

Hoje cheguei à Comunidade um pouco mais cedo do que o habitual, com a intenção de dar uma passada na casa da Chica para conversarmos um pouco sobre a Casa Chico Mendes. Ainda pela manhã, já havia telefonado para combinarmos o encontro para um café e uma conversa.

Este encontro com Chica me mostrou muito sobre a Casa Chico Mendes. Foi, na verdade, uma surpresa: durante o tempo em que estivemos juntos aconteceu muito pouco do que eu imaginava que poderia acontecer antes de nos encontrarmos. Eu esperava me encontrar com a Chica para que ela me contasse a história da Casa e sua implicação pessoal com esta história. Foi mais ou menos isso que eu disse pelo telefone. Quem sabe eu gravaria a conversa, quem sabe não. Combinei comigo mesmo decidir sobre isto no momento do encontro.

Quando cheguei a sua casa, do portão avistei Chica no piso superior da residência, estendendo roupas no varal. Pedi para que eu entrasse e esperasse por ela. Entrei, as portas estavam abertas e a casa impecavelmente organizada. Olhei para os sofás e imaginei que nos sentaríamos ali para conversar, mas logo vi que a mesa estava posta na cozinha. Diante desta imagem, decidi, por intuição ou algo parecido, não usar o gravador neste encontro.

Chica desceu as escadas e nos sentamos em seguida. A mesa estava arrumada com toalha, xícaras com pires, pão, talheres, doce de leite, queijo, margarina, tortinhas salgadas.

Esta forma com que Chica me recebeu diz muito sobre a Casa. Todo o acolhimento posto na estética da mesa refletiu em mim as palavras de alguns dos sujeitos que eu já havia entrevistado. Creio que sofri diante da mesa posta um deslocamento parecido com aqueles que me foram relatados por jovens que frequentam a Casa Chico Mendes, em seu primeiro contato com a mesa de café.

Durante o café, a conversa que eu esperava não aconteceu. Não houve grandes informações a serem capturadas sobre a Casa, sobre a Chica, e sobre sua história na comunidade contrabalanceada com a história da Casa.

Houve silêncio, mas um silêncio de presença, no qual eu sentia acolhimento ao mesmo tempo em que percebia na Chica a preocupação em me ajudar com a pesquisa. No entanto, houve mais ternura e menos palavras. Com seu jeito nordestinho de falar, que ainda preserva, – fala calma, tranquila, arrastada um pouco – contou-me que “a Casa é importante porque é de toda a comunidade”, nomeou os fundadores, entre outras informações. Mas o que ficou impresso em minha pele mesmo foi o cuidado do acolhimento, e não o conteúdo. Parecia-me que a Casa Chico Mendes se revelava em sua forma ali naquela mesa de Café, compartilhada entre nós. Para completar, um pequeno acontecimento que colocou um pouco de sal dentro da xícara: durante nosso encontro, Chica recebeu a ligação de uma empresa de cobranças, cobrando uma conta da Casa relativa à instalação da linha telefônica para o projeto do cyber. Era mesmo um encontro representativo da Casa Chico Mendes, pois até mesmo a lembrança da dívida se tornou presente..

Apreendi sobre a Casa compartilhando o silêncio e a presença ao redor da mesa (não foi Espinosa quem falou que precisamos nos alimentar de diversas maneiras, para dar conta de alimentarmos a todo o nosso ser?)

Alimento para o corpo, silêncio que alimenta a alma. Como eu poderia capturar esta experiência usando um gravador? (Diário de Campo, 09/09/2010)

* * *

Encontrar caminhos que levem aos bons encontros – os que já aconteceram e os que estão por vir –, descobrir as manifestações das relações que ocorrem na Casa, encontrando suas formas, cores, tornando-as assimiláveis. Sensações que demonstrem como estas relações se corporificam no sujeito, a forma dele ser afetado, e como isso aparece relacionado à sua biografia; perguntar pelos sentidos das vivências cotidianas. Eis, então, os primeiros apontamentos que conduzem à formulação de caminhos metodológicos para encontrar os encontros. Aqui, a palavra “encontro” vem apegada (traz consigo) a outra palavra: relação.

Acredito que direcionar os caminhos de pesquisa tendo como horizonte a palavra “relação”, denota um primeiro distanciamento no que se refere ao racionalismo científico, da mensuração apegada a “segurança” positivista, da divisão e classificação hierárquica dos

elementos disponíveis para a produção de dados, da linguagem asséptica que demonstra a imparcialidade do pesquisador. Considerar que um processo de pesquisa passa, acima de tudo (e antes de qualquer coisa), pela relação entre as pessoas e os lugares envolvidos. Isto pede por uma reflexão de caráter epistemológico, que esteve presente já desde o início deste processo de pesquisa.

É neste sentido que me incluí do campo de pesquisa, me colocando como parte dele, sem negar a subjetividade que interfere e ajuda a regular o enfoque sobre o que está sendo mirado. Ao estar presente, mantive-me no campo como parte dos processos e eventos que ali ocorreram e ocorrem (relatando, buscando informações, escutando, fazendo parte das conversas e do cotidiano).

No processo de pesquisar, o pesquisador é permeado por uma série de transversalidades, sejam elas políticas, éticas ou afetivas, que interferem no processo. Desta forma, fiz-me presente no campo pela aceitação dos sujeitos que ali estiveram, compartilhando os eventos e acontecimentos cotidianos. Estive presente por meio de minha escuta atenta em diversas situações. Acompanhava uma oficina com jovens ou com mulheres; subia na caixa de água da escola para instalar uma antena de transmissão de ondas FM. Também ajudava uma criança com o dever de matemática; contribuía na arrecadação de verbas para comprar uma bicicleta a ser presenteada; compartilhava o desejo de tranquilidade no fim de um dia difícil, no qual apareceram vários desafios desgastantes. Enfim, afetava e era afetado: sonhando junto, indignado-se junto, disponibilizando-me para a relação. Enquanto estive presente em campo, não apenas estive ali para coletar informações relevantes ao processo de pesquisa, pois marquei presença não apenas como pesquisador, mas também como sujeito, como singularidade. Encontrar os encontros passa longe de olhá-los de fora, descrevendo-os. Encontrar os encontros é, principalmente, fazer parte deles.

O conhecimento é sempre uma produção humana que nasce da interação com o mundo. Os afetos estão no dever presente, de modo que é preciso afetarmo-nos junto com nosso conhecimento, assim como conhecer junto a nossos afetos. E não ‘raciocinarmos’ por sobre eles, numa separação entre sujeito e objeto (MARTINS, 2000).

A pesquisa feita *com o campo*, ao invés de *no campo*, indica a valorização dos conhecimentos que são produzidos no próprio viver cotidiano e que, muitas vezes, não são circunscritos à academia. Trata-se de *conhecer junto* ao outro e não *sobre* o outro.

[...] como membros de uma sociedade de classes, em que o saber tem um poder político e se constitui em um forte componente de poder, havíamos aprendido a desvalorizar os conhecimentos produzidos através da experiência ou de uma lógica não científica. Esta concepção justifica a opressão política e ideológica das classes populares: por serem incapazes de fazer ciência, de formular seus interesses, é que ‘precisam’ ser sempre conduzidas, direcionadas (TIRIBA apud CORREIA, 2009, p. 54).

Fazer pesquisa *com* o campo traz a tentativa de evitar o discurso que se afirma como científico, o qual acaba por desqualificar outras formas de saberes não institucionalizadas. Ao evitar cair nesta recorrência é que se empreende o esforço para a criação de relações igualitárias no processo de pesquisa. O que evita a naturalização do papel do pesquisador como o sujeito que detém o saber sobre um determinado grupo e que vai ao campo buscar dados para confirmar este saber. “Trata-se de mexer na ordem construída, provocar inquietações e movimentos na medida em que se faz da psicologia um campo permeável a outros saberes e à produção do novo, da pesquisa e da intervenção como algo que conduza ao imprevisível” (HÜNING; GUARESCHI, 2008, p. 52), saindo do lugar que mostra como o outro pode ser representado.

A escolha resultante passou ao largo da noção de sujeito/pesquisador, ou então, campo/pesquisador e fluiu para a concepção de campo-tema, a qual é discutida por Spink (2003) e outros pesquisadores. Nesta perspectiva, campo-tema, não é um universo distante, fragmentado no processo de pesquisar e não relacionado com outros aspectos da pesquisa e da vida, recaindo na noção de um universo empírico ou um lugar para fazer observações (ibid.). Em contraponto, encontra-se uma relação com o saber que

[...] é um conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um ‘conteúdo de pensamento’, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma oportunidade, uma obrigação etc., de qualquer modo ligados ao aprender e ao saber – daí ela é, também, uma relação com a linguagem, uma relação com o tempo, uma relação com a

atividade no mundo e sobre o mundo, uma relação com os outros e uma relação consigo mesmo, como mais ou menos capaz de aprender tal coisa em tal situação (CHARLOT apud GAUTHIER, 1998, p. 183).

Desta forma, fiz o esforço de trazer, para esta pesquisa, a tentativa de entender o campo não como um lugar específico e delimitado, mas como a justaposição de sua materialidade e sociabilidade (SPINK, 2003), interligadas à pesquisa como um todo.

É um processo contínuo e multi-temático no qual as pessoas e os eventos entram e saem dos lugares, transformando-se em versões e produtos que também são feitos por pessoas e utilizados por pessoas em diálogos que podem ser lentos e distantes, mas mesmo assim acontecem (SPINK, 2003, p. 23-24).

É um espaço, criado no complexo de redes de sentidos que interconectam, que acaba por ser herdado pelo pesquisador em seu processo de pesquisa, influenciando na construção da problemática e abarcando *a priori* a própria fundamentação teórica. Segue-se que no processo de pesquisa sempre se está potencialmente em múltiplos campos e, mesmo que possamos variar em relação à nossa centralidade no campo, as matrizes dele estão sempre presentes (SPINK, 2003).

Esta pesquisa, então, não deixa de ser uma produção que passa pela noção de coletividade. Tanto o método como a forma de se estar em campo são definidos como possibilidades de encontro, de relação, compostos não apenas pelas pessoas envolvidas, mas também pelos conhecimentos por elas trazidos.

Isso tudo, partindo do entendimento de que, para a psicologia produzir um conhecimento que possa ser validado, implica em deixar-se afetar e reconhecer-se como um discurso inserido no universo em que estuda, e não a parte dele (HÜNING; GUARESCHI, 2008).

Trata-se de reconhecer que há saberes fora da esfera oficial da ciência, saberes constituídos em práticas políticas cotidianas, no exercício da vida, que desafiam a ordem oficial, ou seja, desafiam toda uma rede de poderes políticos que se constituem atrelados a estes saberes (Ibid., p.50).

É importante situar que esta concepção não exclui a necessidade do distanciamento como processo metodológico de estranhamento, imprescindível à pesquisa. Como recurso metodológico para tal processo, procurei abarcar a proposta de trabalhar o conceito de excedente de visão, sob a forma de um recurso que amplia a forma as maneiras de olhar:

O excedente de visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (BAKHTIN apud TEZZA, 1996, p. 288).

A adoção deste conceito como parte de um arcabouço metodológico não indica que o outro, o sujeito a ser olhado a partir da relação, traz em si um caráter de sujeito acabado, delimitado, completo. Trata-se de tentar alcançar no processo uma visão que, além dos conteúdos explícitos nas formas discursivas, revele os não-ditos, as contradições, as formas de se apresentar o discurso e a polifonia²³ entrelaçadas ao encontro e às expressões.

Sobral (2008) ressalta que essa posição exotópica é um estar fora relativo, pois é uma posição de fronteira, que é móvel. Não ultrapassa o mundo, mas o vê com certa distância com o objetivo de transfigurá-lo na

²³ Polifonia traz a intenção de compreender os fatos como expressos por meio de múltiplas vozes que se articulam dialogicamente, sejam elas expressas de forma verbal, gráfica, sonora, escrita etc, formando um “grande coro de vozes que participam do processo dialógico” (BEZERRA, 2008, p. 194), em relação de interdependência e não acabamento. Trata-se de uma multiplicidade de “vozes”, consciências independentes e imiscíveis (BEZERRA, 2008), mas que em sua combinação formam um todo coerente. Para exemplificar, poderíamos pensar em uma música executada com o auxílio de diferentes instrumentos. Em uma música, instrumentos de corda, percussão, vocais, mantêm cada qual a sua especificidade sonora. No entanto, quando executadas juntas, a interação dos instrumentos e músicos forma um todo coerente. Cada instrumento contribui para a combinação e composição final. A polifonia marca o dialogismo e o “encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente” (FARACO, 2003, p. 56-57).

construção de uma obra, seja ela estética ou não. No campo ético, extremamente relacionado com o dito no campo da ciência, é ético por parte do pesquisador reconhecer seu lugar na pesquisa e seu lugar enquanto sujeito no mundo, mantendo uma relação exotópica com o objeto de estudo. Por meio do processo, que envolve tais relações, o pesquisador desconstrói significados fossilizados do saber psicológico para (re)construí-los a partir do discurso contextualizado do sujeito. Ao fazer uso do olhar analítico, o pesquisador se posiciona “dentro” e ao mesmo tempo “fora” do contexto, para então produzir um novo olhar que se faça estético. Este é um olhar outro, “estrangeiro”, daqueles que podem produzir um excedente de visão (BAKHTIN, 2003), suporte para que o sujeito amplie seu olhar em relação ao contexto investigado e também em relação a si mesmo. Esta análise aponta para as relações dialógicas e o processo de constituição dos sujeitos em relação, no qual o pesquisar desenvolve uma saída, um afastamento, um movimento exotópico (Ibid.) em relação à inteligibilidade daquele que analisamos e, principalmente, em relação a nós mesmos.

Podemos articular ao conceito de exotopia, o de compreensão. Este último postula uma entrada e saída no universo axiológico do outro, tomando de emprestado o olhar do outro, entendendo que isto se refere àquela relação, naquele momento e contexto, com aquele sujeito específico (MAHEIRIE, 1994). Estão na arena os sentidos de quem pesquisa, de quem é pesquisado e sua produção ocorre no embate do acontecimento, na relação entre o sujeito e o pesquisador. Desta forma, a construção do conhecimento é sempre parcial, relativa e dialógica.

Em busca de estabelecer uma relação dialógica na pesquisa, a escolha metodológica ocorreu em função da relação com o campo-tema. Atendeu-se à perspectiva de uma abordagem metodológica elaborada de acordo com a necessidade de uma coleta de dados, que prefiro chamar aqui de produção de informações, que fosse além da entrevista individual com os sujeitos. A entrevista individual, ou conversa gravada, foi de fundamental importância no que diz respeito à necessidade de produção de informações que atendessem à perspectiva de trazer um pouco da história do sujeito em relação com a Casa Chico Mendes, bem como seus movimentos pela comunidade. Por outro lado, ofereceu algumas limitações no que se refere ao desejo de apreensão do campo, evitando que o peso todo caísse sobre o discurso verbal, mesmo que a entrevista individual tenha sido de importância fundamental quando objetivei pesquisar a questão dos encontros a partir do sujeito. O que justifica a justaposição da entrevista a outras formas de coleta é o fato de que “[...] toda a estrutura formal da fala depende, em grau significativo,

de qual é a relação do enunciado com o conjunto de valores presumido no meio social onde ocorre o discurso” (BAKHTIN, 1976, p. 7).

O que de início indica este ponto de partida é um entendimento de que uma maior aproximação da totalidade dos possíveis eventos, no campo, possa ser abordada se tivermos em vista os múltiplos discursos e acontecimentos atrelados à Casa. Tanto a busca pelas informações do campo como até mesmo o processo de pesquisa não ocorreram numa sequência linear, tal qual nos mostra Spink (2003, p. 37),

Não há dados, mas há, ao contrário, pedaços ou fragmentos de conversas: conversas no presente, conversas no passado; conversas presentes nas materialidades; conversas que já viraram eventos, artefatos e instituições; conversas ainda em formação; e, mais importante ainda, conversas sobre conversas. Não há múltiplas formas de coleta de dados, e, sim, múltiplas maneiras de conversas com socialidades e materialidades em que buscamos entrecruzá-las, juntando os fragmentos para ampliar as vozes, argumentos e possibilidades presentes.

Neste sentido, busquei por uma opção metodológica que oferecesse a possibilidade de articulação em um delta, ramificando-se na tentativa de buscar proximidade e enlace das relações que compõe o foco de apreensão do que está sendo abordado, na intenção de, por meio do método, buscar o sujeito singular no coletivo e o coletivo no sujeito singular.

A construção das informações iniciou-se pelo reconhecimento de minha presença na Casa, sendo que o diário de campo foi o instrumento do qual fiz uso para o registro desta presença. O diário sempre foi parte central deste processo, inclusive numa fase de contato com o campo que antecedeu ao início da possibilidade desta pesquisa. Portanto, seus registros foram fundamentais para a elaboração do tema aqui proposto, denotando uma forma já trabalhada por outros autores:

[...] é preciso dizer que o diário também tem por função revelar a trajetória da pesquisa, os caminhos trilhados na tentativa de apreensão do objeto-tema investigado. Desde que se suponha a pesquisa como coisa viva e o diário como elemento dinâmico da pesquisa viva, é necessário

pensar a investigação como uma trilha não traçada, como um caminho a se construir (SOUZA, 2009, p. 2).

O diário de campo foi colocado como essencial da pesquisa, ou seja, não se limitou a uma mera descrição ou registro dos fatos. Nele também foram produzidas informações para a pesquisa. Constituiu-se como um meio em que, além do registro e das impressões, das conversas informais, dos acontecimentos corriqueiros, das diversas narrações que a mim foram oferecidas, imprimiram-se as reflexões teóricas e metodológicas que ocorreram no processo de pesquisa no campo e do cotidiano do processo de pesquisar. É espelho dos acontecimentos implicados com a pesquisa e também daquele que faz o registro. “Neste sentido, ele transcende a tarefa de técnica de ‘coleta de dados’. Ganha vida própria. Instaura seus próprios sentidos” (SOUZA, 2009, p. 11).

Para complementar os registros em diário de campo, utilizei-me de alguns materiais, textos e documentos, cujos conteúdos se referem à relação dos sujeitos com a Casa, passando por formas de expressão que englobam tanto os sentidos atribuídos para esta relação, quanto aspectos significativos de suas vidas neste contexto. Estes materiais tratam-se de textos escritos sobre a Casa, diversas composições que mostram o cotidiano (materiais produzidos ao acaso ou concebidos dentro de projetos com objetivos específicos), mas que trouxeram algumas atribuições de sentidos. São textos de sujeitos que narram a história da Casa e das pessoas que a elas estão relacionadas. São expressões pelas quais os sujeitos registraram o que retiveram de uma conversa ou situação, anotando o que sentem, pensam, refletem, poetizam.

O fato de se estar buscando as atribuições dos sentidos referentes aos encontros na Casa, a partir dos sujeitos que neles estão implicados, passando por aspectos de suas biografias, justificou a opção por se usar de entrevistas com o objetivo de abordar o tema. Considerei a entrevista dentro do formato de uma conversa, como mais um encontro. A entrevista é entendida como um processo dialógico entre/com os sujeitos, no qual se confrontam múltiplos discursos. É na entrevista que tanto o discurso do sujeito entrevistado quanto do pesquisador produzem uma gama de sentidos, os quais são contraditórios e conflituosos (AMORIN, 2003).

No que se refere a estrutura das entrevistas, a opção recaiu sobre a realização de conversas abertas e com roteiro norteador do diálogo, que foi composto de alguns tópicos elaborados de acordo com os

objetivos da pesquisa. Esta escolha se fundamentou na intenção de referendar encontros e entrevistas que, por um lado, não ficassem presos ao roteiro, e, por outro, possibilitassem uma amarra para que os discursos não se dispersassem. Foram escolhidos cinco sujeitos para serem entrevistados. Nos critérios estabelecidos para a escolha, privilegiaram-se os moradores da Comunidade que, de alguma forma, estão presentes cotidianamente na Casa Chico Mendes, o que faz com que suas histórias de vida apareçam atreladas àquele lugar. Todas as entrevistas foram gravadas em Setembro de 2010 e, posteriormente, transcritas na íntegra, sendo as informações disponibilizadas para análise.

A proposta de produção da análise considerou grande parte das informações produzidas, ou disponibilizadas no decorrer da pesquisa, possíveis de ser abordadas, bem como suas fontes e atravessamentos, caminhando além do discurso verbal das entrevistas gravadas, uma vez que “Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação” (BAKTIN, 1976, p. 4).

Desta forma,

A análise do discurso, não é apenas a análise da fala dos entrevistados, mas todo o contexto e relações que envolvem os sujeitos que endereçam a fala, como para quem eles a endereçam. Este tipo de análise busca a compreensão dos fios que tecem o sujeito e os sentidos que ele produz na relação com o mundo (GROFF, 2010, p. 56).

Assim, a pretensão na análise foi a de estar atento para todas as informações que puderam ser produzidas no campo e que, de alguma forma, passaram pelo registro do olhar, da escuta, e se mostraram importantes para o processo de pesquisa, mesmo quando contraditórias. Neste sentido, não foram apenas as entrevistas e o diário de campo os recursos utilizados, visto que a minha própria experiência em contato com o campo imprimiu conhecimentos sobre o contexto que só me fizeram sentido posteriormente, durante as reflexões que compuseram a análise. Desta forma, tal experiência escapou dos registros em diário. Portanto, trouxe para esta pesquisa uma proposta teórico metodológica

que buscasse apreender nas relações com o campo, fatos que fossem significativos e que se mostrassem relevantes ao processo de pesquisa.

Para fundamentar teoricamente estas informações e produzir as análises, utilizei-me de conceitos e de pressupostos teóricos que pudessem, a partir das informações levantadas, contribuir para a análise. De acordo com as informações disponibilizadas, a análise foi dividida em três capítulos, que abordaram diferentes perspectivas da Casa Chico Mendes, cada qual trazendo suas especificidades e demandando diversos conceitos norteadores.

Em primeiro lugar, Casa Chico Mendes foi analisada enquanto Instituição, e, para tal, foram buscados em Deleuze e Guatarri (1995, 1996, 1998, 2002) os principais elementos teóricos para esta análise, cujo enfoque principal recaiu sobre a concepção de micropolítica. Numa segunda perspectiva, a Casa foi analisada enquanto Casa dos Encontros. Neste ponto, os principais apontamentos teóricos trouxeram a contribuição de autores da psicologia social, da esquizoanálise e de Espinosa. No terceiro capítulo, a Casa Chico Mendes foi analisada da perspectiva dos sujeitos, constituintes da Casa e constituídos por ela. Para esta última parte, os principais conceitos utilizados foram o de *dobra* (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, 2001) e o de *rizoma* (DELEUZE; GUATARRI, 1996).

3 A PLURALIDADE

A Casa Chico Mendes é uma pluralidade de outras casas que se desdobram em pelo menos três perspectivas: a *Casa dos Encontros* – esta que, a primeira vista, me chamou mais a atenção a partir de minha inserção neste espaço –; a *Instituição*, que é a Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, cuja característica principal é a abertura para a comunidade em suas múltiplas funções e lócus dos projetos institucionais; e a *Casa Moradia* – espaço privado, lugar em que as pessoas moram.

A Casa, seja qual for a perspectiva, é composta pelas pessoas que nela estão inscritas, que transitam por seus diferentes ângulos e espaços, sob variadas intensidades (e variados afetos), com maior ou menor presença, em suas múltiplas formas de estar, de acordo com as subjetividades que nestes espaços se inscrevem. Em muitos casos, esta inscrição se dá como polaridades que definem a presença dos sujeitos, ora para os Encontros, ora para o espaço Institucional, ora para a Moradia. Os espaços físicos da Casa caracterizam também diferentes formas de presença. São espaços povoados e significados pelos sujeitos de forma plural, ou seja, cada uma das perspectivas tem seu lugar significado na arquitetura da Casa Chico Mendes.

Estas três perspectivas, no entanto, não estão fixadas nos sujeitos, na arquitetura ou nos espaços significados intersubjetivamente. Estão em movimento, mantêm várias intersecções, conjugações e separações. Os limites da Casa são como membranas permeáveis, que permitem trânsitos para o que está dentro e para o que está fora, *intra* e *inter* espaços. A noção de permeabilidade é um ponto chave para deixar como pano de fundo no momento em que eu for tratar, em separado, destas diferentes Casas que, na verdade, são uma só. Soma-se a isso a noção de interdependência, uma vez que estas casas fundamentam-se e sustentam-se mutuamente.

Duas das perspectivas serão descritas e trabalhadas mais adiante: a Casa da perspectiva da Instituição, e a Casa da perspectiva dos Encontros. Gostaria agora de utilizar-me deste espaço para uma breve descrição da Casa enquanto Moradia, visto que mais adiante, em algumas passagens, ela será considerada, juntamente com as demais.

Pode-se dizer que o espaço destinado à moradia dentro da Casa Chico Mendes é como se fosse um anexo. A Moradia nem sempre está aberta para o trânsito de todas as pessoas que frequentam a Casa. Moradia e Instituição são espaços que convivem desde a fundação da Casa Chico Mendes. Entretanto, no decorrer do tempo, a estrutura física

cresceu e foi modificada, de forma que atualmente a divisão entre os espaços da Instituição e da Moradia é bastante clara. O acesso um pouco mais restrito a esta última. Outra divisão pode ser delimitada: na Moradia há regras e acordos tácitos diferentes do restante da Casa, limites para se receber as pessoas ali e também se preza pelo silêncio. É, de fato, o lugar onde as pessoas moram e têm suas vidas privadas circunscritas.

Assim mesmo, há interlocução entre a Moradia e os demais espaços da Casa, que se dá por meio da questão do acolhimento, dentre outras formas. No espaço da Moradia as pessoas também são acolhidas. No entanto, esta postura é mais orientada também em função das necessidades materiais daqueles que ali chegam para morar, ou para permanecer durante algum período de tempo variável. Muitos dos sujeitos presentes nesta pesquisa tiveram algum tipo de passagem pela moradia. Durante o período em que ocorreu a pesquisa de campo, três sujeitos moravam na Casa.

Passo agora a apresentar os sujeitos, que fazem parte da Casa Chico Mendes, cuja participação foi mais intensa no âmbito desta pesquisa. Isso não significa que a Casa é apenas constituída por eles, visto que muitos moradores da Comunidade mantêm correspondência periódica ali. Apenas aqui foram escolhidos para aparecer aqueles que com mais intensidade mantiveram contato com a Casa e comigo ao longo deste processo. Suas vidas são aqui brevemente descritas, porque elas também fazem parte do que é a Casa Chico Mendes.

3.1 Os sujeitos

*“Tire os sapatos, pois o solo onde pisa é terreno sagrado”*²⁴

Antes de apresentar os sujeitos que participaram desta pesquisa, gostaria apenas de esclarecer que o termo “sujeitos” é utilizado em dois sentidos. O primeiro deles para nomear determinada pessoa. Neste sentido, a palavra “sujeito”, quando utilizada, tem a mesma função de dizer, por exemplo, o nome da pessoa a que estou me referindo,

²⁴ O original desta fala encontra-se no livro do Êxodo. A frase chegou até mim no meu primeiro dia de estágio na moradia do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina. Ao falar esta frase, Luis, meu supervisor de estágio, não estava se referindo à instituição psiquiátrica, mas sim aos moradores que há anos viviam ali. Desde então, para mim, andar com os “pés descalços” significou deixar-me andar mais próximo e em contato com o “solo”, denotando respeito e cuidado pelas histórias de vida que comigo entravam em relação.

considerando sua história, sua constituição, seus processos de subjetivação; portanto, um sujeito singular. Em outro sentido, a denominação “sujeito” assume um caráter um pouco mais genérico. Não se trata de uma pessoa específica, mas do termo em si, utilizado para a discussão da constituição do sujeito e dos processos de subjetivação, ou seja, sua definição.

Em ambos os casos, não considero o sujeito com algo acabado, dotado de determinada estrutura, bem delimitado. Pelo contrário, o sujeito é entendido como aberto, inacabado, sempre em relação com seu contexto, com a cultura, com a alteridade. É produto e produtor destas relações, assim é que nelas “[...] afirma a síntese entre os aspectos fisiológicos e psicológicos e confere ao ser humano uma existência ao mesmo tempo biológica, psicológica, antropológica, histórica e essencialmente cultural [...]” (ZANELLA, 2004, p. 128).

Em consonância a isto, temos a noção de sujeito permeado pela afetividade, pela estética e pela imaginação. Estética se refere à capacidade de conhecer e ser por meio da sensibilidade; a imaginação indica a possibilidade de criação e de liberdade (SAWAIA, 2006). Afetividade aparece aqui mediante a noção de que o sujeito é um grau de potência, ou seja, dotado do poder de afetar e de ser afetado (DELEUZE, 2002), movimentos que também contribuem para sua definição. Mais adiante esta discussão será retomada. O importante agora é termos em conta que o sujeito está em curso, em movimento, aberto, mantendo inexorável relação dialógica com seu contexto mais próximo e com o mundo.

Apresento, abaixo, alguns dos sujeitos que, com maior intensidade, fizeram parte desta pesquisa. A Casa Chico Mendes não é feita somente por eles. Como posto anteriormente, muitas outras pessoas se fazem presentes e se relacionam no cotidiano da Casa. No entanto, não haveria espaço aqui para trazer, de forma um pouco mais elaborada, a descrição (ou o relato) de todos os sujeitos com os quais de alguma forma me relacionei no âmbito da pesquisa. Sendo assim, priorizei trazer um pouco da história daqueles que, com mais assiduidade, mantive relações nas ocasiões que estive em campo, bem como aqueles cuja presença na Casa, seja na sua história, seja durante o tempo em que a pesquisei, foram marcantes, chamando-me a atenção do ponto de vista da temática desta dissertação.

Felipe, nascido em Florianópolis, hoje tem 21 anos. Tem seis irmãos, sendo filho único de seu pai, pois os demais irmãos são filhos que sua mãe teve em outros relacionamentos. Sempre morou na Comunidade Chico Mendes ou em comunidades dos arredores. Recentemente conheceu seu pai biológico, com quem mantém pouco contato. Sua mãe, falecida em 2006, trabalhava como doméstica e seu padrasto, esporadicamente, na construção civil.

Felipe me contou, no dia do aniversário de 15 anos da Casa: *conheci esta casa quando eu ainda era bem criança e subia na laje para soltar pipa. Hoje eu moro aqui e a casa faz parte da minha vida.* Quando criança e adolescente, frequentou alguns projetos institucionais mantidos pela Casa, mas sua porta de entrada foram as amizades, a mesa de café e a constituição de vínculo com o Dodô. Vive na Casa como morador desde os dezessete anos. Seu ingresso se deu posteriormente à morte da mãe, situação que, para ele, foi decisiva com respeito à escolha pela mudança. Relata que sua relação com a Casa permitiu a abertura para novas possibilidades, projetos de vida que o levaram a ver o mundo de forma diferente e ampla: a ter uma família, a aprender a gostar de estudar e a buscar por novas formas de viver e estar no mundo.

Na instituição, ocupou o cargo de auxiliar de coordenação. No ano de 2010, dedicou-se aos estudos para o vestibular, frequentando cursinho pré-vestibular comunitário. Gosta de andar de *skate* pelas madrugadas. Está aprendendo a tocar gaita de boca. Leva no antebraço esquerdo uma tatuagem com o nome da mãe e mantém uma garrafinha de água com açúcar na entrada da Casa, para atrair beija-flores.

Tinho é nascido em Florianópolis, embora seja a sua família proveniente de Lages. Tem vinte e seis anos, dois irmãos menores. Iniciou seu relato localizando-se aos cinco anos de idade, momento em que seu pai faleceu, o que culminou com a mudança dele e de seus irmãos para a casa de sua tia. Desde então, sua história é marcada por diversas situações de mudança de domicílio, morando por vezes com a tia, voltando a morar com a mãe e com padrastos, retornando a morar com a tia. Aos dezenove anos morou com sua companheira na época, com quem teve duas filhas. Viveu, neste tempo, de aluguel, de favor na casa do tio, depois novamente de aluguel, até que se separou da mãe de suas filhas. Ao estabelecer novo relacionamento, foi viver, ele e as

filhas, com a família de sua nova companheira; porém, não se adaptou. Passadas algumas semanas, levou as filhas para morar com as avós e mudou-se para a Casa Chico Mendes, com o objetivo de reservar um tempo para reorganizar sua vida.

Embora Tinho tenha ingressado na Casa como morador recentemente, seu primeiro contato ocorreu há dez anos. Sobre isso, a primeira coisa que lembra é da mesa de café, toda arrumada, cercada de gente, com alimentos que Tinho não conhecia, nem ao menos sabia como comer. Lembra: *nunca estive numa mesa com família, várias pessoas sentadas pra tomar um café, cheio de coisa na mesa. Como é que eu vou usar?*

Tinho começou a trabalhar desde muito cedo. Aos sete anos de idade, vendia jornal na rua. Em seguida trabalhou, durante vários anos, como servente na construção civil. Seu último trabalho, de carteira assinada, foi como repositor em um supermercado. Concebe o trabalho como uma herança referenciada na figura de seu pai, que também sempre trabalhou. A questão da moradia e do trabalho marca significativamente sua inserção na Casa. Desde que Tinho ingressou ali, como morador, diversas estruturas da casa foram modificadas, principalmente, no que se refere ao espaço reservado para moradia: levantou paredes, derrubou, fez prateleiras, modificou os cômodos, criou uma sala de estudos para Dodô. Com uma parede de madeira, delimitou o espaço de seu quarto. Na parte de dentro da parede, predominam as cores de seu time de futebol favorito, o rubro e o negro. Ali também há uma estante com dezenas de miniaturas de carrinhos de brinquedo. Tinho gosta muito de música e se dá muito bem com o toque do pandeiro. Uma de suas canções preferidas versa: “Sou príncipe do gueto, só é quem desce, sobe a ladeira. Sou príncipe do gueto, meu castelo é de madeira” (Racionais MC’s, Castelo de Madeira).

Valderi está com 24 anos. Veio com a família de Lages para Florianópolis quando tinha cinco anos de idade. Conta que, no começo, nos primeiros dias após a mudança, teve dificuldades em se adaptar com a vida na cidade grande, mas logo isso foi superado. Sempre gostou de ficar em casa, por isso não frequentou durante a infância muitos projetos institucionais mantidos por ONGs, embora sua mãe insistisse.

Conheceu o Dodô antes de saber sobre a Casa Chico Mendes. Valderi conta que, quando estava na sexta série do ensino fundamental, Dodô era seu professor de história e junto com ele e os demais colegas

da turma decidiram pintar as paredes da sala de aula, pois desejavam ir para a sétima série e estudar numa sala bem pintadinha. A partir de então começou a frequentar a Casa, mas não por causa dos projetos: *Eu vinha pra cá só por vir, para tomar um café, pra conversar e aí depois é que a gente vai criando os laços*. Quando foi convidado pela coordenação para dar aulas de capoeira na Casa, aceitou o convite e sua presença se intensificou. Dava as aulas no horário que lhe cabia, mas permanecia na casa durante o dia todo. Pouco tempo depois foi convidado para assumir o cargo de auxiliar de coordenação, chegando ao cargo de coordenador da Casa Chico Mendes em 2010.

Valderi também foi morador da Casa por alguns meses também em 2010, mas decidiu voltar para a casa da família para cuidar de sua mãe e lhe fazer companhia. Já era coordenador da Casa quando ingressou como morador. Conta que, na época, não via muita diferença entre estar na Casa como morador ou como coordenador.

Valderi anda de *skate*, joga capoeira, faz academia, gosta de ler literatura, sociologia e história. Está aprendendo a tocar violão de forma autodidata e já arrisca algumas músicas de Bob Marley e Seu Jorge. Atualmente, tem sua vida transversalizada pela espera, e são duas: espera pela superação da dívida contraída pela Casa e pelo nascimento de seu filho, pois sua companheira está grávida. Diz que deseja fazer pelo seu filho o que a casa fez por ele.

Doio também é nascido em Lages, veio morar em Florianópolis após a morte de sua mãe. Mudou-se com seu pai e seus dois irmãos, quando tinha seis ou sete anos de idade. Hoje tem 25 anos. Por volta dos 12 anos, seu irmão o convidou para tomar um café *lá no Dodô*, foi assim que ele conheceu a Casa. Posteriormente, continuou frequentando a Casa para encontrar-se com os amigos e jogar jogos de mesa e tabuleiro junto a um grupo de jovens que a frequentavam periodicamente.

Doio foi por duas vezes morador da Casa. A primeira vez que ingressou aconteceu após a morte de seu pai. Doio permaneceu na Casa por quase dois anos como morador, também cumprindo funções institucionais. Esta situação durou até que se tornou pai de uma menina e decidiu mudar-se da Casa, encontrar outro emprego e buscar por uma maior independência. Em 2010, regressou à Casa como morador, permanecendo durante cinco meses. Em seguida, voltou a morar com a irmã.

Em relação à Casa, Doio considera-se sob dois pontos de vista: um deles, é o do Rafael, seu primeiro nome, que ao assumir funções institucionais se viu no papel de educador, sério, responsável. Doio conta que Rafael nasceu na Casa Chico Mendes, mas que do portão para fora ele é o Doio, na forma como ele mesmo se coloca: *brincalhão, um moleque, baladeiro, irresponsável, que gosta de rir e fazer brincadeiras.*

Doio, embora não cumpra mais nenhuma função institucional na Casa, conta que quando entra ali ainda se sente imbuído do Rafael. Mas às vezes o Doio aparece: em muitas ocasiões puxa a percussão nas rodas de samba. Tem afinidade com vários instrumentos percussivos, flerta com o violão e a gaita de boca. Quando há festa, é reconhecido pelo seu passo de bailarino e rebolado.

Doio tem os braços tatuados com os nomes da mãe e do pai. Na perna esquerda, aparece o nome de seu primeiro amor numa tatuagem já um pouco apagada, a qual ele evita mostrar.

Seu Antônio possui 59 anos, é casado e pai de dois filhos. Vindo com a família do município de Caçador, meio oeste catarinense, chegou a Florianópolis em 1990, em busca de educação para os filhos. Conta que, quando chegou com a família, que trazia consigo apenas a roupa do corpo, participou com outros moradores da ocupação do terreno onde hoje se localiza a Comunidade Novo Horizonte, vizinha da Comunidade Chico Mendes.

Neste movimento de ocupação, constituiu-se como liderança comunitária, envolvendo-se diretamente com várias instituições e também com a política partidária. Envolveu-se com a Casa Chico Mendes ainda em seus primeiros dias de criação, quando esta ainda era uma casa de madeira, com dois cômodos e chão batido. Nesta época, Seu Antônio foi o primeiro a ocupar o posto de conselheiro. Durante os últimos anos, vem intercalando com Chica no cargo de presidente e vice-presidente da Instituição. Além de participar da Casa Chico Mendes, trabalha como zelador em um prédio no centro da cidade e também milita em movimentos sociais.

Seu Antônio entende que estão intercaladas as histórias da Comunidade e da Casa Chico Mendes, uma contribuindo com o desenvolvimento da outra. Sente falta de lideranças comunitárias e de políticos que “conheçam o cheiro da terra” e que lutem pela Comunidade, não se deixando cooptar pelos lugares de poder que os distanciam de suas origens.

Mesmo que seu trânsito pela Casa Chico Mendes tenha ênfase no caráter institucional - entendendo o espaço como um lugar aberto para a comunidade, de militância e lutas sociais -, aparece ali para bater um papo, “espairecer”, reconhecendo a Casa como o lugar onde mais se sente à vontade. Está escrevendo sua autobiografia, com auxílio de Sandra Ribes, e quer que o lançamento do livro seja na Casa Chico Mendes.

Donizéti José de Lima, o Dodô, é um dos fundadores da Casa É professor e educador social. Atua há mais de 20 anos em trabalhos de educação popular, é formado em sociologia, teologia, possui mestrado em educação pela UFSC e atualmente cursa doutorado em educação nesta mesma universidade. Veio de Campos do Jordão para Santa Catarina há mais de 20. Mora na Casa Chico Mendes e na comunidade desde a fundação da Casa, há 16 anos.

É quase sempre Dodô quem cozinha nas jantãs organizadas e nos encontros da Casa. Gosta de música e leitura. Recentemente começou a escrever pequenos contos, para exercitar a escrita e para incentivar os jovens para que comecem a escrever também.

Não é à toa que frequentemente a Casa Chico Mendes é denominada como Casa do Dodô. Sua postura aberta, silenciosa e acolhedora, por vezes é a porta de entrada para muitas crianças, jovens e adultos que passam a frequentar a Casa.

Francisca das Chagas, a Chica, nasceu na cidade de Barras, interior do Piauí. Veio para o sul quanto tinha 21 anos de idade, perseguindo o sonho de conhecer novos lugares e arranjar trabalho. Ao chegar primeiro em Porto Alegre, trabalhou fazendo limpeza e serviços gerais em uma escola da capital gaúcha. Em 1984, Chica veio para Florianópolis. Nesta cidade trabalhou como empregada doméstica em uma casa de família por onze anos. Em 1993, foi aprovada no concurso da COMCAP, empresa na qual trabalha desde então.

Três anos antes, em 1990, Chica fez parte do grupo de 98 famílias que ocupou o terreno em que hoje se encontra a Comunidade Novo Horizonte, vizinha da comunidade Chico Mendes, às margens da via expressa, divisa entre as cidades de São José e Florianópolis. Chica é mãe de um rapaz, que tinha apenas alguns meses de vida nos tempos da

ocupação. Fundadora da comunidade, após a ocupação integrou a comissão que, por meses, negociou com a prefeitura a permanência na terra e a busca por melhores condições de vida. Neste movimento, tornou-se líder comunitária. Chica é também uma das pessoas fundadoras da Casa Chico Mendes e, assim como Antônio e Dodô, vem acompanhando o desenvolvimento da Casa desde então. Integrou sua diretoria em todas as gestões, sendo hoje a presidente da Instituição.

Chica possui 48 anos e segue na luta pela vida comunitária. Mantém seu sotaque nordestino, um pouco arrastado, fala mansa e tranquila, equilibrada pela risada alta e bem marcada. Carrega o conhecimento na simplicidade e no silêncio. Sua presença na Casa é sempre permeada por muito afeto, preocupação com a Instituição e com as pessoas que ali se inscrevem.

4 A INSTITUIÇÃO

A Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1994 por um grupo de três estudantes de teologia, seguidores da Teologia da Libertação, que decidiram morar na Comunidade Chico Mendes em 1993. Naquela época,

[...] um grupo de voluntários, aposentados, micro-empresários, donas-de-casa, profissionais liberais e outros, tinha o costume de levar cestas de alimentos e outros produtos que eram distribuídos às famílias. Começamos então a discutir maneiras de qualificar melhor o trabalho aí realizado, o que possibilitou a fundação da Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, hoje conhecida como Casa Chico Mendes (LIMA, 2003, p. 27).

Em parceria com este grupo e moradores da Comunidade, os três jovens estudantes iniciaram a construção do que seria a primeira estrutura física da Casa. Segundo Antônio, *na época uma casa pequena, com dois cômodos, de madeira e piso de chão batido*, cuja missão desde sua fundação era a de “desenvolver ações junto às crianças, adolescentes, jovens e famílias, para que possam vivenciar experiências que contribuam para a humanização das relações, resgate da auto-estima e construção da cidadania”, segundo nos informa o *Projeto Político-Pedagógico da Casa Chico Mendes*.

A história da Casa Chico Mendes entrelaça-se com a história da Comunidade, *uma contribuindo com o crescimento e desenvolvimento da outra*, no dizer de Antônio. A proposta de criação da Casa surgiu logo nos primeiros anos da Comunidade, sendo que sua atuação contribuiu com a formação de lideranças comunitárias, criação de frente de trabalhos²⁵ e constituição das associações comunitárias

Desde então, a Casa constituiu-se no que muitas das pessoas diretamente envolvidas com a Instituição significam como “uma casa aberta para a Comunidade”. Foram e são desenvolvidos, diversos

²⁵ As frentes de trabalho eram constituídas por moradores da própria Comunidade, que trabalhavam por um período de três meses na construção da Comunidade em forma de mutirão, com atividades de limpeza e conservação. Além disso, faziam curso de Educação Ambiental. A Casa Chico Mendes apoiava a gestão destes grupos, fornecendo apoio logístico e institucional.

projetos que atendem crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas áreas de educação, direitos humanos, família, saúde, justiça, arte e cultura; contando, para o andamento das atividades, com profissionais contratados e voluntários. O primeiro projeto desenvolvido pela Instituição foi chamado de Projeto Nossa Casa, uma forma associativa constituída por um número aproximado de 50 jovens. Estes se encontravam diariamente para realizar e vivenciar atividades de esporte, lazer, cultura, capacitação política, entre outras. A Casa ia constituindo um contexto social no qual aconteciam encontros entre pares, trocas afetivas, relações de pertencimento, organização de grupos, formação e informação (LIMA, 2003).

Aos poucos a Casa Chico Mendes foi se constituindo com um jeito próprio de estar presente na comunidade. Resgatar auto-estima, humanizar relações e construir cidadania são objetivos que foram ganhando força a partir das práticas e das falas. Do mesmo modo, fomos delineando uma proposta pedagógica de ação, o que torna possível estabelecer uma relação de cumplicidade entre a casa e a comunidade (LIMA, 2003, p. 28-29).

A Casa sempre foi um local de referência para a Comunidade, que conta com o trânsito diário de várias pessoas. Em seus trabalhos buscava-se a superação de relações de subordinação, caridade e assistencialismo, na perspectiva de que

[...] é necessário inverter, em muitos casos, a nossa ótica, pois mesmo sofrendo um cruel processo histórico de empobrecimento, os empobrecidos não devem ser vistos como vítimas, mas como capazes de criarem estratégias de sobrevivência (CASA CHICO MENDES).²⁶

Neste sentido é importante apontar o fato de que a Casa Chico Mendes fez, em sua história, grande investimento na direção de contribuir para que as pessoas se reconheçam não mais como público

²⁶ *Projeto Político-Pedagógico da Casa Chico Mendes.*

alvo, para quem as ações chegam prontas, mas como participantes, com quem se constrói em co-responsabilidade e participação.

Fomos aprendendo a conversar mediados por atos de concordância ou recusas, falas e silêncios, cantos e danças, passividades e agressividades, maneiras pelas quais nos dizem claramente que a comunidade é capaz, é inteligente e é criativa. Isso tudo tem sido uma descoberta, tem sido um processo. (CASA CHICO MENDES)

Resistir às práticas de assistencialismo e escolarização tem sido uma linha definidora das relações mediadas no âmbito da Casa Chico Mendes. Esta resistência passa pela criação de relações que considerem os sujeitos não como um depositário de conhecimentos, foco de práticas assistencialistas, pessoas que precisam ser transformadas e conscientizadas. Ao contrário, busca-se, em seu cotidiano, promover vivências em que os sujeitos tenham a possibilidade de experienciar uma sociabilidade marcada pelo afeto, pelo reconhecimento e valorização. A Casa é, antes de tudo, um lugar para estar e para ser.

Valderi conta sua experiência Instituição, dizendo:

É que pra mim não teve uma importância, um valor assim “ah, se ele não vier aqui ele vai ser outra coisa”. E acho que nem é o propósito da Casa, não é o de salvar ninguém, nem resgatar ninguém. Eu acho que as pessoas escolhem o que querem assim pra vida e a Casa só dá esta oportunidade, a gente esta aqui, se quiser vir, tomar um café, se quiser conversar, se precisar de algum tipo de ajuda que esteja ao alcance das pessoas daqui.

Esta postura acaba por inscrever a Instituição numa contracultura em relação à visão política de muitas ONGs e estabelecimentos que possuem projetos de educação complementar. De acordo com documentos da prefeitura de Florianópolis, estes projetos voltados ao público infantil e adolescente tem caráter preventivo²⁷, e visam complementar a educação formal. Ou seja, trabalha-se objetivando uma educação integral, considerando o sujeito como multidencionado,

²⁷ “O Centro de Educação Complementar, de caráter preventivo, desenvolvido nas comunidades, atende crianças e adolescentes na faixa etária de 06 à 15 anos incompletos, no período extra-escolar, oriundas de famílias de baixa renda., desenvolvendo atividades sócio educativas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2009, p. 12).

desenvolvendo ações sócio-educativas, mas utilizando uma metodologia de controle e compartimentalização das ações.

De forma diferente da maioria dos estabelecimentos de ensino e instituições de apoio, que têm seus horários de funcionamento e ações específicas delimitadas por objetivos pré-concebidos, a Casa Chico Mendes mantém suas portas abertas ao fluxo de visitantes independente de questões formais, planos e objetivos norteadores de assistência. Nas palavras de Valderi,

O trabalho da Casa, que na verdade a gente tem como missão de resgatar a auto-estima das pessoas e o de humanizar relações... o diferente é que a gente tenta ajudar as pessoas sendo menos preconceituoso. Acho que o trabalho da Casa faz isso, e não é um trabalho sistematizado. É um trabalho que vai se dando no dia-a-dia, ele vai se constituindo como se nem fosse um projeto, como se não fosse nada, acho que isso é humanizar as relações.

As características apontadas por Valderi passaram a fazer parte da forma como se organizou a Instituição com relação ao oferecimento dos projetos voltados para o público infantil, tal qual descreve Vill (2009):

Em 2008 a porta da Casa Chico Mendes se abriu também às novidades na organização do tempo e espaço. Radicalizou seu sentido de não ser o ensino da escola formal. O *Projeto Esperança* não tem a função do ensino regular, por mais que as crianças possam levar suas tarefas para fazer ali, o projeto também não cumpre o papel de reforço escolar. As atividades desenvolvidas ali têm como intenção trabalhar as linguagens das artes – visual e teatral, do movimento e da música. A mudança apostou na perspectiva de uma rotina de horários com as atividades, oferecidas como oficinas. No decorrer da semana as crianças, ao chegarem à casa, poderiam escolher o que fariam. (p. 47)

No plano burocrático, diversas são as formas de controle e regulamentarização que subjazem na Instituição em sua relação como conveniada da Prefeitura Municipal. O vínculo de parceria contribui para questões materiais da Instituição, bem como com os recursos financeiros para manter seus trabalhadores. No entanto, a partir deste vínculo, diversos são os relatórios e formulários a ser preenchidos

mensalmente, normatização das ações empreendidas, justificativas de custos, gastos, controle dos trabalhadores, do público atendido, diversos pedidos de autorização, relatórios de desempenho, modelos para planos de aula etc. Diversos mecanismos que acabam por constituir um panóptico burocrático, criando a partir disso uma verdadeira caixa de ressonância, que se expressa mediante a solicitação de preenchimento de diversos documentos reguladores, que se ramificam e ressoam por todos os interstícios de um trabalho educativo. O que compartimentaliza todos os desdobramentos possíveis de uma prática no âmbito da Instituição e, a partir disso, tentando manter controle sobre ela.

Podemos entender este contexto não apenas no âmbito municipal, mas considerando como componente de uma macro-política estatal. Guattari e Rolnik (1999) podem oferecer elementos para esta problemática quando indicam que:

O Estado assistencial começa pela organização de uma segregação que empurra, para fora dos circuitos econômicos, uma parte considerável da população. E num segundo momento ele vem socorrer, vem dar assistência a essa população, mas com a condição de ela passar por este sistema de controle (p. 148).

É neste sentido que uma dinâmica de poder macro-estatal, no que se refere a uma política econômico-social, que primeiro segrega para depois assistir, ressoa e regula a Instituição por meio de mecanismos burocráticos, os quais, conseqüentemente, se desdobram nas práticas institucionais, restringido sua autonomia.

Resistir a estes mecanismos de controle faz parte da política da Instituição. Tal resistência já está presente na elaboração do *Projeto Político-Pedagógico*, cujo mote indica a construção de práticas de resistência não *para* as pessoas e, sim, *com* as pessoas. Uma vez que,

Só haverá uma verdadeira autonomia, uma verdadeira reapropriação da vida, na medida em que os indivíduos, as famílias, os grupos sociais de base, os grupos sociais primários forem capazes de escolher por si próprios o que querem como equipamentos para seus bairros. Portanto trata-se de assumir a gestão dessa problemática, sem ficar toda hora pedindo subvenção. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 148)

Considerando algumas possibilidades teóricas, que permitem uma leitura no sentido de problematizar este contexto, podemos entender tal organização do estado como molar, inscrita no nível da macropolítica; ao passo que as possibilidades de resistência e oposição como moleculares, micropolíticas²⁸, lugar onde a Casa, enquanto Instituição, procura se inscrever.

Não só a sociedade, mas também todos indivíduos são atravessados por duas linhas de segmentaridades: uma molar, dura e a outra molecular, flexível. A primeira destas linhas representa o aparelho de estado e seus mecanismos de controle e regulamentarização. São linhas que trazem segmentos bem terminados, lugares e significações que nos recortam em todos os sentidos. A segunda, diz respeito a uma linha bem mais flexível, de certa forma molecular, que traça pequenas modificações e desvios, permitem um maior fluxo. Uma profissão e uma instituição, por exemplo, são segmentos duros, geridos por linhas molares. Mas o que acontece tanto no âmbito da profissão quanto no da instituição que não coincidem com os segmentos molares pré-estabelecidos, inscreve-se no âmbito da molaridade (DELEUZE; PARNET, 1998).

Além destas duas linhas, existem as linhas de fuga, definidas pela descodificação e desterritorialização das linhas molares. É sempre por esta linha de fuga que se criam e se empreendem processos de resistência, de ruptura, por meio das quais se escapa aos agenciamentos e dispositivos de poder, gerando fluxos que marcam cortes, provocam fissuras por onde se cria o novo e

[...] fazem correr, entre os segmentos, fluxos de desterritorialização que já não pertencem nem a um, nem a outro, mas constituem o devir assimétrico de ambos, sexualidade molecular que já não é a de um homem ou de uma mulher, massas moleculares que já não tem o contorno de

²⁸ Molar e o aparelho de estado, e molecular a micropolítica. No nível molar temos as macropolíticas, duras, rígidas, regulamentadas e regulamentadoras, que exercem controle e coerção, forçando processos de subjetivação. “Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por linhas de fuga, que são moleculares” (DELEUZE; GUATARRI, 1996, p. 94). No nível molecular, as micropolíticas atuam como resistência às molaridades, no cotidiano, nas práticas mais ordinárias; “opera no detalhe e em pequenos grupos” (Ibidem, p. 93) que promovem linhas de fuga e outros processos de subjetivação que inscrevem o sujeito em lugares diferentes dos pré-determinados pelas forças molares.

uma classe, raças moleculares como pequenas linhagens que já não respondem às grandes oposições molares” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 152).

A Instituição, nos seus primeiros tempos, constituiu-se como uma linha de fuga que escapou das molaridades presentes no contexto macropolítico, fundando-se a partir da constituição de molecularidades que resistiam por meio de uma prática que buscava por moradia, espaço e organização comunitária, uma resistência que escapava à organização molar, burocratizada. Seu discurso, então, inscreveu-se por fora, e até mesmo na contrapartida do discurso hegemônico. Tirou os sujeitos do lugar de “assistidos” por uma política assistencialista, contribuindo para a construção da Comunidade e de práticas de resistência.

Na sequência dos trabalhos desenvolvidos pela Instituição e na construção de sua proposta político-pedagógica, esta postura constituiu-se numa linha de fuga que, escapando das propostas educacionais vigentes, principalmente no momento em que se desvencilhou da concepção bancária de educação, colocou os sujeitos no lugar de produtores da história, de seu contexto, e como co-construtores da Instituição.

Mas é preciso levar em consideração que os conceitos de molaridade e molecularidade não se opõem totalmente. No lugar disso, imbricam-se, interpõem-se, de forma que toda linha de fuga pode vir a se constituir como uma linha rígida, inscrita molarmente. As desterritorializações²⁹ promovidas pelas linhas de fuga podem se reterritorializar em linhas molares. O que significa que as práticas de resistência são passíveis de sofrer uma inscrição institucionalizada e burocratizada, rigidamente molar. Neste sentido, de um lado, a Casa propõe em seu cotidiano e em sua proposta institucional, práticas que compõem uma linha de fuga diante da macropolítica que tenta regulamentarizar, territorializar os trabalhos em educação no âmbito comunitário. Por outro lado, ao colocar-se enquanto Instituição, dependente de financiamentos externos, a Instituição constitui-se também como uma molaridade, mesmo que seja a contragosto, burocratizada, sujeita à dívidas, relatórios, prestações de contas.

²⁹ Territorialização é inscrição de códigos, demarcação de espaços objetivos e subjetivos por meio de linhas duras que marcam processos de subjetivação. Desterritorialização, desestabilizações da territorialidades que abrem para novas configurações, novos processos de subjetivação (BOCCO, 2008). Reterritorialização, linhas de desterritorialização que voltam a ter uma inscrição molar, territorializada.

Neste sentido, Guattari e Rolnik (1999) colocam que, mesmo que se tente promover linhas de fuga moleculares, corre-se o risco de que “[...] as melhores intenções, as relações de forma mais favoráveis, vão ter, mais cedo ou mais tarde, um encontro marcado com a burocratização, com uma experiência de poder” (p.132). Não há uma lógica entre os níveis molar e molecular. Uma mesma prática a nível molar pode ser, de um lado, emancipatória e, de outro, em nível molecular promover coextensivamente mecanismos de controle reacionários que reproduzam os modos de subjetividade dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 1999). No caso da Casa Chico Mendes, o que a enredou em nível molar, seja enquanto Instituição, seja enquanto co-dependente do aparelho de estado, foi uma dívida contraída ao longo de seus três últimos anos de funcionamento.

A questão financeira é a principal dificuldade enfrentada pela Instituição ao longo de seus quinze anos de funcionamento, e é atualmente seu principal ponto de entrave e preocupação. Durante a sua história, as principais fontes de arrecadação de recursos financeiros da Casa foram a Prefeitura Municipal, por meio de convênio, bem como doações e parcerias com outras instituições.

Em março de 2010, em função da dívida³⁰ que a Instituição mantém com a Receita Federal, não foi possível renovar o convênio com a Prefeitura, o que inviabilizou a continuação do Projeto Esperança³¹. Esta dívida, além de desativar o projeto, impede que a Casa busque por outros convênios e financiamentos, bem como entrava o processo burocrático de desligamento de seus funcionários.

O Projeto Esperança pode ser entendido como o pilar de sustentação da Casa enquanto Instituição, visto que em função dele a Instituição tem seu maior fluxo, fazendo com que tenha reconhecimento comunitário. O projeto contava com cerca de oitenta crianças que frequentavam diariamente a Casa em dois períodos. Para atendê-la, pelo menos três professores eram enviados pela prefeitura, que também enviava verbas para pagamento de um coordenador, um auxiliar de coordenação, uma cozinheira e uma auxiliar de serviços gerais. O convênio também possibilitava recursos para alimentação via Secretaria

³⁰ A dívida foi contraída junto à Receita Federal a partir de 2008 e a ela foram agregados os juros correspondentes, agravando a situação. Isto impossibilita a manutenção do vínculo da Instituição com a Prefeitura Municipal de Florianópolis.

³¹ Projeto da Instituição em parceria com a Prefeitura, que atendia crianças da comunidade em dois turnos, com atividades de arte/educação, cultura, lazer e esportes, além disso, disponibilizava refeições diárias aos participantes.

Municipal de Educação e Mesa Brasil, que é uma atividade do SESC no âmbito do Programa Fome Zero.

Findado o Projeto Esperança em função da dívida assumida, a equipe gestora da Instituição se reuniu periodicamente, no ano de 2010, na tentativa de buscar recursos que possam permitir que a dívida seja saldada e a situação da Instituição novamente regularizada. Enquanto isso, a Casa continua estando aberta para a Comunidade. Mantém diversos serviços que não necessitam prioritariamente de financiamento para a sua manutenção, como, por exemplo, as caixas postais.

Diversos foram os encontros ocorridos com a equipe gestora da Instituição³², neste ano de 2010, em que o principal ponto de pauta foi a dívida. Inicialmente, esperava-se pela manutenção do convênio com a prefeitura, enquanto a Instituição buscava formas de sanar a dívida. Encerado o convênio, a primeira reunião onde a situação foi exposta foi permeada por afetos diversos, de alegria a tristeza, de esperanças a angústias. Ficava marcado nos encontros da equipe da Casa que a situação financeira se agravava cada vez mais, e que poucas eram as condições vislumbradas para sua resolução a curto e médio prazo.³³ Ao mesmo tempo, era perceptível que os encontros iniciavam com uma dose de bom humor, alegria nas relações e preocupação com a Casa. O fato de a situação da Instituição ser considerada grave não significava que as reuniões eram perpassadas o tempo inteiro por sentimentos de angústia e tristeza. Havia potência naqueles encontros. Esta mescla de afetos indicava que, embora a situação financeira, fonte de grande preocupação para todos, fosse grave, havia algo naqueles encontros que dava sustentação afetiva para o grupo.

A partir da situação imposta pela dívida, a primeira atitude foi a de recusar a oferta de que a administração do Projeto Esperança fosse entregue para a Prefeitura Municipal de Florianópolis. A prefeitura propôs para a Casa que fosse renovado o convênio mediante a entrega da administração do Projeto, no entanto, a Casa seguiria com as mesmas despesas que já vinha administrando anteriormente. Fora desta condição, o convênio não seria renovado. Embora alguns

³² A Casa é configurada em forma de associação e sua gestão é formalmente dividida pelos cargos de presidente e vice, secretário e vice, tesoureiro e vice. Esta divisão, no entanto, é apenas formal. A hierarquia não existe na prática, uma vez que sua gestão é feita de forma horizontal, sendo que não é necessário ser membro da diretoria para participar das reuniões.

³³ A Instituição possui um terreno adquirido por meio de doação. Sua venda é uma das possibilidades consideradas para sanar a dívida contraída, pois o valor do terreno é suficiente para efetuar o pagamento. O terreno foi posto à venda em meados de 2010 e até o momento aguarda por possíveis compradores.

administradores públicos do âmbito municipal tenham sugerido esta alternativa, a equipe da Casa a interpretou como um insulto e optou por assumir a sua situação, continuando como gestora da Instituição. A fala de Dodô na reunião da equipe em que se discutiu esta situação, no mês de junho de 2010, esclareceu o que estava em jogo: *se entregamos a Instituição na mão da prefeitura, não teremos mais a Casa*. Mais do que uma resistência à política de escolarização das ONGs mantida pela prefeitura, continuar a gestão da Casa significa manter uma ética e um compromisso diferenciado na forma da Instituição estar na Comunidade e na relação com as pessoas que a ela estão entrelaçadas. Isso implica que a Casa é algo além da Instituição e, mais do que isso, *a Casa são as pessoas que com ela estão envolvidas*, segundo afirmou Valderi.

Com o encerramento do Projeto Esperança, diante da impossibilidade de manter as crianças na Casa, a equipe convidou os pais para uma reunião, objetivando expor a situação e indicar possibilidade de encaminhar as crianças para outras instituições na região. Após o encerramento das atividades do Projeto Esperança, fez-se um café de despedida com os professores da prefeitura, em seu último dia na Casa, antes de serem remanejados para outras instituições com convênios municipais.

Os demais funcionários da Casa foram mantidos com o salário integral. Este foi um indício da preocupação da equipe tanto com os funcionários quanto com a Instituição, buscando saídas para que nenhum dos dois fosse prejudicado.

A situação da dívida da Instituição denota as diferentes formas pelas quais os sujeitos se relacionam com a Casa. Aponta tensões, inscreve e re-inscreve diferentes sentidos, provoca em parte a re-apropriação dos espaços da Instituição, sempre a perpassar a história de cada um, transversalizando aspectos que indicam posturas políticas, éticas e estéticas em relação à vida, à forma de estar no mundo. A partir de então, diferentes foram as situações experienciadas pelas pessoas envolvidas com a Casa. Seus vínculos e formas de estar na Casa, de considerá-la quanto ao seu funcionamento e possibilidades, transpareceram ao logo das reuniões da equipe, relação esta sempre permeada por suas histórias de vida e por seus vínculos com a Casa.

Existe na equipe a afirmação de que a Instituição/Casa continua funcionando e sendo referência para a comunidade. As pessoas continuaram a frequentar a Instituição diariamente, por motivos diversos, mesmo que os projetos institucionais não estejam em andamento. Não obstante, a Instituição é afetada pelo impacto que a ausência dos projetos institucionais causa. Para Seu Antônio, que

considera a Casa do ponto de vista das lutas sociais e movimentos populares, é difícil pensar a instituição sem a proposição de projetos que contribuam para o crescimento e desenvolvimento das pessoas presentes na Comunidade.

Eu espero que depois que nós solucionarmos estes problemas, que a Casa volte à atividade. Porque a Casa é um ponto de referência para a comunidade. Mesmo não estando funcionando as pessoas vem procurar [...] Geralmente, na hora em que a prefeitura deveria estar dando apoio para as instituições, ela tira seu corpo. Aqui a prefeitura deveria dar mais apoio porque a Casa está dando um reforço à educação para os adolescentes, os jovens, as pessoas de terceira idade. Hoje completamente acabou. Eram todas coisas que a Casa estava fazendo e que hoje não faz mais por questões financeiras. E não adiantava a gente estar tocando os projetos e a dívida formando uma bola de neve que a gente nunca conseguiria pagar. São certas coisas que a prefeitura, a própria gerencia da prefeitura, nunca chamou nós assim para sentarmos e ver aonde que eles poderiam nos ajudar, nunca. (Antônio)

Na fala de seu Antônio fica clara a importância que é dada por ele aos projetos institucionais, que eram mantidos em funcionamento pela Casa. Para ele, a dimensão institucional da Casa Chico Mendes tem grande importância, no que tange aos espaços de apoio para a comunidade e luta social, enfraquecidos neste momento ao ponto de Antônio considerar que a Casa acabou, mesmo reconhecida sua a manutenção como referência para a comunidade.

Para Chica, parceira de Seu Antônio na Casa desde sua fundação, o momento pelo qual a Instituição passa lhe provoca muita angústia. Pessoa de poucas palavras, permanece em silêncio durante a maior parte as reuniões, mas suas expressões denotam dor e tristeza por causa da situação. Buscou pela prefeitura, em várias ocasiões, na tentativa de negociar e garantir o funcionamento do Projeto Esperança mesmo com a dívida. Entretanto, em nenhum caso conseguiu alternativas que solucionassem o problema. Por outro lado, tentou viabilizar a venda do terreno com a Secretaria Municipal de Habitação, mas pouco pôde fazer. Numa das reuniões, a dor da Chica chegou às lágrimas e tanto sua fala como sua dor ressoou na equipe da Casa presente na reunião. Disse ela: *querendo ou não querendo, é a Casa da gente...*

Tanto Chica quanto Seu Antônio possuem uma história de anos de luta comunitária, organização coletiva e participação em movimentos

sociais. Ambos são remetidos a esta referência quando se trata da atual situação da Casa. No entanto, neste momento e para este problema específico, não estão conseguindo encontrar respaldo na Comunidade e na própria Instituição de maneira a contribuir para a solução do problema a curto prazo.

Às vezes você anda pela comunidade e as pessoas perguntam o que está acontecendo com a Casa e então a gente explica o que tá acontecendo, a questão financeira. Mas a Casa ainda... eu acho que esta comunidade, perguntando o porque que a casa parou, deveria sentar, chegar aqui e dizer que “ó nós queremos que a Casa volte a funcionar, qual é o peso da dívida, posso contribuir com um real, cinquenta centavos”. Eu acho que deveria ser assim. Eu não acho que deveria se esperar de nós. Claro que nós enquanto estamos aqui dentro da Casa, enquanto que nós como coordenadores e associados da Casa, claro que a gente tem que se virar, mas a gente tem que ter alternativas pra que a Casa volte a funcionar. Enquanto aquele terreno não se vende, a gente tem que ter uma alternativa.

Porque as coisas mudaram tanto? Eu já vi tantos exemplos de que as coisas mudaram. Nas antigas, quando a gente pedia apoio, a Comunidade estava em peso, hoje, as coisas mudaram.
(Antônio)

Dentro desta situação, Felipe e Valderi são orientados por outra referência, que não é herdada dos movimentos sociais. Suas compreensões acerca da atual situação institucional apontam para certa passividade e espera. Ambos conheceram a Casa desde outro momento histórico, Felipe quando ainda criança, já Valderi na adolescência. Participaram dos projetos desenvolvidos pela Casa, voltados para o público da sua idade, mas não estiveram presentes diretamente na ocupação da Comunidade, na construção da Casa e nas lutas sociais desenvolvidas a partir de então. Desta forma, suas posições no que diz respeito à atuação social de resistência da Casa Chico Mendes passa por outros paradigmas, e recai nesta postura diferenciada diante da situação financeira da Casa e suas possibilidades. Ao mesmo tempo, suas falas apontam para uma possível redefinição da Casa em um momento posterior. Para Valderi,

O momento é de espera. Agora com esta crise da Casa a gente tá esperando uma saída. Esperando que a Casa acerte as coisas pra gente começar a pensar o trabalho da Casa. Daí eu falo mais como coordenador. Então a minha expectativa é que a

gente consiga pagar estas contas, e depois conseguir isenção para que as contas não aumentem e daí quando a gente sentar pra pensar qual o trabalho que a Comunidade está exigindo da casa, aí ver o que eu vou poder fazer, se eu vou continuar ou não. Mas é o trabalho que eu quero, continuar na casa, com certeza. E que o trabalho da casa continue, não sei se com as crianças, ou com os jovens ou com as mulheres. Acho que daí tem possibilidade de trabalhar várias coisas também.

Felipe, por sua vez, também expõe suas opiniões sobre o atual momento.

Eu acho que a casa vai se sair bem porque já tem uma conjuntura de vários projetos, não era só com as crianças, tem o projeto com as mulheres, com os jovens. Mesmo sem ter projeto, todo mundo vem aí e se diverte. E eu sei que vai se pagar esta dívida com o terreno que a gente vai vender, né? Mas eu acho que como a Comunidade já tem bastante projeto pras crianças mesmo, acho que a gente vai investir em outros projetos, com as mulheres, reuniões assim, cursos com mulheres, com os jovens também, acho que vai ter oficinas com os jovens.

É notável a disparidade de sentidos entre Antônio e Chica, de um lado, e Valderi e Felipe, de outro, atribuídos à situação da Instituição diante da dívida. Os primeiros ainda mantêm sua referência nos anos anteriores a esta situação, tempos de início da Comunidade e da Casa, referência que passa pela participação em movimentos sociais reivindicatórios e emancipatórios. Seu Antônio e Chica participaram da ocupação do terreno onde hoje se encontra a Comunidade. Lutaram por saneamento, por luz elétrica, por urbanização, pela chegada de escolas e pelas demais instituições sociais. Eles não podiam esperar. Se ficassem à espera, sem mobilização, logo seriam retirados do lugar que escolheram para viver. Seu Antônio e Chica atribuem a si mesmos, à própria Casa e também à Comunidade a responsabilidade pela situação atual, bem como o encargo para uma reestruturação futura.

Por outro lado, já Valderi e Felipe, quando chegaram à Comunidade, encontraram-na estruturada, pelo menos contando com as mínimas condições materiais necessárias à manutenção da vida. Não participaram dos movimentos sociais e das lutas, que eram empreendidas cotidianamente pelos fundadores do local visando à garantia de direitos. Esta experiência com movimentos sociais, não foi vivida por eles, de forma que suas referências são outras. Quando

chegaram à Comunidade os movimentos sociais estavam já enfraquecidos, ou melhor, modificados³⁴. Ambos não carregam a experiência de luta social que potencializa os sujeitos, tirando-os da passividade em busca de solução para os problemas postos. Isso não significa que eles não demonstrem preocupação com respeito à Instituição, no entanto, diante de uma dívida que a imobiliza, colocam-se no lugar de quem espera por uma solução, acreditando que esta virá.

Sobre a questão financeira da Casa, para que a Instituição não conte apenas com a venda do terreno, Dodô fez um projeto na busca por recursos financeiros, e o enviou para o Ministério do Trabalho. Agora está esperando pela resposta. Dodô, ao contrário de Chica e Seu Antônio, acredita no funcionamento da Casa em sua perspectiva Institucional, ou como viabilizadora de projetos específicos; uma vez que, com a interrupção do vínculo, apenas uma das atividades desenvolvidas ali parou de funcionar. Assim, de seu ponto de vista, a Casa continua aberta para o fluxo de pessoas e para as demandas da Comunidade. Mesmo sem o Projeto Esperança, ou outros projetos institucionais, algumas atividades acontecem. Em uma reunião de equipe relatou várias ocasiões em que a Casa foi procurada por pessoas da Comunidade, presença que ocorre por vários motivos: fazer um currículo, emprestar materiais, utilizar a internet, consultar livros e materiais didáticos. A caixa postal continua ativa, recebendo um fluxo diário de muitas pessoas que vêm conferir a correspondência. Quinzenalmente Dodô coordena um encontro de formação de docentes, para um grupo de professores e direção do Colégio Estadual América Dutra Machado. Mensalmente a Casa organiza um jogo de futebol com jovens da Comunidade. Toda semana, há o encontro das quintas-feiras³⁵. E ainda os jovens e adolescentes que vem a Casa diariamente para almoçar, tomar café e conversar.

A situação da dívida e todas as tensões decorrentes (afetos e projeções futuras que a acompanham) revelaram um desdobramento que existe na Instituição: a Casa é o conjunto de todas as pessoas com ela envolvidas, com suas histórias de vida e processos de constituição atrelados. Configuram uma tessitura que transcende os projetos institucionais. Esta condição, este encontro, subjaz à Instituição e a mantém. E neste encontro há potência criadora que aponta para uma

³⁴ Eles ainda existem, mediante outras configurações que não incidem diretamente nos objetivos pelos quais Antônio e Chica se pautavam, uma vez que enveredam para aspectos culturais e ambientais.

³⁵ Grupo de jovens que se reúne periodicamente na Casa Chico Mendes, o qual será detalhado no capítulo titulado “A Casa dos Encontros”.

possível redefinição da Casa, com mais liberdade, autonomia e sem tantas amarras institucionais.

A crise financeira gerou na equipe da Casa uma necessidade de reconfiguração do trabalho até então desenvolvido. Não apenas a partir desta situação, mas também da necessidade por buscar uma autonomia que permita um maior fluxo de sua proposta político-pedagógica, que considera os “bons encontros” como possibilidade de práticas diferenciadas. Desta forma, ao mesmo tempo em que nas reuniões se discutem formas de resolução do atual entrave financeiro, vislumbram-se novas possibilidades para a Instituição, na forma da construção de um Centro Cultural³⁶.

Isso marca também o que a princípio poderia ser definido como duas posturas diferentes com relação aos afetos do grupo nas últimas reuniões de equipe, momento que estas questões são postas em pauta. Há bastante preocupação, revolta e tristeza com respeito à questão financeira. Mas o encontro é permeado por alegria que nutre o sonho e o desejo de ver novamente a Casa funcionando como Instituição. O que dá potência para ação, de onde surgem várias ideias para a construção do Centro Cultural.

Será que é possível arriscar afirmar que uma nova molecularidade escapa por estes encontros pautados pela situação financeira da Instituição? Acredito que a situação corrobora as afirmações de Bocco (2008), quando esta diz, com base em Deleuze e Guattari, que “ao mesmo tempo em que as linhas duras não cessam de recapturar, amarrar e obstruir – gerando a sensação de impotência –, as linhas de fuga não param de fluir e irromper, colocar em movimento” (p. 149).

Desta forma, a partir da crise surgem novas possibilidades. E estas estão atreladas aos encontros que ocorrem na Casa, mas também à racionalidade de pessoas como Seu Antônio e Chica, que não deixam de acreditar que, a partir de sua luta, podem encontrar melhores condições de vida para a comunidade. São encontros que sintetizam as histórias de todos os que estão envolvidos, suas posturas diante da realidade, suas expectativas e broncas com respeito da Instituição. Compostos pelo que

³⁶ O Centro Cultural é uma ideia que tem aparecido em conversas nos últimos tempos na Instituição, mais especificamente, desde que surgiu o entrave da dívida. Com a criação de um Centro Cultural, procura-se disponibilizar o espaço para atividades que podem ser empreendidas por moradores da Comunidade ou pessoas interessadas em participar da Casa. Prevê-se a criação ou reformulação de alguns espaços da Instituição, como, por exemplo, o museu de brinquedos junto com a biblioteca, formando também um espaço de convivência. Quanto ao caráter político, procura-se pela desburocratização das atividades empreendidas, imprimindo um caráter mais informal para os trabalhos, além de livrar a Casa de alguns compromissos e entraves burocráticos característicos de qualquer instituição.

cada um traz de si para dentro da Casa, pelos afetos que estão em cena, estes encontros também geram alegria e potência de ação. Toda esta tessitura indica processos criativos, fundamentados neste diferencial que marca significativamente a Instituição também como a “Casa dos Encontros”.

5 A CASA DOS ENCONTROS

Vamos tomar um café?

Cheguei à Comunidade Chico Mendes no fim da tarde para mais um dos nossos “encontros de quinta”. Ao desembarcar do “Chiquinho”, percorri caminhando o espaço de uma ruela de uns sessenta metros de comprimento que liga a rua principal da Comunidade à Casa Chico Mendes. Ao me aproximar da Casa, abri a pequena grade de ferro que separa o jardim e a rua. Passando pelo portão e logo pelo pequeno jardim, olhei para a porta da Casa que, como quase sempre, estava aberta. No sofá, logo na entrada, estava Dodô, sozinho e pensativo, de cabeça baixa, meio tristonho. Pelo pensamento me passou, de relance, uma possível preocupação com a dívida e a situação da Instituição nestes últimos tempos. Ao nos cumprimentarmos, Dodô me perguntou se eu estava feliz. Respondi-lhe que sim, estava. Logo que respondi continuei a entrar para a Casa, me dirigindo ao escritório, para deixar minha mochila e apanhar o violão. Enquanto eu caminhava, eu também falava: “estou feliz, sim, embora nestes últimos dias tenha andado meio manteiga derretida, querendo chorar por qualquer coisa. Não sei o que acontece”. Ao me virar, já com o violão, Dodô que me seguia, olhou-me nos olhos quando ficamos de frente um para o outro. Pegou com as duas mãos a minha cabeça e completou: “vamos tomar um café então?” (Diário de Campo, 30/09/2010).

5.1 Bons Encontros como lugar de Calor

É na cozinha da Casa o espaço onde mais ocorrem os encontros e, sobretudo, os bons encontros. Mesmo que possam estender-se para os demais espaços, e até mesmo fora da Casa ou da Comunidade, os

encontros têm na cozinha seu espaço legitimado, geralmente em torno da mesa.

Na cozinha da Casa a mesa é o móvel que mais ocupa espaço. Mesmo assim, é pequena, retangular, sendo que um de seus lados maiores está quase encostado na parede. Por isso que é necessário arrastá-la mais para o centro da cozinha sempre que se pretende sentar ao seu redor. No centro da mesa, há duas garrafas térmicas com café. Sempre há café e quase sempre a mesa é povoada. No espaço ao seu redor cabem confortavelmente umas seis pessoas sentadas. Nos dias de encontros povoados, sempre se arranja mais espaço: os bancos de madeira, largos e sem encostos, possibilitam a proximidade dos corpos. As duas cabeceiras da mesa que restam são completadas com cadeiras. Há também os que preferem ficar em pé. É possível encontrar conforto no pequeno espaço, no corpo-a-corpo, nesta proximidade que faz com que os presentes estejam de fato *ali*.

A presença é sempre presente. Ao redor da mesa, as xícaras de café fumegando, com muito açúcar para alguns paladares, sem nenhum para outros, fazem parte da composição e aproximam, de maneira que “[...] cada coisa, sendo elemento significante de uma organicidade, vale por si mesma” (MAFFESOLI, 2005, p.25). As proximidades revelam os corpos, os gestos, os olhares, as diferentes entonações de voz, e as diversas histórias de vida. As marcas da existência que são reveladas nas minúcias dos corpos, pelas tatuagens, nos acessórios para o corpo, nas cicatrizes, e nas outras marcas da pele. A pele, esta superfície que revela o que há de mais profundo: todos sabem o significado daqueles nomes tatuados nos corpos, contudo poucos comentam sobre eles. Será que estas marcas precisam do silêncio para serem reveladas? O que revela a importância do imaterial no material? (MAFFESOLI, 2005)

Pouco a pouco, a vida é posta ao redor da mesa. Os corpos que preenchem o espaço não deixam lugar para a indiferença. Diante do outro, as nossas percepções também nos revelam, pois sempre se está implicado na forma de perceber o mundo, uma vez que também fazemos parte daquilo que percebemos. Assim como somos revelados pelo olhar do outro, somos sempre afetados por aquilo que faz parte de nós, que nos compõe de infinitos modos. Toda percepção é um afeto. São os afetos que revelam e constituem os corpos: sempre somos afetados diante do outro (ESPINOSA, 2009).

Para além do individualismo, na roda do café a vida

[...] é pura expressão de sentimentos de pertença sucessivos. Nós somos membros, nós fazemos

parte, nos agregamos, participamos, ou, para dizer trivialmente, ‘nós somos *nisso*’ (MAFFESOLI, 2006, p. 278).

Nós somos *nisso*, e, a partir das palavras de Tinho, encontramos sentido e tradução: *uma das formas que é pra gente não se sentir sozinho é não deixar as pessoas se sentirem sozinhas também.*

Não há motivos preestabelecidos que provocam o encontro neste coletivo que se forma. É sempre na imprevisibilidade do acontecimento que forja o prazer e o desejo de estar junto, sem objetivo específico, em “[...] uma ‘inutilidade’ que, não se inscrevendo numa perspectiva utilitária, é o indício de uma utilidade muito mais profunda” (MAFFESOLI, 1996, p. 63). *Eu vinha pra cá só por vir, para tomar um café, para conversar e aí depois é que a gente vai criando os laços,* conta Valderi sobre o início de sua experiência com a Casa, indicando este momento do café como mais uma de suas *portas de entrada*.

Um plano de madeira na horizontal pode ser uma mesa, na vertical uma porta. Na vertical permite uma ação deliberada, pode fechar ou abrir para a possibilidade do contato, do encontro, permitir o trânsito ou impedi-lo. Para se chegar à mesa, passa-se pela porta. Na horizontal, coloca as relações sobre o mesmo plano, simbolismo que rejeita a hierarquia e substitui a moral pela ética:

Acolhimento. A Casa eu posso definir como acolhimento, porque a Casa acolhe todo mundo, sem julgar ninguém. Tu pode ser bandido, tu pode ser mendigo, pode ser matador, tu pode ser hippie. Tu pode ser o que for que a Casa acolhe e trata todo mundo igual. (Felipe)

As palavras de Felipe indicam precisamente a ruptura que desloca o campo da moral para o campo da ética. Quando falamos de um lugar moral, estamos diante de uma qualificação valorativa, indicando um patamar em que o outro é colocado sobre o julgamento de valores transcendentais, bem e mal, que abrem espaço para classificações, passíveis de interromper o encontro no que diz respeito ao sujeito sentir-se disposto a deixar-se afetar pelo outro. No plano da ética, este sistema de valor é desarticulado e, na relação com o outro, abre-se a possibilidade para o que pode emergir do encontro. Leva-se em conta os afetos que são postos em jogo, e estes podem ser bons ou maus, dependendo da composição formada. “Eis, pois, o que é a Ética, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a Moral, a

qual relaciona sempre a existência a valores transcendentés” (DELEUZE, 2002, p. 29).

Ser acolhido naquilo que se dá abertura ao campo da ética. Ser convidado para compor a mesa de café, independente da qualificação moral que possa ser atribuída, diminui a resistência ao encontro, coloca as pessoas em relação de “igualdade”. Isto abre espaço para a constituição do que Sawaia (1995) chama de “um lugar de calor”, onde “[...] uma coletividade que, sem abrir mão de seu modo de ser, acolhe a multiplicidade, em movimento de recriação permanente da existência coletiva e um fluir de experiências sociais vividas como realidade do eu, mas partilhadas intersubjetivamente” (SAWAIA, 1999, p. 24). Lugar onde se constrói um ponto de referência, um espaço coletivo de apropriação do sentimento de estar entre pares, lugar de “[...] movimento e recriação permanente da existência coletiva”, (Ibid., p. 25): *A gente senta, conversa, planeja algumas coisas, faz uma janta, um almoço, um café, ri pra caramba. [...] Então a cozinha agora é o nosso ponto de referencia.* (Doio).

O lugar de calor” é vivido pelos sujeitos e conhecido por eles quando confrontados com outros espaços que não permitem o fluir desta dinâmica. “outros espaços que, apesar da circulação democrática, são vividos como ‘não lugares’ [...] espaços construídos com fins determinadados, onde a interação se dá apenas através de texto, sem outros enunciantes que não pessoas morais ou institucionais (SAWAIA, 1995, p. 23).

A Casa dá liberdade. A gente constrói o respeito e a amizade. Em outros lugares não tem esta confiança de ir construindo com as pessoas. Eles te olham e pensam que se tu é jovem está vestido de qualquer jeito, então tu não pode ficar sozinho na cozinha, vai roubar alguma coisa. E a Casa tu vai criando esta confiança e assim, “deixa ele lá!”. (Valderi)

Aqui... não dizer assim, mas tem uma energia boa aqui dentro. Às vezes você chega num lugar tu fica meio trancadão assim. Tu fica meio quieto, aí tu vê as pessoas que não te olham com aquele jeito de querer te conhecer, de querer falar contigo, saber quem tu é. E aqui não. Quando eu cheguei aqui eu também cheguei quieto. E o pessoal veio falar comigo, me convidavam

pra jogar pingue-pongue, me convidavam pra aprender a mexer no computador, coisas assim, né? (Tinho)

O lugar de calor implica na construção de um “universo de suavidade” experimentado pelos sujeitos que fazem parte destes espaços. Neste sentido, há a possibilidade de poder construir,

[...] a partir dos saberes e trajetórias, das confianças e desconfianças, dos medos e dos afetos, “um universo de suavidade”. [...] A suavidade é um dado imediato da subjetividade coletiva. Ela pode consistir em amar o outro em sua diferença, em vez de tolerá-lo ou estabelecer códigos de leis para conviver com as diferenças de um modo tolerável. (GUATTARI apud BOCCO, 2008, p. 162)

É neste lugar de calor e neste universo de suavidade que o sujeito mantém contato com o outro, identificando-se com este, num movimento de igualar-se e diferenciar-se em sua singularidade. Com o outro compõe-se um espaço que pode ser compreendido do ponto de vista de uma

[...] estética da existência [que] deve ser regulada pelo princípio da comunidade, que define uma ética através de bons encontros, que se alimenta da diversidade, sem temer o estranho, pois é ligar-se ao outro sem o despotismo do mesmo, apresentando-se como qualidade de relação, caracterizada pela mutualidade em vez de poder desigual [...]. A fusão entre eu e o diverso não é apenas racional. Ela é emocional e é vivida pela experiência, mas com plena consciência de que as emoções são determinadas socialmente (SAWAIA, 1999, p. 24).

Neste sentido, a partir da mesa da cozinha e de outros encontros, os sujeitos passam a frequentar a Casa e a compreender este espaço como seu. Ao mesmo tempo, compartilham com o outro mediante um contato que dissolve as resistências e julgamentos *a priori*. É importante levar em conta a fala de Tinho, citada acima, em que ele conta experiências de outras situações e lugares em que se sentiu “trancadão”.

Qual seria o sentido assumido por Tinho ao utilizar-se deste termo? Estar trancado pode se referir ao estancamento do afeto com o outro e com o mundo, ou, pelo menos, a supressão da disponibilidade para *estar* com o outro, mediante uma relação desfavorável? Tinho, ao usar este termo, referia-se a lugares onde as pessoas olham sem demonstrar *aquele jeito de querer te conhecer*. Como contraponto, seria a Casa dos Encontros, materializada nas relações que acontecem entre os sujeitos na mesa da cozinha, um lugar onde o sujeito se dá ao conhecimento do outro mediante a disponibilidade desse outro querer conhecê-lo? Em caso afirmativo, está aberto o espaço para a fluidez da relação e dos afetos. Levando-se em conta a fala de Valderi, que coloca a Casa como um espaço de liberdade em que se constrói o respeito e a amizade, chegamos ao lugar de calor e ao universo de suavidade que abrem espaço para a composição de relações que são pautadas por uma ética dos bons encontros.

5.2 Encontros com a ética

É também neste *locus* que se encontra um campo fértil para se estabelecer a discussão de uma ética. Se o homem se define em suas relações, estas também são construídas por ele. Os sujeitos, uns diante dos outros, na vida como um todo, ou ao redor de uma mesa de café, compõem uma relação em que são afetados mutuamente. E não há alibi para isso, se o encontro não te afeta, você simplesmente não está *ali*, não passou pela porta. É por esta afecção³⁷ que os corpos se definem e é nesta ética, ou seja, neste processo que inicia sob a condição de o indivíduo afetar e ser afetado, que se encontra a morada do homem. Deste encontro pode emergir a tristeza, o que diminui a potência de ação dos corpos. Mas também pode levar à alegria e ao aumento da potência de ação. Tristeza e alegria são afetos que surgem nos encontros dos homens, uns diante dos outros e do mundo. Espinosa (2009) nos fala que, quando o homem está imerso em um afeto de tristeza, está sujeito à potência de padecer. Fica na mão do outro, perde sua autonomia e está subordinado a uma relação de servidão. Ao contrário, se o afeto é de

³⁷ De acordo com Espinosa: “Por afeto, compreendo as afecções do corpo, pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias destas afecções” (2009, p.98). Logo na sequência, Espinosa coloca que quando podemos ser a causa adequada de alguma destas afecções, por afeto compreende-se uma ação; em caso contrário, uma paixão. Espero que esta questão possa ficar um pouco mais clara no decorrer da explanação sobre os três gêneros de conhecimentos contidos na ética.

alegria, o homem tem a sua potência aumentada. Sua ação no mundo é potencializada e o encaminha para desencilhar-se da servidão, possibilitando a liberdade.

Para Espinosa (2009, p. 64), “o que constitui a forma de um indivíduo consiste em uma união de corpos”, sendo que o corpo tem dois segmentos, dois planos. De um lado, um corpo é formado por infinitos outros corpos, Com eles compõe uma relação de repouso e de movimento, de velocidades e lentidões das partículas de um corpo. Fala-se de velocidade e de lentidão justamente pelo fato de os afetos implicarem em passagens, em mudanças de estado do corpo. De outro, o corpo afeta outros corpos, e é afetado por eles, por isso é também por esta afecção que o corpo se define (DELEUZE, 2002). Segundo Deleuze (1997, p. 158), “[...] as afecções variam segundo as cadeias de associação entre os corpos (o sol endurece a argila e derrete a cera, o cavalo não é o mesmo para o guerreiro e para o camponês)”.

Neste sentido, as afecções possibilitam uma transformação de um estado para o outro, ou, na linguagem de Espinosa, aumento ou diminuição da potência. Desta perspectiva, tudo o que existe está relacionado ao seu grau de potência: tem mais ou menos potência. Espinosa falará não só da potência, ou da ação e da forma de ser afetado de que algo é capaz. Não só do que a coisa é, senão também do que ela é capaz de suportar e fazer (DELEUZE, 1980).

Em outras palavras, o sujeito é na relação que estabelece com o outro e com o seu contexto a partir da forma como é afetado nesta relação, a qual produz aumento ou diminuição de seu grau de potência. Neste sentido o sujeito é o que é capaz de fazer e sentir, um grau de potência que pode variar. Este aumento ou diminuição de potência se dá a partir dos encontros. Assim os corpos, que se encontram, ora têm relações em que se compõem, ora se decompõem.

[...] concretamente, se definirmos os corpos e os pensamentos como poderes de afetar e de ser afetado, muitas coisas mudam. Definiremos um animal, ou um homem, não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos de que ele é capaz. (DELEUZE apud PEIXOTO, 2009, p. 384)

Deleuze, ao teorizar sobre a ética de Espinosa, defende que “[...] quando um corpo encontra outro corpo, uma idéia outra idéia, tanto

acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, e ao contrário, quando um decompõe o outro, destrói a coesão das suas partes” (DELEUZE, 2002, p. 25). A ética de Espinosa volta, de início, a sua atenção para as paixões alegres e as tristes, transcendendo a moral do bem e do mal. É uma ética do bom e do mau, ou respectivamente, da potência de existir e das paixões tristes. A partir deste ponto de vista, pode-se pensar que um indivíduo, ao encontrar outro ou em grupo, compõe a relação num encontro que pode ser tanto de composição quanto de decomposição. Sente-se alegria quando acontece um bom encontro e, inversamente, tristeza na ocorrência de um mau encontro, quando um corpo ou uma ideia ameaçam sua própria coerência.

Para Espinosa, o caminho da ética transita por uma passagem que revela três gêneros de conhecimento. O primeiro é o gênero da experiência vaga, a consciência. É apenas um efeito dos encontros que os nossos corpos fazem com o mundo. Nessa associação, o corpo vai receber marcas dos encontros, e a consciência é o efeito do encontro dos corpos. Neste ponto, a consciência não é ativa, mas é resultado de forças que vem de fora. O homem da consciência é o homem da servidão. O segundo gênero é o da razão, do conhecimento. A capacidade do homem conhecer aquilo que está do lado de fora³⁸, além de ser apenas o resultado daquilo que vem de fora, tem o conhecimento desta situação. Esse segundo gênero não permite que o homem seja produtor. Apenas vai conhecer o que existe, os objetos que estão fora dele. É a razão que busca a verdade no campo epistemológico e busca o melhor no campo moral. O terceiro gênero é chamado de beatitude, ou ciência intuitiva. É o poder de invenção e de rigor do homem. Em vez de estar apenas conhecendo o que está fora, vai criar novos modos de vida. O terceiro gênero não está aqui para buscar o que é verdade na natureza ou o que é melhor para os homens: está aqui para ultrapassar o que o homem é, para produzir outra maneira de existir. Esse terceiro gênero é o que vai

³⁸ As noções de “dentro” e “fora” na obra de Espinosa, necessitam de um cuidado mais atento. O indivíduo em Espinosa está sempre em relação, é composto por infinitos outros corpos e, ao mesmo tempo, que faz parte de outras composições, não esta que acaba por abarcar a Natureza como um todo. Neste sentido, tudo o que existe faz parte de uma só coisa, expressada de infinitos modos. Não caberia discutir aqui toda uma complexa ontologia que abarca a obra de Espinosa como um todo, no entanto, torna-se necessária esta ressalva, visto que mais adiante discutiremos o conceito de dobra, que começa por problematizar a indissociabilidade do “dentro” e do “fora”.

se ligar com a questão da liberdade, segundo Claudio Ulpiano³⁹. Desta forma, a liberdade para Espinosa seria a possibilidade de o indivíduo governar suas próprias afecções. (SHÖPKE, 2000)

De acordo com estas considerações,

a vida ética começa, assim, no interior das paixões, pelo fortalecimento das mais fortes e enfraquecimento das mais fracas [...] Uma tristeza intensa é uma paixão fraca; uma alegria intensa é uma paixão forte, pois fraco e forte se referem à qualidade do *conatus*, ou potência de ser e agir, enquanto a intensidade se refere ao grau desta potência (CHAUÍ, 1995, p. 70).

À medida que as paixões tristes vão sendo afastadas, e as alegres aproximadas, a potência de agir aumenta, e, portanto, a alegria dela nascida diminui nossa passividade e prepara-nos para a atividade. O primeiro instante da atividade é sentido como um afeto decisivo, pois quando para o sujeito pensar e conhecer forem sentidos como o mais forte dos afetos, o mais forte desejo e a mais forte alegria, um salto qualitativo tem lugar. Porque passamos a descobrir a nossa essência no instante mesmo em que a paixão de pensar nos lança para a ação de pensar (CHAUÍ, 1995). Desta forma,

A ética não é senão o movimento de reflexão, isto é, o movimento de interiorização no qual a alma interpreta seus afetos e as afecções de seu corpo, destruindo as causas externas imaginárias e descobrindo-se e a seu corpo como causas reais dos apetites e desejos [...]. É o desejo de alegria que impulsiona rumo ao conhecimento e à ação. Pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles. (CHAUÍ, 1995, p. 71)

Neste sentido, o homem da ética não está apenas sujeito aos encontros e aos fluxos de afetos que destes encontros decorrem. Quanto melhor o homem conhece a causa adequada⁴⁰ de seus próprios afetos,

³⁹ Este parágrafo foi parafraseado de uma aula gravada e publicada na internet, sob o título de *Pensamento e Liberdade em Espinosa*. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=KMhuVkSDQPs>.

⁴⁰ “1. Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode

mais ele pode se esforçar para se aproximar do que melhor compõe uma combinação consigo. Ele saberá procurar se aproximar daquilo que expande tua potência de existir, e permanecer no seu próprio ser:

Será dito bom (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém a sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência. Pois a bondade tem a ver com o dinamismo, a potência e a composição de potências. Dir-se-á mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as conseqüências, pronto a gemer e acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela sua própria impotência (DELEUZE, 2002, p. 29).

A ética, então, se define a partir dos modos de existência que se compõem na relação entres os indivíduos, e a forma como cada um é afetado neste encontro. Diferencia-se da moral que se relaciona à existência de valores transcendentais. Desarticula o sistema de julgamento, que opõe os valores (bem/mal), substituindo-os por modos qualitativos de existência (bom/mau). Na ética não se julga, se pergunta o que é possível, o que pode um corpo a partir da maneira em que estão organizados os modos de existir de alguém “tendo como critério a afirmação de sua potência criadora – daí o porquê de chamá-lo de ético (ROLNIK, 1992, p. 8).

Chamamos *ética* não a um dever para com a Lei ou o Bem, nem tampouco a um poder de segregar ou distinguir o puro do impuro, o joio do trigo, o Bem do Mal, mas a uma *capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos, algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência condicionada pelo social ou pelo poder, na direção de uma experiência liberadora, como num*

ser compreendido por ela só. 2. Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial” (ESPINOSA, 2009, p. 98).

aprendizado contínuo. (FUGANTI, 2005, não paginado).

Mas, então, o que seria um bom encontro? Um bom encontro acontece quando dois corpos se encontram de tal forma que na sua relação de composição, há um aumento de potência, e, por consequência, um aumento da capacidade de existir. Quando se escuta uma canção de que se gosta, todo o corpo compõe se com a sonoridade da canção, e então se tem a potência aumentada. Quando as relações se compõem de forma a constituir um bom encontro, as duas coisas, pelas quais a relação se compõe, formam algo a mais que as engloba e as toma como partes. Desde então se pode dizer que a potência está em expansão (DELEUZE, 1980). Em outras palavras: “o objeto que convém a minha natureza determina-me a formar uma totalidade superior que nos inclui, a ele e a mim” (DELEUZE, 2002, p. 27).

Entenda-se, aqui, a essência como um grau de potência, que corresponde a certo poder de ser afetado que diminui ou aumenta a nossa potência. O poder de ser afetado apresenta-se como possibilidade de aumento da potência para agir, que nos possibilita a busca pela liberdade. Do contrário, em oposição à potência para agir, nos maus encontros somos tomados pela potência de padecer, que nos coloca em uma relação de servidão. Servidão e liberdade: justamente nestas duas possibilidades que podem aparecer, no encontro entre os corpos, o lugar onde reside, em última instância, a ética.

Na cozinha da Casa Chico Mendes, ao redor da mesa, o acolhimento traz a ética do bom encontro. Quando este ocorre, e nele é produzida a potência de ação, não há previsibilidade para o acontecimento, visto que do encontro pode emergir múltiplas possibilidades:

Na cozinha rola tudo. Rola café, almoço, cerveja. É lá onde tem os encontros, os papos, tem samba, tem música, tem pagode, tem tudo o que a gente quiser. Tem violão, tem o pessoal que chega de fora, então é lá que a gente conversa. A gente vai conhecendo os argentinos e os uruguaios (risos), já veio pessoal de tudo quanto é lado. (Valderi)

Além do caráter festivo de alguns encontros, Valderi também em seu relato toca na questão de conhecer outras pessoas, de outros países, de todos os lados. Existe certa regularidade de pessoas que frequentam estes encontros na Casa. São geralmente pessoas da Comunidade ou

“gente de fora” e, quase sempre, em ambos os casos, pessoas que mantêm uma relação estreita com a Casa Chico Mendes. Há um cerne que compõe esta roda, formado principalmente pelos moradores da Casa, novos ou antigos, pelos jovens que a frequentam quase diariamente e por educadores e militantes que trabalham (ou já trabalharam) na Comunidade. Mas neste cerne, neste coletivo, há uma permeabilidade, de forma que a ele são agregados os amigos, os relacionamentos, os amigos dos amigos e, sim, pessoas de todos os lados.

Este coletivo foi acolhido desta forma desde o princípio da existência da Casa na Comunidade, e agora abre o espaço para assim acolher aos outros que chegam.

Agora eu me sinto trabalhando (risos), porque este é o meu papel aqui, mas tem um outro sentimento que é o de estar em casa. Quando eu estou aqui eu estou em casa. Isso foi também o que a gente procurou dizer e escutou muito das pessoas que trabalharam aqui e os amigos da Casa também. E o que eu tento passar para as outras pessoas hoje, é que aqui também é a nossa casa, então quando eu estou aqui eu acho que eu estou em casa.
(Valderi)

A composição destes encontros toma forma plural em múltiplas dimensionalidades: ao redor da mesa uma professora universitária se reúne com um jovem que há alguns anos está estudando para passar no vestibular, ou com uma senhora que recentemente iniciou seu processo de alfabetização. Uma freira ocupa um lugar de poder imbuído da noção de horizontalidade na relação com um “jovem infrator”⁴¹, contudo no encontro passa-se longe da noção de que, mediante estes lugares sociais, a freira precisa ajudar o jovem a se “libertar” do caminho que está seguindo na vida, ou o contrário.

Os presentes na roda têm suas histórias, ideologias, maneiras de vida que são compartilhadas, postas no encontro de maneira que se complementam. Formam um todo mais potente, no lugar de se opor. E sempre, sempre aparece mais gente. Assim como muitos dos jovens que conheceram a Casa, foram levados ali por amigos para tomar um café.

⁴¹ Freira e “jovem infrator” são categorias morais. No caso de uma perspectiva ética, pouco importa quem é um ou quem é outro, quem vai “libertar” ou ser “libertado”, se é que isso irá acontecer. Lembro-me agora das palavras de Dodô, que não foram poucas vezes ouvidas nas rodas de conversa da Casa Chico Mendes: *uma pessoa pode ser isso* [este rótulo], *mas é também muito mais do que isso*. Quando ocorrem os encontros, as pessoas são mais do que a perspectiva que *a priori* apresentam ao olhar do outro.

Outras pessoas que participam destes encontros levam os seus, sejam amigos, colegas de universidade, familiares ou colegas de trabalho⁴².

Vale destacar que os meninos⁴³ colocam estes espaços de encontro no mesmo nível dos trabalhos desenvolvidos pela Casa Chico Mendes, e, dentro desta compreensão, os encontros fazem parte do escopo dos trabalhos desenvolvidos. Mas existe um diferencial: muitas vezes conhecidos por projeto⁴⁴, os trabalhos da Casa transcendem as prerrogativas comumente encontradas em outros espaços institucionais. Fazer parte de um encontro significa participar desta “união de corpos que se compõe” (DELEUZE, 2002) que abre múltiplas dimensionalidades, a depender das possibilidades de significação que os sujeitos podem atribuir aos desdobramentos destes espaços, imbricadas com a singularidade de cada um em sua forma de ser afetado. Não se trata de uma fórmula comum, como aponta Valderi ao dizer que *nosso objetivo aqui não é o de salvar ninguém*, ao qual se pode acrescentar que não é o de “tirar os jovens e as crianças da rua”, prevenir sobre os perigos do crack e outras drogas, e desenvolver ações preventivas para faixas etárias “de risco”. Esta reflexão até pode acontecer, mas como desdobramento. Desta forma, abrem-se outras possibilidades de enunciados, como por exemplo: “crack, vamos pensar sobre isso?” no lugar de “crack, nem pensar”⁴⁵, é assim que vão produzindo territórios existenciais alternativos àqueles que são ofertados ou mencionados por métodos educativos comumente morais e assistencialistas. Tais métodos podem levar a anulação do outro a partir do lugar por ele ocupado, ou levado a ocupar, para em seguida “evangelizá-lo”.

Como contraponto, os encontros são recursos que a Casa dispõe para um coletivo

[...] afirmar um modo próprio de ocupar o espaço doméstico, de cadenciar o tempo comunitário, de

⁴² Eu mesmo já levei muita gente para os encontros da Casa, inclusive os uruguaios e argentinos citados por Valderi.

⁴³ A palavra “meninos” é posta aqui pois é assim que os jovens que frequentam a Casa são denominados. Poderíamos usar uma variação também utilizada por lá para o mesmo fim, “os juris”, ou então “jovens” um termo mais técnico e utilizado pelos meios acadêmicos. Prefiro aqui manter o termo “meninos”, pois abre uma brecha que nos aproxima um pouco mais destes encontros. Quando aqui me refiro a este termo, estou falando principalmente dos jovens que vão à Casa com regularidade, muitos deles, entrevistados como sujeitos desta pesquisa.

⁴⁴ Projeto é a denominação que algumas vezes é usada para se referir ou nomear a Casa Chico Mendes.

⁴⁵ “Crack nem pensar” é uma campanha que tem ganhado bastante visibilidade nos meios de comunicação. Seu enunciado, da forma como é posto, pode indicar uma recusa para a discussão do assunto.

mobilizar a memória coletiva, de produzir bens e conhecimento e fazê-los circular, de transitar por esferas consideradas invisíveis, de reinventar a corporeidade, de gerir a vizinhança e a solidariedade, de cuidar da infância ou da velhice, de lidar com o prazer ou a dor (PELBART, não datado, p. 36).

São possibilidades de recriar laços e de tecer territorialidades existenciais e subjetivas que estão na contramão e que revertem o jogo de valores que, o tempo todo, são atribuídos às pessoas imersas em contextos comunitários empobrecidos. Mesmo que não tenham muita visibilidade para fora dali, estes encontros acontecem, têm uma grande capacidade de agregação e transformação, apontando para surpresas que não ficam suspensas no espaço, não caem no vazio, pois são devires e provocam devires outros⁴⁷.

Dois exemplos podem ser citados para ilustrar. Um deles foi retirado a partir dos relatos dos jovens que frequentam a Casa; o outro da minha própria experiência enquanto pesquisador e participante dos encontros.

O primeiro diz respeito ao um grupo de jovens que começou a se reunir periodicamente na Casa Chico Mendes e, a partir do encontro, desenvolveram algumas formas de gestão e ampliação das possibilidades do espaço compartilhado. Transcrevo aqui o relato que Doio ofereceu, em entrevista, para ilustrar com suas palavras como foram desenvolvidos e organizados estes encontros:

André: Como é que tu conheceu a Casa Chico Mendes?

Doio: O Dodô dava aula no colégio, e eu tinha um irmão que estudava ali também. O Dodô não dava aula pra mim, mas dava pro meu irmão, que sempre vinha aqui. Aí um dia eu vim aqui com o meu irmão e passei a participar das atividades.

André: Como é que foi o teu primeiro contato com a Casa? Tu lembra o que veio fazer?

⁴⁷ Devir não é ser. É tornar-se. “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se” (DELEUZE, 1997, p.11). Refere-se à mudança constante, puro fluxo de tornar-se o que não sou eu, sem que eu seja o outro; é habitar o entre experimentando passagens e intensidades.

Doio: Vim tomar café. É... tomar café e jogar xadrez, era o que o pessoal fazia aqui. Aí depois a gente começou a vir pra jogar pingue-pongue, numa sala que tem aqui em cima, e que agora é o quarto do Tinho. Aí depois o grupo foi se estendendo e a gente deu uma ideia pro Dodô que era pra gente montar um grupo, que se encontraria todos os dias depois do colégio e aí o grupo foi crescendo, crescendo e chegou em torno de uns quase trinta jovens. Aí a Casa comprou uma mesa de pingue-pongue, uma mesa de pimbolim, tinha xadrez, tinha dominó, várias paradas. A gente começou a montar um cronograma de funcionamento. Então tinha dia de cinema, dia de jogos e dia de debate. Depois disso a gente começou a montar vários grupos, tinha grupo de estudos, a gente começou a trazer cursos pra cá, tinha curso de inglês, de espanhol, alemão, teve um luta de artes marciais, kung fu, já teve biodança, e a gente sempre fazia encontros fora daqui, no Campeche, na Pinheira, encontros de formação. Daí com este grupo a gente também teve curso de DST, HIV, AIDS, duas vezes.

Valderi complementa a fala de Doio, em relação a este grupo que se formou:

Então, daí tinha o projeto de capoeira e tinha o encontro de jovens no café com livros, todo sábado, a gente lia e comentava as histórias, que eu participava. E participava também do projeto nossa casa, que era na parte da noite. Daí a gente vinha pra cá, fazia passeio, participava da PJMP⁴⁸ e jogava pingue-pongue. O pessoal assistia a televisão e tinha internet também.

Os relatos de Doio e de Valderi mostram as possibilidades de extensão de um encontro que, a partir de uma mesa de café, de um convite que agrega pessoas, aumenta a potência de ação, ganha corpo e se ramifica em novas ideias, novas possibilidades, vínculos e formas de estar presente⁴⁹.

Os encontros ocorrem e se transformam: uma composição sempre admite transformação, no tempo, no espaço, na variação de seus componentes. As falas de Doio e de Valderi se referem aos encontros que aconteciam na Casa com maior intensidade entre os anos de 2001 e 2006. Embora muitas pessoas que frequentavam estes espaços ainda

⁴⁸ Pastoral de Juventude do Meio Popular.

⁴⁹ Para saber mais sobre como foi desenvolvido este encontro citado na fala de Doio, ver dissertação de Dodô (LIMA, 2003).

continuem aparecendo na Casa, os encontros, e seus desdobramentos, tais como os que eram organizados pelos jovens, não vêm mais ocorrendo desta forma. Assim mesmo, existem na Casa alguns espaços e momentos de encontros entre estas pessoas, nos quais novas combinações que são permanentemente criadas.

Atualmente, além dos encontros que ocorrem ao acaso, mediante uma visita, um bate-papo, uma atividade marcada entre alguns que acaba agregando outros mais, a Casa conta com os encontros de quinta-feira.

Todas as quintas-feiras durante a noite, algumas pessoas vão para a Casa Chico Mendes para o que chamamos de “encontros de quinta”⁵⁰. Ali as pessoas se reúnem para conversar, preparar uma comida e tomar alguma coisa. Numa destas ocasiões, o grupo recebeu dois convidados, um deles, o Thiago, já conhecido de todos e que por vezes frequenta a Casa; o outro era um rapaz uruguaio que estava de passagem pela cidade visitando o primeiro, seu amigo. Os dois viajaram pela maioria dos países da América do Sul, durante mais de um ano, sustentando-se por meio da música e fazendo performances vestidos de palhaços em lugares públicos. Tinham muitas histórias para contar.

Sentamos ao redor da mesa. O aroma do pão caseiro no forno preenchia o ambiente. Fizemos as apresentações. Os meninos da Comunidade já conheciam Thiago de outros encontros e situações. Já quando seu amigo foi apresentado, riram-se do apelido do uruguaio, “Pelado”. A devida tradução da palavra do espanhol para o português ajudou a que todos entendessem esta denominação um tanto quanto engraçada para eles. Pelado tirou o chapéu da cabeça para exemplificar a “aula” de espanhol. Estávamos em oito pessoas ao redor da mesa e a conversa foi ganhando corpo. Os meninos da Casa estavam particularmente interessados pelas histórias de viagens contadas por Thiago e Pelado. Na biblioteca da Casa, conseguiram um pequeno atlas no qual eram localizados os lugares de passagem. Com ajuda do mapa os diferentes países latinos eram apontados, dando localização geográfica para os relatos. As histórias e as imagens ajudavam a dar forma e despertavam os sonhos de todos. A maior parte dos meninos da comunidade, ali presentes, nunca viajou para fora do estado, mas sonha

⁵⁰ No início do ano, quando a equipe da Casa se reúne para planejar as atividades do ano, sempre é escolhido um dia da semana que privilegia a presença das pessoas envolvidas com a Casa. Estas, no dia escolhido, vão para Casa para desenvolver algum trabalho, ou para simplesmente estar ali. No ano de 2008, estes encontros aconteciam nas terças, na hora do almoço. Em 2009, ocorriam nas noites de terça. Neste ano de 2010 o dia escolhido foi a quinta-feira, durante a noite.

em viajar para diferentes países e continentes, *mas não quero muito conhecer a Europa e os Estados Unidos, porque lá tem muitas cidades*, fala de um dos jovens que estava no encontro. Os relatos teciam os sonhos, aproximavam, despertavam dúvidas, faziam com que os olhos brilhassem. Felipe, que está estudando para o vestibular, aproveitou para fazer a enquete: “quais são os dois únicos países da América do Sul que não fazem fronteira com o Brasil?”. A pergunta não gerava resposta, mas engendrava mais perguntas: “É mesmo? Sério que são apenas dois?” Não faltaram histórias de passagens por fronteiras.

Um componente a mais contribuiu para alimentar os sonhos: Thiago e Pelado viajaram sem contar com muito auxílio financeiro. A cada dia, com a música, encontravam meios para se sustentar e bancar os custos da viagem. Os meninos da Comunidade, que já trabalharam como repositores de supermercados, na construção civil, ou de garçons, atendentes, fiscais, entre outros, ficaram impressionados com a perspectiva de que é possível viajar sem terem que antes contar com muito dinheiro.

E veio a música. Havia um violão na Casa, Thiago e Pelado desencaparam os seus e a eles uniram-se instrumentos exóticos que eram experimentados por todos. Doio e Felipe saíram por um momento e voltaram com suas gaitas de boca e instrumentos de percussão. Tinho pegou o pandeiro. Na roda, diferentes músicas eram tocadas e diferentes ritmos arriscados. Houve troca de afetos: Thiago e Pelado ensinavam aos meninos, bons conhecedores das possibilidades percussivas, ritmos latinos, cujos berços remontam ao altiplano Peruano ou às beiradas do mar do caribe Colombiano. Pelado aprendeu com Tinho e Doio as minúcias do pandeiro e os ritmos brasileiros. Todos tocavam algum instrumento na *performance*, mesmo os que não sabiam tocar, colocavam também a música como componente deste encontro, favorecendo a sensibilidade coletiva na medida em que é compartilhada. (MAHEIRIE et al., 2008)

À mesa, quando sentamos para comer o pão, como em um encontro entre bons latino-americanos, abriu-se o espaço para falar de futebol. A pauta, que passou pela rivalidade entre as seleções, transitou pela final da copa de 50 no Maracanã, pelos cinco campeonatos mundiais conquistados pelo Brasil contra dois vencidos pelo Uruguai, continuou-se abrindo espaço para que Pelado tivesse a sua vez de compartilhar o seu sonho com os integrantes da mesa. Pelado sabia tudo sobre futebol, conhecia os nomes de muitos jogadores, de diferentes épocas, as composições dos times, as histórias que constam nas entrelinhas do futebol. Além do mais, sabia narrar inúmeras jogadas.

Ouvimos os diferentes jogos como se estivéssemos *lá* naquele momento com os radinhos de pilha colados aos ouvidos, com a diferença de que o narrador narrava os jogos em castelhano, fato que provocava boas risadas. Entre isso tudo, Pelado revelou seu sonho, que para a surpresa de todos, não era o de ser jogador de futebol: o que ele queria mesmo era ser narrador dos jogos.

Potencializados pela conversa, divertidos com as narrações, marcamos um jogo de futebol para um próximo fim de semana. Os meninos da comunidade convidariam seus amigos; ao passo que nós, da “universidade”, convidaríamos os nossos para completar os dois times. Pelado seria o narrador. O Jogo aconteceria na quadra do colégio da comunidade, e os meninos levariam uma caixa de som e um microfone para que Pelado pudesse fazer uma narração da “pelada”.

O Jogo aconteceu, mas não pudemos contar com a narração, pois Pelado, naquele dia pela manhã, tinha viajado de volta para o Uruguai. No entanto, aquele encontro reverberou no tempo. Desde então, temos organizado periodicamente um jogo de futebol, uma vez por mês, aos sábados.

Disse que o encontro reverberou no tempo não apenas por que a partir dele surgiram outras ideias para a continuidade que, de fato, se concretizaram, mas por que foi um encontro em que “passado e futuro insistem ou subsistem no tempo” (BOCCO, 2008, p. 148). O que caracterizou este encontro é que ele aconteceu a partir de uma perspectiva de tempo que transcendeu o limite cronológico, causal, caracterizado pela sucessão de instantes, medido por segundos, minutos ou horas. Os bons encontros e seus desdobramentos se situam no tempo *aion*, tempo da intensidade, de uma temporalidade que não se marca com a passagem do tempo, mas de acordo com a intensidade da experiência que se vive. Nesta lógica, podemos pensar em transformação e criação independentemente do quanto dura um encontro (BOCCO, 2008).

Isso porque a concepção de tempo *aion* se refere à intensidade do tempo da vida humana, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, mas intensiva, qualitativa. É o tempo da experiência e do acontecimento. “É puro instante, o instante infinito da intensidade, da ocasião, da oportunidade, é o tempo constituído pela simultaneidade, pela experiência da des-memória e da invenção” (KOHAN, 2008, não paginado). Considerar um encontro da perspectiva de um tempo aiônico, implica em lidar com a ruptura do contínuo sucessivo e supor o afastamento, o início, pois um tempo aiônico altera a ordem, não respeita a sucessão e abre a cada momento uma imagem de novo início,

sem continuidade, de ruptura de invenção (FÉLIX; LIMA, 2010) e funda uma

[...] estética enquanto *momentos* vividos em comum, enquanto situações em que se exprime o tempo imóvel e o prazer do instante eterno, remete a uma outra concepção do tempo. Não é mais do cômputo implacável e uniforme, mas o da duração que varia segundo as pessoas e seus reagrupamentos. Nesta perspectiva, as diversas relações sociais, do mesmo modo que as relações com o ambiente natural, valem pelo *que são*. (MAFFESOLI, 1996, p. 61)

No encontro que habita este presente cheio de presença, há lugar para o vínculo, a possibilidade de emergência e partilha de sonhos, de alimento, alegria e histórias. Abre fendas moleculares nas molaridades, quando revela que é possível, por exemplo, viajar sem contar com muito dinheiro, no caso do relato do encontro de quinta-feira, ou ter uma ideia e contar com a força do grupo para implementá-la, no caso do relato de Doio. Neste sentido, no bom encontro, esta alegria que gera a potência de ação, por si só tem poder político, ético, estético, agregativo e cria outras formas de intervenção e inscrição nos espaços. Não há a procura por “atingir um determinado fim ou objetivo, nem se propõe uma tarefa específica. Não há *um* sentido a ser revelado, mas *vários* sentidos a serem criados, produzidos no próprio processo do encontro” (BOCCO, 2008, p. 68).

Se pensarmos a partir desta

[...] noção de produção no presente, reconhecemos a potência de dispositivo⁵¹ de cada encontro, saberemos que os resultados não podem ser medidos, definidos [...] Nenhuma resposta será definida, nenhum manual dirá o que e como fazer [...], mas ao mesmo tempo liberta para uma criatividade e autoria-autonomia a cada momento. E com isso produzimos outras relações (Bocco, 2008, p. 150).

⁵¹ “A noção de dispositivo aponta para algo que faz funcionar, que aciona um processo de decomposição, que produz novos acontecimentos” (BARRROS apud BOCCO 2008, p. 152), um estímulo que pode produzir várias outras coisas.

Sendo assim, o bom encontro não se inscreve dentro da noção de um valor prático utilitário *a priori*. Ocorre a partir de movimentos espontâneos e não tem objetivos específicos, pré-determinados, nem um devido planejamento para que ocorra, pois depende da disponibilidade de cada um para estar neste contato com o outro. *Não vai salvar ninguém*, como aponta Valderi, porque não há ninguém que é posto no lugar de pessoa a ser salva. Todavia, aponta para processos de desterritorialização, mexendo com os sonhos a partir do que se tem a compartilhar, para constituir uma via efetiva onde se produza algo entre aqueles que estão implicados. Tal processo cria um território de encontro no qual o sujeito pode ir construindo elementos de seu universo (BOCCO, 2008, p. 147) e que “[...] determina a formar uma totalidade superior que nos inclui, a ele e a mim” (DELEUZE, 2002, p. 27). Assim, um plano de composição no qual “[...] o que está em jogo é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos, disparatados, e também como favorece acontecimentos múltiplos” (PELBART, 2009, não paginado).

É válido notar que quando foi posta na roda a proposta de organizarmos um jogo de futebol, logo o grupo, ou as equipes, foi dividido entre pessoas “da comunidade” e “da universidade”. Este fato marca a percepção da diferença entre as pessoas que estão no encontro. Mas quando pensamos desde a noção de composição, não é necessário, e nem mesmo ético, negarmos as diferenças existentes, pois no encontro “[...] trata-se precisamente de habitarmos estas diferenças como modo de relação” (BOCCO, 2008, p. 146). Isso implica em assumir o risco de um encontro pessoal, em que cada sujeito decide sobre sua possibilidade de estar ali, sem carregar os lugares de poder, que podem ser determinados por uma postura de “pesquisador”, de “universitário” ou mesmo de “morador da comunidade”. Da mesma forma, pode-se perceber no relato de Doio que, a partir dos encontros que ocorriam entre os jovens que frequentavam a Casa, foram convidadas outras pessoas para dar palestras e participar daquela composição, além de o grupo passar a frequentar outras organizações coletivas, como a PJMP.

Nesta perspectiva, o encontro se dá

[...] como se pudessem coexistir vários mundos, mesmo no interior de uma composição maior, sem que sejam todos reduzidos a um mesmo e único mundo. A partir daí, pode-se pensar a constituição de um ‘corpo’ múltiplo. Por exemplo, um coletivo [e um encontro] seria isso, um corpo múltiplo,

composto por vários indivíduos, com suas relações específicas de velocidade e de lentidão. Um coletivo [e um encontro] poderia ser pensado como essa variação contínua entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares, numa certa composição de velocidade e de lentidão (PELBART, 2009, não paginado).

Os bons encontros formam composições que se estendem, transcendendo os limites cronológicos, espaciais, e repousam na relação de afetos nos quais perdura a alegria. Passam a fazer parte das pessoas e se estendem. Borram os limites, produzindo novas linhas de inscrições, novos processos de subjetivação, a partir destes vínculos produzidos. Bons encontros podem acontecer também em outros lugares e em outras condições, pois basta que as pessoas estejam juntas e disponíveis para este contato, formando “[...] os espaços-tempo que elas são capazes de inventar, os acontecimentos que ensinam por toda parte” (PELBART, 2009, não paginado).

Podemos dizer que bons encontros simplesmente irrompem ou não, seja ao acaso ou a partir de um planejamento. Nesta condição, o encontro escapa à hora marcada. Não são todas as quintas-feiras na Casa Chico Mendes, nem em todas as vezes que estas pessoas se cruzam que bons encontros acontecem, que a alegria está presente, que a potência de ação é aumentada. Mas, há momentos de irrupção de bons encontros, quando há uma afetividade que circula pelos corpos, faz lembrar da vida, das diferentes histórias a serem compartilhadas, momentos vividos juntos e que produzem novos devires - outras descobertas que revelam a vida e seus segredos.

Mas o bom encontro, para acontecer, depende da disposição de cada um que pode fazer parte de sua composição. Embora não aconteçam em todos os momentos, é possível criá-los, visto que a razão está a serviço deles. Espinosa (2009) nos diz que temos a capacidade racional de produzir um bom encontro. Para este autor, o conhecimento é um afeto que possibilita a diferença qualitativa entre os modos de existência bom e mau. Se temos esta capacidade de conhecer pelos afetos⁵², podemos ter a escolha de fazer parte ou não daquilo que nos convém, daquilo que forma um bom encontro conosco, ou não. Aqui, conhecimento e afeto não estão segregados um do outro, de forma que, a

⁵² Para Espinosa não há separação entre corpo e mente. Um afeto sentido no corpo ou na consciência varia apenas em sua forma.

partir dos encontros, temos abertas possibilidades para conhecer o mundo e para experimentações dos modos de vida que melhor se compõem com os nossos corpos.

A atenção repousa, então, para os modos em que as pessoas se colocam em relação, afetando o outro e deixando-se afetar por ele, o que implica na mudança de estados corporais que regulam a nossa disposição diante do mundo, nossa forma de estar na realidade e de conhecê-la, experimentá-la. Nas palavras de Deleuze,

É pela relação de velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça, tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos (2002, p. 128).

Desta forma, “Existir é, portanto, variar em nossa potência de agir, entre esses dois pólos, essas subidas e descidas, elevações e quedas” (PELBART, 2009, não paginado).

Estas variações indicam o caráter que os encontros têm de produzir múltiplos devires que atingem tanto os corpos como sua exterioridade na relação, abrindo para novos movimentos. É, também, mediante os encontros que o sujeito descobre as potencialidades do corpo e pode experimentar as combinações que melhor se compõem com ele. Ninguém sabe de antemão, os afetos de que é capaz. Deleuze (2002), inspirado em Espinosa se pergunta do que pode um corpo, afirmando que ninguém até hoje definiu o seu limite. A chave para começarmos a buscar esta resposta pode estar justamente nos encontros do sujeito no mundo, pressupondo que há infinitas possibilidades para tal, e na forma como ele é afetado na relação decorrente destes encontros. É uma questão de experimentar as composições possíveis entre a “[...] velocidade ou a lentidão dos metabolismos, das percepções, ações e reações que se entrelaçam para construir tal indivíduo no mundo” (DELEUZE, 2002, p. 130).

Portanto, o sujeito a partir dos encontros produz territorialidades múltiplas. Compõe novas formas de inscrição na realidade, abrindo contínuos processos de criação e subjetivação, sendo também o encontro um *locus* de experimentação da existência e de busca por composições que se constituem neste fluir.

Trata-se de saber se relações (e quais) podem se compor diretamente para formar uma nova relação mais ‘extensa’, ou se poderes podem se compor diretamente para construir um poder, uma potência mais ‘intensa’. Não se trata mais das utilizações ou das capturas, mas das sociabilidades e comunidades (Ibid., p. 131).

Nestas relações é que descobrimos o nosso grau de potência. Mas até que ponto e com que se define o nosso poder de afetar e de ser afetado? É ao sabor dos encontros que se define o que pode nosso corpo, o que aumenta sua força de existir ou a diminui, o que aumenta ou diminui a nossa potência de agir e viver.

Nos bons encontros, situados na Casa Chico Mendes, existe a possibilidade de uma conjugação que aponta para a ampliação da vida e de suas possibilidades, as quais são inscritas a partir dos sujeitos que constituem esta roda. Num bom encontro, os afetos se conjugam, os ritmos se combinam, as diferentes histórias e relatos encontram assento nos diferentes desejos que emergem. Tempos e espaços são ampliados, recodificados e encontram novas formas de produção quando a temporalidade no momento presente, no acontecimento do encontro, imbrica experiências passadas e abre para novos processos a serem acontecimentalizados num devir, que se reinicia a cada instante.

A cada bom encontro, aprende-se a selecionar e a produzir novos encontros. Compor bons encontros é uma grande arte. No seu processo aprende-se a captar elementos, matérias, indivíduos, grupos, ideias, que podem compor com cada um dos modos que aumentam a potência de ação, composições orientadas a formar uma potência maior, que resulta em uma alegria maior (PELBART, 2009) e na ampliação das possibilidades de existência.

5.3 Os espaços dos bons encontros e as heterotopias

Da mesa da cozinha, os encontros estendem-se para o resto da Casa, incidindo na perspectiva que a define como Instituição. Neste sentido, os bons encontros são geradores de micropolíticas, que se infiltram e atuam como “atravessamentos que operam no espaço

instituído” (PÉREZ, 2007), afetando e se constituindo como heterotopias. A Casa se nutre destes bons encontros e, por causa de seu caráter indeterminado, segue um movimento que se instaura e se objetiva em seu cotidiano a partir de diversas ações que “[...] se orienta[m] pela ação não planejada e pela vida cotidiana”. (VALVERDE, 2009. p. 22)

Heterotopias constituem-se como “[...] espaços outros que parecem deslizar para fora dos espaços instituídos” (PÉREZ, 2007), gerando atravessamentos que operam nesses lugares.

As heterotopias se produzem pela negação do instituído e pela ressignificação do marginal (no sentido de estar à margem). Do ponto de vista da emancipação, podemos pensar a heterotopia como espaço marginal, que engendra ações rebeldes – práticas que se materializam de forma diferenciada em lugares instituídos. Toda heterotopia engendra um acontecimento novo. (Ibid., não paginado)

O fato de os encontros tangenciarem da Instituição, não significa que, por momentos, eles possam ser considerados o centro dos trabalhos da Casa. Admite-se sua fugacidade, no entanto, os encontros são postos por alguns dos sujeitos inscritos nestes espaços como foco principal que aponta a razão para que a Casa seja frequentada e que, a partir disso, engendrem, tal qual as heterotopias, um

[...] espaço no qual é impossível o desenho de centros, fronteiras e regularidades precisas, [...] é plural, caótica, desenhada em detalhes ainda que não possua fundações ou princípios universais, mudando continuamente, ligada por fluxos de informação sem centralidade. (RELF apud VALVERDE, 2009, p. 11)

As heterotopias criam novos sentidos e formas para as relações. Isto implica na constituição da Casa dos Encontros como “lugar que está fora de todos os lugares, apesar de se poder apontar obviamente a sua posição geográfica na realidade” (FOUCAULT, 2005, não paginado) num movimento que cria espaços de troca e aproximação, hibridizados pela fusão de um no outro, sempre engendrando novos acontecimentos (PÉREZ, 2007), que revelam, de outras perspectivas, tanto os sujeitos

quanto a Instituição. A Casa dos Encontros, a Moradia, a Instituição e os diferentes espaços compartilhados são preenchidos por estes acontecimentos que ocorrem cotidianamente, apontando para as heterotopias que se

[...] traduzem em lugares reais e efetivos, politicamente ressignificados, transformando os espaços instituídos em espaços outros, ressignificando-os em seu uso cotidiano enquanto lugar de origem (PÉREZ, 2007, não paginado).

Neste sentido, é da Casa enquanto lugar de encontro, que nasce a perspectiva de uma Instituição que se renova permanentemente, revelando-se a partir de cada pequeno acontecimento. Este movimento pode ser compreendido como:

[...] uma situação singular que se efetiva no âmbito das práticas cotidianas, que atualiza o presente a partir do movimento, da experimentação. Todo acontecimento expressa uma reativação permanente de uma prática ainda não instituída e implica uma atualização e uma problematização da realidade, produzidas num lugar e num momento singular; é sempre uma possibilidade, uma experimentação, é provisório e não linear, constitui-se num encadeamento de descontinuidades superpostas (Ibid.).

Se compreendermos as heterotopias como transgressão dos espaços institucionalizados, que criam outros espaços dentro destes espaços, a Casa dos Encontros aparece como uma heterotopia que recria e ressignifica a Casa, que perspectivada por um caráter institucional, passa a submeter-se às prerrogativas de controle vindas das políticas municipais para a educação.

Por entre as heterotopias e os seus acontecimentos, a Casa dos Encontros multiplica-se. Não se localiza apenas na cozinha, espaço dos encontros por excelência, pois passa a ressoar nos demais espaços da Casa como um todo, nas suas práticas e formas de interação cotidianas.

Toda heterotopia traduz um acontecimento que como heterotopia não é produzida intencionalmente, acontece, vai se constituindo

cotidianamente a partir das ações dos sujeitos praticantes: as heterotopias, ao mesmo tempo em que engendram acontecimentos, são elas mesmas, um acontecimento. (Ibid., não paginado)

A mesa, um espaço de heterotopias, que reúne as pessoas para um café, gera acontecimentos que reverberam pela Casa e dão respaldo para a produção de atos – microacontecimentos que se desdobram cotidianamente.

Felipe, estudando para o vestibular, e Dona Natália, iniciando sua alfabetização, engendram um microacontecimento quando um mostra para o outro seus estudos, quando Felipe ajuda a Dona Natália com os seus afazeres. Espaços são preenchidos por encontros que se iniciam na mesa da cozinha, ou que recaem sobre ela, mas que se desdobram e se multiplicam em outros acontecimentos pela Casa, em novos encontros, em novas práticas, em discussões corriqueiras pelo corredor, em troca de conhecimentos entre os moradores da Casa – uma conversa aberta na soleira da porta de entrada, ou a portas fechadas no escritório da Instituição –, num sarau, numa acolhida. O telefone que toca, revelando na linha uma voz desconhecida, que chama, de um ponto distante do país, por um morador da Comunidade: estes são alguns exemplos de microacontecimentos que cotidianamente são tecidos na Casa.

Como num plano no qual se acendem e se apagam pontos luminosos, a Casa dos Encontros abriga acontecimentos e microacontecimentos a todo momento. Em fatos fugazes ou um pouco mais duradouros, eles estão ao redor da mesa a cada momento compartilhado, a cada pequena ação. Trocam de experiências que se desdobram em movimentos imprevisíveis, capturáveis por alguns instantes, mas cujos efeitos subsistem em múltiplas possibilidades que, em alguns casos, são objetivadas. Exemplos desta objetivação são o grupo das mulheres que se reuniram para fazer “fuxico” - falar da vida -, resultando no livro de biografias *Mulheres da Chico*, a autobiografia que Seu Antônio está escrevendo, as várias pessoas que se aproximam da Casa para uma demanda qualquer e que permanecem, por alguns minutos, a compartilhar uma história, uma experiência. O que provoca aos que chegam à Casa o fato de um dos jovens moradores da Casa estudar para o vestibular no sofá que se localiza logo na entrada da Casa, abarrotado de livros? Provocaria nos outros jovens que vêm chegando o despertar para esta possibilidade?

Quando falamos em sujeitos que se encontram, podemos dizer que há um conjunção de heterotopias, lugares de movimentos

indeterminados, lugar onde a vida ganha potência, em que as pessoas buscam por novos espaços em si e fora de si (ROSA, 2009). Assim se produzem encontros que se autorregeneram, que se criam no grupo, que inventam novas possibilidades de estar junto, que deslizam produzindo atravessamentos contínuos e constroem lugares e práticas que não acabam, pois se transformam.

Água com açúcar à espera de um beija-flor e girassóis no fundo da Casa aparecendo com a primavera são sempre apresentados aos visitantes. Dona Natália que discute seus problemas de saúde enquanto prepara veneno com pontas de cigarro para combater as lagartas, que tentam se encontrar com as plantas. Este são alguns exemplos de heterotopias que se enredam a partir de microacontecimentos.

Junto a estes exemplos, inclui-se a sala com as caixas de correspondência, que estão na Casa para cumprir uma função específica (bem delimitada) que é a de receber as correspondências endereçadas aos moradores da comunidade. Mas esta sala das caixas também assume uma outra função quando alguém passa para pegar sua carta, no entanto acaba permanecendo para algo mais – um troca fortuita, uma conversa, etc. Assim as heterotopias assumem o caráter de serem lugares que vão além de suas funções previstas, “Lugares fora de todos os lugares ainda que absolutamente localizáveis” (FOUCAULT, 2005, não paginado), lugares onde ocorrem acontecimentos e microacontecimentos.

Se é no ínfimo que se encontra a exuberância (BARROS, 2002), o que estes acontecimentos e microacontecimentos nos dizem sobre o cotidiano da Casa? Pequenos acontecimentos que refletem pequenos cuidados, que mostram ao outro que ele não está sozinho, formam uma tessitura que, tal qual o rizoma, provoca conexões, desaparece e volta a aparecer, “dando a impressão de que toda e qualquer palavrinha tem importância naquela casa”⁵³.

Na sequência, teremos mais um exemplo, uma heterotopia que parte do cotidiano para a criação de um espaço/tempo estético.

5.4 Bons Encontros como fundamento para a Relação Estética

Em meados de 2009, a Casa estava para completar quinze anos de fundação. Nos dias que se antecederam ao aniversário, começaram a surgir algumas conversas sobre como comemoraríamos esta data. Entre

⁵³ Este trecho foi retirado de um dos textos apresentados no sarau, disponibilizado por sua autora para que integrasse esta pesquisa.

as propostas, estava a de fazermos um sarau com textos sobre a experiência de cada um dos participantes em contato com a Casa. A ideia era a de que cada um pudesse contribuir com uma produção textual a ser lida no dia do sarau.

Reunimo-nos, então, numa quinta-feira à noite. Estavam presentes em torno de quinze pessoas, cujas histórias transversalizam aquele espaço: jovens que frequentam a Casa, pessoas da direção, professores, pesquisadores e amigos. Tínhamos uma mesa com pão, frutas, vinhos e flores. Contávamos também com um violão de cinco cordas, luz de velas, nossos textos e nossas presenças em roda, sentados no chão. Os textos ficaram ao centro. Curiosamente, a maioria das produções textuais não levava assinaturas. Ainda quando estávamos por decidir como faríamos as leituras, uma das pessoas presentes apontou para a vantagem de não nos colocarmos como autores, pois assim os textos seriam de todos. Embaralharíamos os textos e cada pessoa pegaria um para ler na roda. Houve transgressões: Chica me segredou ao ouvido o pedido para que eu lesse o texto que ela havia escrito.

Os textos começaram a ser lidos, enquanto o violão foi arranhado em dedilhados, passando de mão em mão. Durante as leituras estávamos atentos para as histórias que surgiam. Eram lembrados momentos vividos no interior da Casa com um amigo que já não está mais presente; uma história para outros que também se foram, uma conversa na frente das caixas postais do *hall* de entrada; um parágrafo apenas para dizer “como eu me sinto aqui”; um texto sobre a hora do café, outro sobre “ser mulher”; um escrito trazendo diversas vinhetas e pequenas histórias ligadas a Casa e à Comunidade; outro titulado “Com-fusão”.

Era uma das salas de atividades de uma ONG no centro de uma Comunidade que é considerada como “a mais violenta de Florianópolis”. E não faltaram elementos para considerarmos a vida como uma obra de arte, um *objeto estético* (VÁZQUEZ, 1999). Não havia mesmo a necessidade de autoria no interior de uma roda cujos integrantes mantinham seus olhos cheios e voltados para cada texto lido, para cada frase que trazia histórias e experiências que eram de cada um, eram de todos.

Se a relação estética pressupõe um olhar sensível e diferenciado de apreensão da realidade (VÁZQUEZ, 1999), os textos compartilhados, juntamente ao modo como foram compartilhados, compuseram um objeto estético vivo e em movimento na roda do sarau; de forma que as histórias, que cada um pôde trazer, foram revividas e ressignificadas. Elas ganharam vozes diferentes a partir da leitura do outro, e ressoaram em consonância com as demais histórias relatadas, despertando

[...] um interesse específico: trata-se de um interesse tanto mais intenso e profundo quanto mais intensa e profunda seja a experiência estética, o sujeito se sente atraído, chamado ou interessado pelo objeto: surge, pois, no próprio ato perceptivo e em unidade indissolúvel com ele. (VÁZQUEZ, 1999, p. 145)

Tornamo-nos nós mesmos componentes de um objeto estético neste movimento de leitura. De tal forma que cada sujeito era uma peça da instalação que fazia a moldura circular para os textos, para cada frase lida no tremor da voz e na expectativa das audições, compondo uma *situação estética* aonde

Os dois termos desta relação concreta, singular, constituem uma totalidade ou estrutura peculiar que chamaremos de *situação estética*. Como em toda estrutura, seus elementos, assim como a totalidade de que fazem parte, só existem em sua unidade e dependência mútuas. Nela, e durante ela, um sujeito e um objeto determinados se comportam esteticamente (VÁZQUEZ, 1999, p.107)

A situação estética é condicionada por diversos fatores, subjetivos e objetivos. As condições predispostas na sala que era ocupada, os textos, a música, a decoração, frutas, vinhos e flores compunham os fatores objetivos como condições materiais que fazem a mediação entre sujeito e objeto (VÁZQUEZ, 1999), circulando um objeto estético cujo foco principal era os textos. A presença das pessoas, a sua predisposição - indicada pela atenção e expectativa das leituras - e a oportunidade de estarmos ali naquele momento concentrados possibilitaram os fatores subjetivos necessários para a produção da experiência estética. Nesta situação, composta por uma “roda viva”, encontravam-se as condições necessárias para que os textos⁵⁴ pudessem aparecer como um partilhar de experiências e afetos que cada sujeito trouxe para a ocasião de forma criar uma “partilha do sensível”⁵⁵:

⁵⁴ Os trechos que aqui se sequeu foram lidos no dia do sarau e disponibilizados pelos seus autores para fazer parte desta pesquisa mediante termo de consentimento livre e esclarecido.

⁵⁵ Este termo, proposto por Jack Ranciére na obra titulada “A partilha do sensível” (2005), foi utilizado aqui de forma parcial. Subverti o conceito em função da necessidade do texto neste

Esta casa parece uma chaleira sempre em ebulição... E o vapor escapa, os cheiros atraem... É cheiro de alimento, de perfume, de suor, cheiro de gentes.

Na segunda, lá na cozinha olhamos juntos para ele... rimos, falamos do cabelo, do Chimbinha, da Joelma, brincamos com seu capacete, batemos até uma foto. Ele riu de nós... que ficamos aqui...

O menino, com seu jeito de ser e de se expressar contestava a prática de suas professoras e de sua escola, agora vai contestar, com sua morte, o nosso mundo.

E novamente a mesa é ocupada pelos que ficam e pelos que vem chegando aos pouquinhos, estes com canecas em punho para brindar à vida com olhos, bocas, ouvidos e almas transformadas.

Certo dia, estava sentada sozinha no sofá e uma moça entrou para abrir sua caixa postal, pegou vários papéis, passou os olhos por cada um deles, olhou para mim e sorrindo disse: “só conta para pagar. A gente até vem com esperança de encontrar outra coisa, mas só tem conta mesmo!”

O sonho se concretizou em meio à periferia, realidade sofrida misturada com alegria.

Desde o primeiro dia que vim, senti no ar algo muito forte, muito bom, muito animador. Não percebi que já começava a me integrar nesta família. Era como se nunca houvesse vivido separações ou distâncias.

A bricolagem dos textos mostra a produção de múltiplos sentidos em torno de um mesmo processo compartilhado *nesta chaleira sempre em ebulição*, sintetizando a relação estética dos sujeitos com a Casa. Nesta sinestesia, *realidade sofrida misturada com alegria*, encontram-se múltiplas formas e conteúdos *que brindam à vida com olhos, bocas, ouvidos e almas*, que abarcam os presumidos destas relações e que, por fim, acabam por completar um todo coerente, uma polifonia,

contexto, bem como a de expressão de uma determinada ideia. No entanto, no contexto original, este termo permite uma interpretação ampliada, possibilitando até mesmo negar a utilização que dele fiz aqui, uma vez que, ao fixar um “comum”, permite também a segregação de outras partes.

demonstrando que “[...] todo discurso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo, mas é um processo heterogêneo, conjunção de discursos entre eu e o outro” (SOERENSEN, 2009, p. 2). Na ressonância entre o eu e o outro, “Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam” (TEZZA, 1988 apud SOERENSEN, 2009, p. 2), *como se nunca houvesse vivido separações ou distâncias*.

Embora abarquem temáticas distintas, os trechos selecionados revelam um pano de fundo em comum, há um mesmo tom com horizontes de sentidos partilhados que conotam enunciados da fala da vida e das ações cotidianas onde se encontram as potencialidades das formas artísticas (BAKHTIN, 1976). Estes trechos, cujas leituras foram compartilhadas no sarau, mostram a possibilidade de objetivar esteticamente experiências vividas no âmbito da Comunidade e da Casa. Em sua composição, histórias de vida, momentos, microacontecimentos, dores e alegrias são postos na roda para compor esta partilha do sensível,

[...] sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Esta repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte desta partilha (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

Ao colocarmos em segundo plano a autoria dos textos, deu-se respaldo para a construção de uma comum-idade. Os textos pertenciam à roda e esta foi constituída por cada um ao trazer seu relato ou história, sua perspectiva e seu modo de estar na Casa, na Comunidade. Um *comum* composto de partes que se encontravam no todo, partilhando sentidos e ressoando, produzindo ecos neste todo. Cada experiência trazida pelos textos, imbricada por diferentes sentimentos passíveis de ser reproduzidos, foi compartilhada a favor de formar

[...] um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada idéia da afetividade do pensamento (RANCIÈRE, 2005, p.13).

O universo da Comunidade Chico Mendes e da Casa estava posto no particular trazido por cada produção textual. Considerando agora os autores dos textos, podemos fazer um desdobramento que recai na forma como cada um pôde trazer elementos de sua apropriação da realidade, de sua relação com a Casa e com seu repertório de sentidos e percepções. O que para alguns supostamente passa despercebido, camuflado no cotidiano, para outros é fonte que desperta apropriação e estetização da realidade, ação que revela sua posição diante do real.

Neste sentido, a partilha dos textos mostra-se, também, como produção de conhecimento sobre a realidade específica da Comunidade e da Casa, desdobrando-se em perspectivas outras, mas, que no caso do sarau, inclui a todos os presentes, revelando os presumidos⁵⁶. No entanto, não se trata de uma comunicação vazia de afetos. A apropriação estética da realidade indica uma produção que aparece mesclada a sentimentos, ou a sensibilidades, que despertam a composição a partir desta forma específica de apropriação. Desta maneira, este sentimento, ao ser revelado, objetivado, tem poder de transformação e de criação de novas formas de apropriação, produzindo novas subjetividades.

Na relação estética, o homem satisfaz a necessidade de expressão e afirmação que não pode satisfazer, ou que só satisfaz de modo limitado, em outras relações com o mundo. Na criação artística, ou na relação estética criadora do homem com a realidade, o subjetivo se torna objetivo (objeto), e o objeto se torna sujeito, mas um sujeito cuja expressão já objetivada não só supera o marco da subjetividade, sobrevivendo a seu criador, como pode ser compartilhada, quando

⁵⁶ De acordo com Bakhtin, um enunciado é “definido como compreendendo três fatores: (a) *o horizonte espacial comum dos interlocutores*, (b) *o conhecimento e a compreensão* comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) *sua avaliação comum* desta situação” (BRAIT; MELO, 2008, p. 67). O que fica presumido é a conexão entre o enunciado com o contexto extraverbal da vida. Ou seja, os sujeitos participantes do sarau tiveram um horizonte comum de significação para seus textos, a partir da compreensão de suas experiências, sentimentos, alegrias e dores presentes em suas vidas na comunidade.

já fixada no objeto, por outros sujeitos (VÁZQUEZ, 1978, p. 56).

O lastro possível de ser utilizado para indicar novas formas de produção de subjetividades a partir do sarau pode se encontrar no modo como Chica se posicionou, ao meu lado, durante a leitura de alguns textos, atenta para cada frase, tentando encontrar-se em cada leitura. Quando o texto que eu havia produzido foi lido por uma pessoa na roda, Chica passou a me olhar como se estivesse com um ponto de interrogação desenhado no rosto. Finalmente, perguntou-me: “foi você que escreveu este?”. Quando respondi afirmativamente, ela retornou com uma nova pergunta: “E você escreveu sobre mim?”. Logo na sequência da leitura, apareceu um dos parágrafos do texto que eu dediquei a Chica na minha produção.⁵⁷ Durante a leitura, Chica voltou a me olhar e sorriu.

Não perguntei a Chica o que havia acontecido com ela naquela noite do Sarau, por que na época nem mesmo tinha a pretensão de buscar pela produção de novas subjetividades a partir da relação estética. Assim mesmo, há condições de unificar elementos na tentativa de, sem muita pretensão, tentar entender o que Chica experienciou a partir da leitura do texto que escrevi e compartilhei naquela noite, mesmo que seja em forma de interrogações, tal qual a que vi no rosto de Chica e que agora existe no meu.

Dias depois do sarau, em um novo encontro na Casa Chico Mendes, Dodô me contou que Chica havia lhe dito que tinha gostado muito do evento, especialmente pela beleza dos textos, dizendo que o texto que eu havia escrito estava muito bonito. Sendo o terreno da beleza uma das portas de entrada para a relação estética, já se encontram aqui alguns elementos para que sejam desenhados estes pontos de interrogação. Se Chica achou bonito meu texto, a forma como descrevi a Comunidade e as pessoas, estava ela preocupada em fazer parte desta “partilha do sensível” quando me perguntou se eu a citava no que eu havia escrito? Despertou nela o desejo de ter a sua presença incluída na Casa de um ponto de vista estético, de um ponto de vista de beleza e sentimentos? As diferentes leituras dos textos produziram em Chica uma nova apropriação da Casa e uma postura diferente diante de suas experiências neste lugar, abarcando também as demais? Chica teve o

⁵⁷ *Encontros, sujeitos e cotidianos* é o texto que apresentei no sarau e que chamou a atenção do Chica. Trata-se do mesmo que abre esta dissertação. .

desejo e a possibilidade de olhar sua relação com a Casa desde outra perspectiva?

Para acompanhar algumas destas interrogações, é possível reproduzir aqui um elemento a mais: naquela noite, atendendo ao pedido de Chica, li para os outros o texto que ela havia escrito. Nele Chica falava de seu lugar na Casa, suas preocupações com a indisciplina de algumas crianças, que gostava de estar na Casa e fazer parte dela. Contudo, não gostava quando as pessoas ficavam, segundo ela, “reinando” muito. Este texto de Chica foi o único que não foi disponibilizado para mim naquela noite. Quando o pedi, ao final do sarau, vislumbrando a possibilidade de sua integração na pesquisa, Chica se negou a deixá-lo comigo. Disse-me que gostaria de escrever um texto diferente, mais bonito, contando outras coisas.

O fato de Chica desejar escrever um texto mais bonito e contar outras coisas dá respaldo para nos referirmos a uma apropriação estética da realidade a partir do sarau. Apropriação esta que modificou e ampliou a percepção inicial que Chica tinha da Casa, expressada no primeiro texto. Isso mostra que neste

[...] processo perceptível, o sujeito se vê afetado profunda e integralmente, já que, em tal processo, não só se relaciona sensivelmente com o objeto, como também pelo significado encontrado neste, põe em jogo tudo que é como ser que sente, padece, pensa (VÁZQUEZ, 1999, 146).

É possível recuperar o acontecimento do sarau situando-o em duas temporalidades distintas: de um lado, o dia do sarau em si e, de outro, tudo o que antecedeu sua preparação. O acontecimento da roda, mediado pela leitura dos textos, pela decoração, pela música e pelas presenças foi um acontecimento composto por infinitos outros microacontecimentos, que resultaram em uma instalação viva, um fluir artístico indeterminado a provocar outras múltiplas (in)determinações, uma das quais, por exemplo, foi o desejo de Chica por redimensionar o seu texto, mas deixando em aberto várias outras (im)percepções.

Não se pode agora saber como cada pessoa passou pelo sarau, como chegou e como saiu. O sarau aconteceu e, por si mesmo, compôs um momento estético a partir do qual cada participante levou consigo a experiência vivida, uma vez que

[...] a percepção estética, comporta o caráter concreto, sensível, singular e imediato de toda percepção. Põe em jogo idéias, recordações, sentimentos e imagens, todos eles determinados por experiências vividas, pessoais; mas também se fazem presentes concepções, valores que derivam da bagagem cultural de que se dispõe e do ideológico-estético em particular. Perceber esteticamente é não fazer do ato perceptivo um meio ou um instrumento, mas um fim. É estar preso ao sensível por todo o tempo que dura este ato (VÁZQUEZ, 1999, p. 140).

Mas, se situarmos o que aconteceu anteriormente ao momento do sarau, com o foco na preparação dos textos – que são objetos estéticos, ou seja, objetos que assumem sua importância por meio de sua forma sensível (VÁZQUEZ, 1999) –, encontramos outra experiência com a relação estética, anterior ao sarau. Refiro-me ao momento da criação dos textos, processo que resultou na produção dos textos de forma a disponibilizar uma objetivação artística que indica uma forma de apreensão significativa da realidade. Isto foi possível uma vez que se considera a estética como

[...] a ciência de um modo específico de apropriação da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo e com as condições históricas, sociais e culturais em que ocorre (VÁZQUEZ, 1999, p. 47).

A escolha das situações, ou dos sujeitos a ser descritos mediante uma objetivação que passa pela relação estética, começa a convocar o afeto do próprio escritor em relação consigo mesmo, com sua história e seu contexto. É o afeto que atravessa o sujeito no momento em que ele se põe em questão ao escolher o que vai tentar produzir direciona esta escolha. Em razão desta mediação afetiva, já não se localiza diante de uma decisão apenas técnica e corriqueira, visto que a relação estética, uma forma de relação do homem com o mundo, requer um olhar estético, ou seja, um olhar mais livre na apreensão significativa do mundo, que busca outros ângulos de leitura, que não vê o objeto em sua pressuposta verdade. É um olhar que rompe com o imediato e o episódico, produzindo novos sentidos para a configuração de realidades (ZANELLA, 2004) e transformando o existente.

Como se pode observar nos textos a seguir, a relação estética convoca o sujeito a entrar em contato com as experiências vividas em seu contexto. Ao mesmo tempo, mediante o processo de objetivação de sua produção estética, o encaminha a produzir algo novo a partir desta experiência, sempre considerando a sensibilidade como forma de apropriar-se da realidade e transformando sua percepção inicial.

Compartilhamos a seguir dois textos que foram lidos no sarau, produzidos por moradores da Comunidade que frequentam a Casa Chico Mendes:

Que bomba!! O Bomba nos deixou...

E só agora escrevo, né?

Moço bonito, olhos pequenos ganhando o mundo...

Um mundo bonito e cheio de moços e moças, danças, roupas, motos, olhares, academias, músculos, doçura, almoços, cafés, idas e vindas na Chico, tatuagens, celular, moto, jaquetas, cabelo raspado, amarelo... Vermelho era uma cor que dizia gostar.

Moço de um doce olhar, dançarino que parecia viver sua vida levando “tudo de boa”. Viver a vida de boa não é tarefa pra qualquer um... Bomba parecia viver... ou pelo menos nos fazia pensar nisso... como será viver assim?

Um dia aqui, outro dia ali, hoje durmo aqui, outro dia durmo lá, com um, com outro... Quanta disposição para viver assim... que legal poder viver assim!!

Amigos daqui, amigos de lá... sempre afetuoso no olhar. Devia ter muitos amigos este moço!

Sempre gostava de vê-lo aqui conosco e agora ele foi...

Na segunda, lá na cozinha olhamos juntos para ele... rimos, falamos do cabelo, do Chimbinha, da Joelma, brincamos com seu capacete, batemos até uma foto. Ele riu de nós... que ficamos aqui...

Com todo carinho...

O texto produzido por três jovens frequentadores da Casa mostra a tentativa de descrever, descobrir e imaginar a vida de um amigo que faleceu em um acidente de moto, alguns dias antes de organizarmos o sarau. Contempla aspectos da sua vida, elencando objetos, tentando colocar-se no lugar de quem vive esta vida. Desperta para a sensibilidade na hora de descrever os traços que ficaram marcados no convívio com este *moço bonito, de olhos pequenos, ganhando o mundo*, colocando a impressão de que *deve ser legal viver assim*, levar esta vida de idas e vindas, *levando tudo de boa*. Este processo faz com que seus autores reflitam sobre como deve ser a experiência de um rapaz dançarino, que fazia programas, mas que, para além desta situação, foi um *aventureiro da vida*⁵⁸.

A objetivação estética sintetiza todos estes elementos, resgata as percepções dos sujeitos. As situações experienciadas têm seu lugar na hora de compor a lembrança do amigo, por isso a relação estética consiste em uma experiência pautada por uma sensibilidade que desloca a ambos, sujeito e objeto estético do imediato, da existência material e concreta imediata. É uma relação sensível que forja a própria sensibilidade e se objetiva na atividade criadora (ZANELLA, 2004).

A produção do texto descreve e ressignifica o último contato entre eles, *na segunda, lá na cozinha*. Transforma a apropriação desta memória, deixando nela a marca impressa do carinho e a lembrança daqueles que ficaram; traz na composição do texto sua forma de conhecer e ser pela sensibilidade. Encerra em sua criação elementos afetivos, ao mesmo tempo que significa e configura sentidos para a experiência, sugerindo que a experiência estética pode reorganizar sentimentos e vontades (SAWAIA, 2006).

Os sentimentos ganham forma, são objetivados. Constituem-se em uma conexão entre o sujeito e a realidade que o cerca, sendo que esta conexão se traduz sob a forma de um objeto estético, unificando as experiências vividas, as lembranças, a estética e a imaginação. Em uma composição, como esta, entra em jogo a apropriação significativa da realidade, com mediação afetiva, apontado para novas criações, mesmo que estas se limitem ao objeto estético em si, onde se contemplam as significações no âmbito do próprio objeto.

A partir desta produção compartilhada entre os três, pode-se compreender a tristeza de uma perspectiva diferente daquela da ética de

⁵⁸ As informações colocadas aqui, que não constam no texto transcrito, foram obtidas em contato com o campo e registradas em diário de campo. “Aventureiro da vida” foi uma expressão usada por uma das pessoas para definir este rapaz conhecido como “Bomba”.

Espinosa. Não se trata de uma tristeza que produz uma potência de padecer e uma relação de servidão, e sim, de uma tristeza que engendra uma apropriação estética da vida de forma criativa. Refere-se a uma relação com o sentimento que pode, ao contrário, impulsionar à potência de ação e de criação. Deste ponto de vista, a tristeza, por ser um afeto, também é passível de ser encarada e apropriada junto com uma sensibilidade, que permite a criação por meio de uma relação estética e, até mesmo, reverter o sentimento. Trata-se de um processo de catarse, como nos lembra Vigotsky (2001), experiência estética que em seu processo supera os sentimentos, transformando o pensamento e a sensibilidade e que, descolando o sujeito de seu cotidiano, o potencializa para a vida (SAWAIA, 2006).

Também no texto que segue, produzido por Donizeti de Lima, o Dodô, para o dia do sarau, vemos como pode ocorrer esta apreensão sensível e significativa da realidade, mediada por sentidos atribuídos ao lugar da Casa Chico Mendes em sua vida, bem como aos acontecimentos ali experienciados. O título *Com-Fusão* indica caminhos a ser percorridos, abrindo em sua ambiguidade a possibilidade de sintetizar os aspectos objetivos da realidade, ao mesmo tempo em que traz o indicativo de uma conexão afetiva com esta realidade e com as pessoas que por ela circulam.

COM-FUSÃO

Acontecem muitas coisas. É uma mistura de sensações, de tempos, de expectativas... É um confluir de histórias.

A criança que chega e acaba com toda a possibilidade de acomodamento, afinal ela faz a vida explodir somente com um sorriso, imaginem as lágrimas.

De repente entra o moço, com olhar endurecido, magoado pela vida... É acolhido, e nos acolhe. Sorri, pois vida louca também ama.

A garrafa de café, as panelas sobre o fogão. A garrafa de vinho, a mesa enfim. A mesa vai criando significados, vai acolhendo todos os que dela se achegam... Sempre tem lugar.

A Casa. A casa que já foi “casa do padre”, “casa do Dodô” e que agora é a “Casa Chico Mendes”.

Esta casa parece uma chaleira sempre em ebulição... E o vapor escapa, os cheiros atraem... É cheiro de alimento, de perfume, de suor, cheiros de gentes.

Choramos! Rimos! Desabafamos! Sonhamos... Vale até ficar furioso! Depois passa...

Existe um coração que pulsa na Casa Chico Mendes. Não é o coração de alguém em especial. Mas é um coração que carrega a marca da com-fusão, pela transfusão da vida que corre, que pulsa, desinstala, incomoda. É o coração de todos, é o coração de cada um!

O texto produzido por Dodô expõe como

na relação estética do homem com a realidade, explicita-se toda a potência de sua subjetividade, de suas forças humanas essenciais, entendidas estas como próprias de um indivíduo que é, por essência, um ser social (VÁZQUEZ, 1978, p. 55).

Isso mostra como a estética se apresenta como uma dimensão essencial do homem, como ser criador. É nesta dimensão estética o reduto da verdadeira existência humana, pois “se o homem é atividade criadora, não poderia deixar de estetizar o mundo” (VÁZQUEZ, 1978, p. 52).

Esta relação se dá não apenas na prática como fundamento do homem, na qual ele em seu proveito transforma a natureza, os objetos, por meio da ação. A relação estética é também debitária da necessidade que o homem tem de afirmar-se como ser humano, “[...] é criação e instauração de uma nova realidade exterior e interior” (VÁZQUEZ, 1978, p.53).

O autor vai além ao colocar a estética como forma de o ser humano não apenas apropriar-se da realidade, mas também engendrar processos de transformação, pois “apropriar-se esteticamente da realidade, é integrá-la num mundo humano” (VÁZQUEZ, 1978, p. 114). Na mesma perspectiva, Vigotsky (2001), ao considerar as características psicológicas da reação estética⁵⁹, afirma que “uma observação bastante breve da reação estética já nos permite observar que o seu objetivo final

⁵⁹ Vigotsky utiliza o termo “reação estética” no lugar de “relação estética” em função de que, em seus primeiros estudos, estava influenciado pela reatologia. No entanto, os dois termos apresentam fortes semelhanças no que diz respeito às obras de Vigotsky e Vázquez.

não é o de repetir alguma reação real, mas superá-la e vencê-la” (VIGOTSKY, 2001, p. 339). Superar e vencer uma realidade implica em (re)criação. Seja uma criação concreta de algo novo ou uma recriação de si enquanto sujeito, processos que implicam no desenvolvimento de “[...] um homem para além da conservação e da reprodução, sempre aberto, com maior ou menor intensidade, às novas possibilidades, ao desenvolvimento e à fruição do belo, e ainda à criação” (SAWAIA, 2009, p. 369).

Tanto Vigotsky quanto Vázquez observam que a relação entre a estética e a arte sempre implicam em algo que transforma e que supera o sentimento comum, culminando em algo mais elaborado acima daquilo que inicialmente as continha, recolhendo da vida o seu material, mas produzindo algo diferente de suas propriedades iniciais.

Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com os novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento [...]. De forma idêntica, toda vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhos (VIGOTSKY, 2001, p. 342-343).

Estes pressupostos teóricos permitem a construção das noções de arte, vida e relações estéticas calcadas nas experiências cotidianas. É da vida que a criação artística capta seus elementos e é a partir da criação artística que se modifica a percepção da vida. Arte, relação estética e vida se relacionam em um processo que se desenvolve em espiral. Não é um movimento circular fechado, muito pelo contrário, é bem mais um processo dialético aberto. A vida, capturada por meio de uma relação estética, pode engendrar uma criação artística, e esta, por sua vez, modifica a vida.

Quando Drummond viu uma pedra, não enxergou apenas uma pedra. Drummond viu na pedra a poesia. A apropriação estética do mundo abre essa possibilidade de transformar uma pedra em poema. Neste sentido, torna-se possível pensar a relação estética como um

aspecto da própria vida, e, por meio dela, toda a vida cotidiana pode ser considerada uma obra de arte.

[...] também porque todas as situações e práticas minúsculas constituem a terra fértil sobre as quais crescem cultura e civilização. Sem que se possa aprofundar isto aqui, pode-se dizer que o interesse culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as perambulações diárias e o lazer não podem ser mais vistos como elementos sem importância ou frívolos da vida social (MAFFESOLI, 2005, p. 12-13).

Estetizar o mundo é parte da condição humana, porque o homem na sua condição ontológica de ser criador se coloca em movimento, se des-an-estesia⁶⁰. Com a mediação dos bons encontros, que ocorrem na Casa Chico Mendes, abre-se espaço para a relação estética, sendo que esta relação também faz parte deste encontro de corpos, histórias e afetividades que se compõem e se entrelaçam, trazendo à tona esta realidade que é partilhada intersubjetivamente.

Desta forma, o ser humano, em sua condição criadora,

[...] transfigura a realidade não só nas construções da fantasia, mas também na elaboração real dos objetos e situações. A casa e o vestiário, a conversa e a leitura, e a maneira de andar, tudo isso pode servir igualmente como o mais nobre material para a elaboração estética (...). O que deve servir de regra não é o adorno da vida mas a elaboração criadora da realidade, dos objetos e seus próprios movimentos, que aclara e promove as vivências cotidianas ao nível de vivências criadoras (VIGOTSKY, 2001, p. 352).

⁶⁰ A palavra estética é derivada da expressão *estesia*, que por sua vez tem origem em um vento que soprava em determinadas épocas no mar mediterrâneo, chamado de *vento estésico*, que os gregos utilizavam para lançar seus barcos à vela ao mar. Estética, neste sentido, chama pela ideia de deslocamento, sair de um lugar para o outro, um des-porto que pressupõe movimento (FONSECA, 20??). Se levamos em consideração a concepção espinosana de afetos como estados corporais que aumentam ou diminuem a capacidade do sujeito para a ação, logo poderemos fazer uma associação com a ideia grega de colocar-se em movimento, sendo o processo de afetar-se o próprio movimento. Sendo assim, estética pressupõe movimento e está associada ao afeto, ao sentir. Não é por acaso, então, que quando um corpo é submetido a uma *anestesia*, objetiva-se suprimir a sua capacidade de sentir.

A relação estética pode irromper no sujeito não apenas diante de um objeto estético constituído para tal finalidade. Pode-se destacar que esta forma específica de relação também acontece diante de objetos e situações que não foram criadas especificamente para este fim. Se nos deslocarmos dos textos e do sarau para as experiências relatadas sobre Casa Chico Mendes e àquelas que foram vividas na Comunidade, podemos concluir que é da vida que surgem as experiências estéticas. É com elementos de sua própria realidade que o sujeito, experienciando uma relação estética, se desanestesia em um movimento onde ele se desestabiliza, cria, ressignifica. O sujeito põe-se em questão engendrando novos processos de subjetivação, o que implica movimento, deslocamentos e transformações.

6 A CASA NOS SUJEITOS E OS SUJEITOS NA CASA

A Casa são as pessoas que estão nela. Esta frase foi ouvida por mim durante várias ocasiões e conversas ocorridas na Casa, com as pessoas que, neste espaço, marcam presença. Se levarmos em conta as várias perspectivas por meio das quais a Casa pode ser mirada, também podemos, num segundo movimento, apontar que cada pessoa presente no cotidiano da Casa se insere com mais intensidade ora em uma das perspectivas, ora em outra. Instituição, Casa dos Encontros e Moradia são facetas que demonstram algumas das diversas formas que a Casa Chico Mendes pode assumir; formas que são marcadas, reveladas, pela maneira como cada sujeito ali se inscreve e também se revela, uma vez que sua inserção não está descolada de sua história e subjetividade.

A Casa também se configura como um lugar de passagem, que abarca as pessoas que lhe afluem, ao mesmo tempo que as impulsionam para outros movimentos. Aprender coisas novas, encontrar abrigo e afeto, buscar tempo e segurança para retomar a vida, trabalhar, militar, passar algumas noites durante a semana na companhia dos demais, ter um teto sem precisar pagar aluguel e encontrar os amigos são movimentos que cotidianamente são catalisados pela Casa, mas que também revelam movimentos mais amplos com respeito à vida dos sujeitos.

Cada sujeito encontra e reconhece seu lugar na Casa, mas também produz este lugar, a sua inserção, sua forma de estar ali. A passagem pela Casa, neste âmbito, é parte do devir da vida. Mais do que estar na Casa, os sujeitos passam por ela e os afetos presentes se combinam, se potencializam, se modificam, se invertem, de acordo com o momento vivido e com as expectativas de cada um. O sujeito chega com a sua história, esta, que também é revelada a partir da forma como se encontra a sua inserção neste lugar. Na Casa desenha seus movimentos, suas buscas ou, até mesmo, sua momentânea inércia, suas aproximações e afastamentos.

Quer dizer: cada sujeito traz a sua história para a Casa e ali encontra abrigo, constitui-se e alimenta-se nas múltiplas possibilidades de encontros existentes, neste espaço, e promove outros movimentos na vida. Todos encontram seu lugar, modificam a Casa e por ela são modificados. Em cada conversa empreendida no âmbito desta pesquisa, tive a oportunidade de estar diante de sujeitos que me revelaram parte de suas histórias, a forma como chegaram na Casa e o que buscavam, seu lugar de preferência dentro da sua disposição espacial, o acontecimento mais marcante que aí experienciaram. Todas estas informações unem-se

para formar uma gama de movimentos que assumem certa coerência, a qual revela a posição de cada sujeito em relação à Casa. Cada sujeito, com sua forma de inserção somada às demais, delinea traços que, em seus contornos moveidões, lembraria um rizoma⁶¹, característica que nos ajudaria a compreender uma das facetas que exhibe a Casa Chico Mendes em sua rede de conexão e composição de relações.

Os sujeitos na Casa, a Casa nos sujeitos; os sujeitos como sendo a Casa e a Casa definindo-se como as relações que em seu interior se estabelecem. Através de uma possível contemplação desta dinâmica inicia-se a compreender que não existe um “dentro”, o sujeito, e um “fora”, a Casa. A pele não é a superfície que separa, no sujeito, exterior e interior, mas sim

um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõe os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc (ROLNIK, 1992, p. 1).⁶²

Todos estes meios expressam-se, de uma forma ou de outra, no movimento dos sujeitos no processo de composição com a/n Casa. A metáfora da pele indica que a subjetividade é móvel e dá respaldo para a compreensão de que os processos de subjetivação e a subjetividade não estão delimitados no interior do sujeito, e sim como exterioridade que se dobra sobre ele enquanto sujeito na relação.

É como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um forro e deixar surgir uma relação consigo, constituir um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão própria (DELEUZE apud ROSE, 2001, p. 180).

⁶¹ Um rizoma, diferentemente de árvores ou de raízes, “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções moveidões. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões [...]. Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. [...] Se refere a um mapa que deve ser reproduzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32-33).

⁶² O texto de Sueli Rolnik está disponível em <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>.

Ressalta-se o papel da alteridade, não como um mero componente de um processo simples de interlocução, mas como ativa na constituição sujeito e das relações sociais, sendo estas mediações uma condição ontológica de desenvolvimento do ser, permeado pela afetividade. A afetividade é uma dimensão ética e estética no

plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro onde cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações (ROLNIK apud ZANELLA, 2005, p. 100).

Nesta metáfora, a pele vibra, é afetada pela força daquilo que a toca. Quando tocada, a pele se dobra, formando uma curvatura sobre si mesma. formando um perfil de subjetividade.

O que logo observamos é que outros fluxos vão entrando na composição da pele, formando outras constelações e que, aos poucos, outros diagramas de relações de força emergem e assim sucessivamente. A cada vez que um diagrama se forma, a pele se curva novamente. Nesta dinâmica, onde havia uma dobra, ela se desfaz; a pele volta a estender-se, ao mesmo tempo que se curva em outro lugar e de outro jeito; um perfil se dilui, enquanto outro se esboça. O que fica claro é que cada modo de existência é uma dobra da pele que delinea o perfil de uma determinada figura da subjetividade (ROLNIK, 1992, p. 2).

Sujeitos e Casa não são categorias estanques e segregadas, uma vez que se combinam em um fluxo dinâmico que deriva nas relações que se estabelecem, os próprios encontros que ocorrem entre eles, de forma que

Dentro e fora não são meros espaços, separados por uma pele compacta que delinea um perfil de uma vez por todas. Percebemos que eles são indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro. Vejamos como: o dentro é uma desintensificação

do movimento das forças do fora, cristalizadas temporariamente num determinado diagrama que ganha corpo numa figura com seu microcosmo; o fora é uma permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e seu dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra se perfila (ROLNIK, 1992, p. 2).

Desta forma, pode se compreender que a

[...] dobra exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção desse território, ou seja, ele exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora. A dobra constitui assim tanto a subjetividade, enquanto território existencial, quanto à subjetivação, entendida aqui como processo pelo qual se produzem determinados territórios existenciais em uma formação histórica específica [...]. Subjetivação refere-se, portanto, às diferentes formas de produção da subjetividade em uma determinada formação social (SILVA, 2004, p. 56).

Posto isto, pode se passar a uma contemplação um pouco mais próxima da história de cada sujeito entrevistado, bem como de seus movimentos pela Casa Chico Mendes. Cada sujeito tem sua forma peculiar de inserção neste espaço. Traz em seu relato os afetos que fizeram sua pele vibrar na experiência com a Casa, denotando as dobras que se curvam e também se desfazem. Ao mesmo tempo, suas formas de inserção configuram o que é Casa: estes encontros entre os sujeitos que trazem sua história e sua subjetividade para esta composição. Cada sujeito traz uma parte do todo que forma a Casa e que, num segundo movimento, dobra-se sobre si, formando e desfazendo composições e processos de subjetivação que se configuram como devires e, nesta lógica, configurando a própria Casa como um devir.

Mas um devir rizomático, uma vez que com o encontro de subjetividades, que se combinam, entra também em um jogo de força que se expressa ora com mais intensidade em uma das polaridades da Casa, ora em outra. Neste sentido, as perspectivas da Casa - Instituição, Casa dos Encontros e Moradia - aparecem na fala dos sujeitos, que estão orientados ora com mais força para uma das perspectivas, ora para outra. Forma-se uma composição que tem características de um rizoma, já que

não há como separar estas perspectivas umas das outras, porque elas aparecem de forma indissociável e codependentes.

Lembrando o antigo costume segundo o qual as pessoas, quando recebem em suas casas a visita de convidados que ainda não as conhecem, logo de entrada passam a apresentar a moradia, os diferentes cômodos e espaços, suas funções etc.; entramos agora na Casa Chico Mendes a convite de cada um dos sujeitos que dela falaram.⁶³

Felipe, que atualmente mora na Casa, conhece o espaço desde criança, quando subia na laje para soltar pipa. Ainda naquela época passou a frequentar alguns projetos mantidos pela Instituição. No entanto, sua entrada na Casa como morador aconteceu logo após o falecimento da mãe, quando ele tinha 17 anos. Felipe conta, em entrevista, que

Depois que a minha mãe morreu, eu fiz 17 anos e saí dos projetos da Casa, mas continuava a vir aqui. Eu já estava no segundo ano do ensino médio e pedi para morar aqui com o Dodô, coordenador da Casa, porque eu não me dava bem com o meu padrasto.

Em seu relato, Felipe acrescenta que a perda do vínculo da mãe e a impossibilidade de constituir vínculo com o padrasto foram fatos decisivos na sua escolha de buscar moradia na Casa Chico Mendes, local referido por ele como uma oportunidade de ter uma vida melhor. É desta forma que Felipe descreve o início de sua inserção na Casa, anterior a sua entrada como morador:

Eu comecei a vir porque em casa era sempre a mesma comida. Era sempre arroz, feijão, carne, salada e macarrão. Não tinha tanta diferença assim.⁶⁴ E também por causa de meus amigos que frequentavam o projeto. Então eu comecei a vir aqui. Foi assim: foi a partir dos meus amigos que vinham aqui, meus

⁶³ A equiparação entre a Casa e os sujeitos neste capítulo é proposital, visto a indissociabilidade das narrações das vidas dos sujeitos com suas experiências na Casa, de forma que uma coisa não aparece alheia a outra. À medida que os relatos de cada sujeito vão aparecendo, serão feitas algumas análises teóricas de suas falas, privilegiando certos aspectos em alguns casos. A escolha por colocar aqui todos os relatos, sem, no entanto, analisá-los, teoricamente, em sua totalidade, ao invés de se utilizar e analisar a fundo apenas alguns deles e depois, em separado, a dinâmica da Casa, deu-se pelo fato de que muitas narrativas acabam por explicitar esta dinâmica, de forma que a ela passa a ser mostrada a partir das falas dos sujeitos.

⁶⁴ A questão da alimentação pode parecer trivial a muitos olhares, no entanto, na Casa Chico Mendes, uma boa e variada alimentação é entendida no âmbito da dignidade, da presença na mesa, um alimento que oferece nutrientes que vão além das necessidades fisiológicas.

vizinhos. No começo era mais por causa do rango mesmo. Aqui a comida sempre foi boa. O Dodô sempre comprou do melhor para as crianças, Nescau e coisas assim que nós não éramos acostumados, né?

Alimentação e amizade foram as portas de entrada de Felipe na Casa Chico Mendes. Ambas as situações fizeram com que sua pele vibrasse, com que ele fosse afetado por aquele lugar; abriram-lhe a perspectiva de entender que a Casa era um lugar para se estar em companhia dos amigos e se alimentar bem. Mas foi a ideia de construção de um novo vínculo familiar que o levou, posteriormente, a buscar a Casa para ter um espaço para moradia. A entrada na Casa como morador, associada à morte da mãe, que marca mais uma dobra, a perda de um vínculo de proteção e cuidado, de afeto, leva a Felipe para a busca de afeto e referência na figura de Dodô e nas demais pessoas que frequentam a Casa: *E o Dodô eu considero um pai pra mim. O pessoal que participa aqui do projeto, tu, a Patrícia, o Tinho e o Valderi são como irmãos mesmo, um sempre ajudando o outro.*

A ideia de família é uma das referências mais significativas que demonstram a inserção de Felipe na Casa Chico Mendes. Para ele, *família é união, é paz, é ajuda, compartilhamento. É o que nós temos aqui na Casa, todos nós. Pra mim isso aqui é uma grande família. Acho que isso numa família é crucial, a união, o compartilhamento.* Neste sentido, Felipe se insere na Casa tanto a partir da perspectiva da moradia, quanto dos bons encontros. Encontra na Casa um lugar para morar, mas também um *locus* onde pode compartilhar afetos. Quando lhe pergunto sobre o espaço da Casa com o qual ele mais se identifica, vem a resposta que indica a cozinha, porque é ali onde os encontros acontecem, onde são feitas as reuniões, os cafés e demais refeições, onde as pessoas se reúnem para conversar. A indicação da cozinha como espaço de preferência mostra a inserção de Felipe na perspectiva da Casa enquanto lugar dos bons encontros, fundamentado na coletividade.

Afeto, elemento significativo na construção dos bons encontros e, também, do lugar de calor. No contato com a Casa, Felipe passou a ser visto e, neste movimento, aprendeu, começando a partir da referência no coletivo, a olhar de forma diferente para si mesmo. Ao relatar sobre como foi o impacto vivido nos primeiros contatos com as pessoas da Casa, nos quais foi levado a mudar a sua forma de entender o mundo, Felipe conta que foi a partir do coletivo que esta mudança ocorreu:

Acho que foi as novas pessoas que eu fui conhecendo, as novas coisas que eu fui vendo e percebendo aqui na Casa. Foi a forma que eu vi que... eles eram diferentes. Todo mundo aqui era diferente. Todo mundo... eu tava acostumando a viver num casulo onde cada um pensa por si. Quando eu vim aqui pra casa, todo mundo lavava a sua louça, todo mundo respeitava os outros, um ajudava o outro, coisa que eu não via no dia-a-dia. Daí eu comecei a pensar diferente: “pô, os caras são diferentes! Porque eles são assim?”.

Mesmo sem responder a pergunta que ele mesmo se colocou, Felipe conta como foi o desdobramento destes primeiros contatos com o coletivo:

Aqui também eu aprendi a me cuidar mais, a ter higiene, a coisas que eu não estava nem aí, a coisas que... tomava banho três vezes na semana e não percebia muito a mim mesmo. Vi que a vida é bem além do que a gente vê aqui na Comunidade. A gente pode conhecer muitas coisas. Tem vários jeitos de se comunicar, de estudar, de conhecer novas pessoas. Muitos países para conhecer. Comecei a pensar assim, em fazer faculdade. Foi isso que me incentivou a continuar estudando.

No contato com a Casa, num primeiro momento Felipe foi afetado de forma a se deslumbrar por uma outra dinâmica de relações. É a exterioridade dobrando-se sobre o sujeito na relação e, ao mesmo tempo, desfazendo outras dobras. Em seguida, passou a perceber a si mesmo, no encontro com o outro retorna uma imagem de si e que o faz existir sob e pelo olhar do outro (LIMA, 2008).

Desta forma, a questão do coletivo assume significado importante e afetivo que marca a passagem de Felipe pela Casa. Quando lhe perguntei se ele gostaria de relatar um acontecimento significativo experienciado por ele na Casa Chico Mendes, remete-se ao relato de uma história cujo tema central expõe sua compreensão de coletivo:

Um acontecimento importante que teve foi na época em que a Casa... Que é o mesmo que está acontecendo hoje, que hoje não deu pra levar como antes, que era a dívida da Casa com a Receita Federal. Na época deu uma chance de pagar cinco mil, eu acho. Só que a gente não tinha dinheiro, daí tiveram a ideia de fazer um bingo. Daí todo mundo se juntou, Chica, Dodô, Patrícia, todo mundo se juntou para juntar um dinheiro, pra pagar a dívida e o projeto continuar a andar. Nunca desistimos.

Então a gente juntou tudo, fez as cartelinhas, foi na igreja lá de Campinas para falar com o padre, ver se tinha como fazer o espaço. Daí arrumamos bicicleta, micro-ondas, coisas pro bingo mesmo. E todo mundo se juntou. Nós íamos de manhã lá à frente da igreja, lá na missa, vender cartela do bingo. Isso aí acho que foi uma coisa que foi muito legal mesmo. A união de todos nós pra fazer uma coisa maior que não é pra gente, é pra Comunidade, entendeu? Para as crianças mesmo. Isso aí eu acho que foi muito legal na Casa.

O trânsito pela Casa Chico Mendes, na perspectiva da Moradia e na da Casa dos Encontros, provoca a abertura de novas dobras no processo de subjetivação de Felipe, calcadas nas referências dos laços afetivos e de ampliação do coletivo. Este processo o levou para a percepção de si mesmo, movimento que provoca uma nova dobra, a do cuidado de si que, posteriormente, infere a busca de outro referencial na Casa: a educação, seja na perspectiva da educação formal, que se revela no desejo de Felipe em entrar para a universidade, seja na forma de educação como a descoberta de novas possibilidades de vida e de enxergar o mundo. Concomitantemente, Felipe passou a ajudar na Instituição como auxiliar:

E aqui foi onde eu aprendi a pensar mais no vestibular, faculdade e essas coisas aí, que antigamente eu não pensava nisso. Depois parei de andar assim na rua e comecei a frequentar os projetos e comecei a trabalhar aqui também, já com o Dodô, como auxiliar. E comecei a conhecer coisas diferentes. Comecei a ir a faculdades, comecei a ir a palestras com o Dodô e mais a rapaziada que fica aqui nos projetos, e outros jovens também. E foi a partir daí que eu comecei a pensar no futuro. Até então eu não sabia o que seria da minha vida daqui pra frente. É porque eu não conhecia a vida. Eu achava que a vida era assim, normal. Era trabalhar, ter filho e continua trabalhando. Eu não pensava muito em conhecer coisas novas e melhorar de vida. É a partir da educação que a pessoa começa a enxergar as coisas diferente, né? Não pensa naquele quadrado em que ela vive, naquela comunidade ou naquele bairro. Porque se tu não tem educação, tu não conhece, tu vê um jornal e não entende. Eu via o jornal e via o pessoal falar um monte de coisas e eu ficava pensando “pô! O que ele quer dizer com isso?!” Depois que eu comecei a estudar, a aprender palavras diferentes, outros significados, outro jeito de falar, outro jeito de pensar, daí eu comecei a entender da vida, comecei a estudar.

Os referenciais e as perspectivas, que Felipe levanta em seus relatos, mostram como ocorre sua inserção no universo da Casa Chico Mendes. Família e educação são núcleos de significação bastante expressivos quando Felipe expõe sua experiência com a Casa, que estão calcadas na sua relação com o coletivo, no afeto compartilhado com o Dodô e com os demais. Tal processo abre duas vias para Felipe neste seu trânsito pela Casa: a possibilidade de formalizar um processo de sua adoção pelo Dodô e a busca por entrar em um curso de graduação, numa universidade pública. O primeiro já ocorre informalmente, Dodô e Felipe se consideram da mesma família, ou, como eles preferem dizer, “nos adotamos”. Recentemente, Felipe viajou para a cidade natal de Dodô, em companhia deste, para conhecer seus familiares. Ao mesmo tempo em que ocorria a etapa de campo desta pesquisa, Felipe dedicava-se aos estudos para passar no vestibular. Esteve bem próximo da aprovação para um curso oferecido pela UDESC em Lages, o que lhe abriu a perspectiva de saída da Casa, e, sobre isso, Felipe reflete:

Eu penso que um dia eu posso sair, mas posso e não vou sair, entendesse? Porque eu vou sempre estar aqui, porque eu vou sempre voltar, eu tenho certeza. Eu sou novo ainda, eu penso em conhecer muita coisa, conhecer países, conhecer muitos outros lugares, mais eu sempre vou voltar porque aqui é a minha casa, é onde eu cresci, eu posso dizer isso, é aonde eu aprendi a ser gente.

Recentemente tivemos a notícia, ainda em tempo de constar nesta pesquisa, de que Felipe foi aprovado no vestibular da UFSC para o curso de Geografia. Podemos pensar a partir desta conquista que, nos encontros com a Casa e seus desdobramentos, Felipe teve sua potência aumentada, passando a objetivar esta energia para os estudos. De fato, durante o tempo em que ocorreu esta pesquisa de campo, Felipe passava os dias estudando para o vestibular. Sua nova conquista coloca os encontros como qualificador do estado desta potência, em forma de alegria e potência de agir (SAWAIA, 2009) e que abre para novos devires: *agora a vida vai caminhar para a frente*, foi o que Felipe me disse no dia em recebeu o resultado do vestibular. E aqui novamente o conceito de dobra pode “[...] explicar os processos de subjetivação como modificação dos limites que nos sujeitam, para nos reconstruir com outras experiências, com outra delimitação. (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, 2001, p. 130)

As experiências vividas por Felipe, na Casa Chico Mendes, provocaram vários desdobramentos em sua vida, abrindo perspectivas que recaem sobre o aumento da potência de agir com vistas a realizar suas novas buscas que se delineiam. Elas, ao mesmo tempo, também estabelecendo novas dobras, cujo “desenho”, emparelha a concepção da Casa a sua vida: *Hoje a Casa é minha vida, literalmente. Eu moro aqui já faz cinco anos. E tudo que eu aprendi aqui na casa, especialmente aprender a gostar de estudar, a ler, porque eu não gostava de ler, cara. Aqui eu aprendi a gostar de ler. E do começo mudou totalmente.*

A partir destas transformações relatadas, Felipe reflete que agora ele pode passar a ser uma referência para outros jovens da Comunidade, ao mesmo tempo em que vislumbra novas possibilidades para si, encerrando, a seguir, a sua fala projetando um pensamento que imagina que os outros podem lhe atribuir, dizendo-se a si mesmo:

Eu acho que pelo menos para os caras que cresceram comigo ou para os meus irmãos, acho que eles me enxergam de uma maneira diferente, porque a maioria deles já morreram e os que estão aí não estudaram, não tem vontade de estudar. Eles não aprenderam a ter vontade de estudar. E eu não desisto, né? Eu não entro nas drogas, eu continuo estudando. E querendo ou não, eu sei que eles pesam: “oh, o Felipe vai ser alguém mesmo, vai trabalhar, vai mudar de vida”.

Tinho morou no bairro Estreito até os cinco anos de idade, momento em que foi marcado pelo falecimento de seu pai, o que provocou em sua mãe a decisão de mudar para a Comunidade Chico Mendes, deixando os filhos aos cuidados de sua irmã, na mesma Comunidade. A morte do pai funda na vida de Tinho o que se poder correr o risco de significar como o início da constituição de um “enredo de vida”, marcado pelo trabalho e por contínuas mudanças de residência.

Em conversa gravada em áudio, Tinho ressalta dois temas significativos em sua vida: o trabalho e a procura por um lugar para morar. Como ele mesmo coloca no diálogo que sempre buscou trabalhar para *ter as coisas*, ter a sua casa sem depender de aluguel ou sem precisar *morar de favor na cada dos outros*, como vinha acontecendo até então. Estes dois temas apontam para a maneira como Tinho circula pela Casa Chico Mendes desde sua entrada como morador, no ano de 2010.

No entanto, foram alguns anos antes que Tinho teve seu primeiro contato com a Casa:

com 16 anos eu conheci a Casa aqui, a Casa Chico Mendes, daí recebi apoio do Dodô e tudo. Eu não tinha documento nenhum... Eu não era bem dizer reconhecido, né? Eu não tinha nada. Daí com 17 anos mais ou menos eu comecei a ter os documentos, a procurar estágio, a continuar de novo, a trabalhar de novo.

Tinho conta que, a partir dos contatos iniciais com a Casa, deu início ao seu processo de cidadania, além de outro ponto importante para ele: fez amizades e deixou de ser uma pessoa sozinha, que só gostava de ficar “quieto em seu canto”. A porta de entrada para Tinho na Casa, semelhante a muitos outros jovens que a frequentam, foi o convite para tomar café.

Na verdade, a Casa foi que me acolheu. Eu morava ali pra cima com a tia, aí eu vim pra cá, o meu irmão já conhecia o Dodô. Aí ele falou: “Ah! Vamos ali no Dodô tomar um café!” Mas eu não me sentia bem assim em entrar na casa dos outros. Não sei se porque eu não fui muito acostumado com isso. Então, de lá pra cá eu vinha direto aqui. Eu jogava pingue-pongue e tinha várias coisas. Tinha internet e várias aulas também, de inglês, de alemão. E tinha várias atividades também: o pessoal ficava conversando aqui na cozinha, ali na sala. Daí eu fui aprender, né? Depois que eu comecei a conhecer o pessoal eu fui me soltar mais. Conversar mais, não ficar assim parado num canto. Porque na verdade a Casa foi uma inspiração pra mim. Aqui eu aprendi a ouvir. Ajudava a cuidar das crianças, ajudava a levar as crianças pra passeio.

Quando perguntei a Tinho no que ele acreditava que o havia levado a deixar de ser uma pessoa quieta e trancada, sua resposta trouxe o enfoque das amizades conquistadas na Casa, fato considerado por ele como ganho dos mais significativos em sua experiência ali:

Na verdade foram as amizades. Porque eu nunca fui de ter amizades assim, porque nos lugares que a gente ia assim o meu padrao ele sempre escolheu pra morar os lugares mais no meio do mato, os lugares mais afastados da cidade e eu não conhecia muitas pessoas. No colégio que eu estudava eu era meio quieto, meio na minha, as pessoas que vinham falar comigo eu não... Eu não conhecia muita gente, dá até pra contar... Quando eu cheguei aqui eu também cheguei quieto. E o pessoal veio falar

comigo, me convidavam a jogar pingue-pongue, me convidavam pra aprender a mexer no computador, coisas assim, né?

Podemos compreender, da fala de Tinho, que a amizade é um espaço de experimentação capaz de provocar novos processos de subjetivação, irrompendo na imprevisibilidade de ser acolhido e tirado de “seu canto”, onde se encontrava quieto. Este convite provoca uma nova dobra em Tinho que o leva a experimentar a possibilidade de abertura para o outro, recaindo na consolidação de amizades em companhia das quais ele passa a participar das possibilidades de encontros oferecidas pela Casa. Neste movimento, reinventa para si novas formas de existência (GOMEZ; SILVA JUNIOR, 2007).

Desta forma, Tinho encontrou, nos encontros da Casa, a amizade que possibilita

[...] abertura para o outro em sua alteridade, na qual se é visitado e devolvido pelo outro, permitindo o questionamento e deslocamento do familiar, possibilita a irrupção do imprevisto, aquilo que ainda é sem lugar entre nós (GOMEZ; SILVA JUNIOR, 2007, p. 153).

A questão das amizades e o contato com os demais em grupo, polarizou a Tinho na perspectiva da Casa dos Encontros, anterior a sua entrada como morador. Tinho frequentava a Casa periodicamente e participava junto com outros jovens do “Projeto Nossa Casa”, grupo criado e gerido por eles mesmos. Quando lhe perguntei da importância que este projeto representava para ele, novamente voltou ao tema da amizade.

Uma das coisas é a amizade, que eu conquistei. E o pessoal ficava muito feliz quando tava aqui dentro. A gente sentia isso. Ninguém gostava de ficar na rua. Você chegava e tinha dias que aqui tinha mais de 20 pessoas. 20 jovens, uns aqui, outros conversando ali na porta, sentados no sofá, outros na sala de computação, outros aqui na cozinha. A sala era cheia.

Junto com a amizade, a partir de sua fala Tinho ressalta que ocorre a alegria inerente aos bons encontros. É no sentido de que ele, junto com o grupo, afeta-se e potencializa-se neste vínculo, que se pode pensar sobre o caráter ético da amizade, que também recai no sentido político que pode ser atribuído ao grupo formado, uma vez que a partir

deste encontro e das amizades ali construídas, o grupo foi se desenvolvendo de forma autônoma dentro da Casa, consolidando ações já citadas no âmbito do projeto “Nossa Casa”.

Amizades e bons encontros são pontos que demonstram a inserção de Tinho na Casa e sua história desde os 17 anos. Quase dez anos depois, em 2010, ele entrou na Casa como morador, de forma a trazer as duas referências, ou dobras, importantes em sua vida, já citadas anteriormente. Moradia e o trabalho são questões sempre presentes em seu atual movimento pela Casa, que polarizam sua inserção também na perspectiva da casa enquanto moradia. Em sua história, Tinho trás vários relatos de mudanças de casa desde o falecimento do pai. Morou com sua tia até os 18 anos de idade, quando conheceu uma jovem com quem veio a se casar e ter duas filhas. Com sua família Tinho morou de aluguel e, também, de favor na casa de parentes de sua companheira, alternando entre estas situações:

Daí vivia de aluguel com ela. Só de aluguel, só de aluguel, e aquilo ali ia pesando. A gente brigava muito... Com o tempo ela foi embora com as crianças... Foi difícil... Eu tentei, batalhei pra não acontecer isso, mas não adiantava. E também eram muitos problemas. Chegava do serviço, via que não tinha nada, fim do mês tinha que pagar o aluguel e não sobrava muita coisa. Situação ruim. Chegava em casa do serviço e eu pensava assim: “pra quê que eu vou trabalhar se nunca tem nada, nunca consigo nada, já uns 3 anos pagando aluguel e nunca adquiri nada.” Depois moramos de favor também na casa do tio dela. Foi uma experiência muito ruim porque ele ficava falando um monte de coisas, ficava meio que com cara feia, querendo que a gente saísse o mais rápido possível. Eu não sei... Mas eu acho que ele disse pra ela arrumar uma casa pra ela ficar. Foi mais ou menos o que eu escutei uma vez ele falando. Eu tava no quarto. Daí eu cheguei e falei: “nós vamos alugar uma casa, porque, não sei, teu tio deve estar falando, não deve estar gostando.” Aí eu vivi de aluguel mais ou menos uns cinco ou seis anos. Só de aluguel. Daí depois ela foi embora desta última casa.

A saída de sua companheira também marcou a separação do casal. Tinho ficou morando com sua mãe e suas filhas até que conheceu sua atual companheira. Morou na casa da família dela, junto com suas duas filhas por um período de seis meses, mas não se adaptou ao ambiente e ao convívio naquele espaço, de forma que deixou suas filhas

aos cuidados de parentes e se mudou para a Casa Chico Mendes. Fez isso com o objetivo de tomar um tempo para estabilizar sua vida.

Sua estada na Casa, da perspectiva da Moradia, estabelece-se sob dois direcionamentos, por vezes conflitivos. De um lado, sente-se bem em estar na Casa, livre do aluguel, em um ambiente tranquilo no qual pode estar em contato com as suas amizades e também sozinho, em seu canto, quando deseja; de outro, sabe que aquele espaço ali não é o seu espaço, a sua casa. De forma diferente de Felipe, não acredita que haja união e trabalho coletivo em todos os momentos. Vê-se com vontade de trabalhar e *fazer as coisas*, mas nem sempre encontra respaldo coletivo para isso, acrescentando que aquele espaço não é seu:

Assim oh: eu não me sinto muito bem. Eu não vou mentir, não vou dizer que eu me sinto muito bem aqui. Eu falo isso até pro Dodô. Uma coisa que eu gosto é de fazer as coisas tudo, né? Não gosto de lugar que as pessoas não ajudam as outras... Eu não me sinto bem, assim, não por estar morando aqui. Aqui é legal, aqui é um ótimo lugar, tudo, o espaço, mas o que eu queria mais eram as pessoas, um ajudar o outro, mas isso eu já estou procurando não me importar, mas, é difícil. As vezes eu quero fazer alguma coisa e eu sinto que... Não é que eu não tenha vontade, mas eu não me sinto muito bem porque a casa não é minha.

Aqui Tinho reconhece e expressa que na Casa dos Encontros e na Moradia não há só acolhimento. Não são todos os momentos, ações ou desejos que encontram respaldo no coletivo. Pode-se entender que Tinho, quando expressa que às vezes quer *fazer as coisas*, mas *um não ajuda o outro*, mostra que ali também existem faltas, lacunas que são experienciadas, de forma a não produzir apenas ações que remetem à potencialização da vida.

Não se sentir bem remete ao entendimento de que, no cotidiano da Casa, esta convivência não é livre de tensões e desencontros. Nem sempre os corpos se combinam, nem sempre as ações despertam para bons encontros. Há o compromisso assumido e esquecido, o desejo de silêncio que, às vezes, não é correspondido. A convivência e o vínculo também produzem tensões e desentendimentos.

Contraditório ou não, por algumas vezes, sozinho, acompanhado em outras, Tinho em seu movimento pela Casa trabalha muito. Suas ações incidem em mudanças estruturais cujo foco assume dois direcionamentos: o seu quarto e a estrutura da Instituição. Desde que chegou a Casa como morador, várias modificações foram feitas por ele. Começou limpando todo o terreno que circula a Casa. Entre a sala de

atividades utilizada pela Instituição e a cozinha, tirou uma parede que formava uma despensa, com isso a sala foi ampliada. Passou a despensa para o andar de cima da Casa, armando prateleiras. Na parte da Casa Chico Mendes destinada à moradia, levantou uma parede no meio da sala, utilizando um dos cômodos para fazer seu quarto. Posteriormente, retirou a parede e fez do espaço uma sala de estudos para o Dodô. Levantou uma nova parede na segunda sala de atividades, esta mais ampla, que fica no primeiro piso da Casa Chico Mendes, e ali fez novamente seu quarto.

Este movimento mostra que, não obstante, as intervenções de Tinho revelam o caráter que a Casa tem de acolher as pessoas e colocar-se disponível para que elas tragam aspectos de si para aquele espaço. Mesmo que, por vezes, esta tenha sido uma obra solitária, era do interesse de Tinho e condizente com a sua história arrumar um espaço dentro da Casa para que fosse só seu, para que fosse seu quarto. E foi isso o que ele fez, além das outras intervenções. Seu quarto, no qual reúne suas coisas, é sempre o mais arrumado da Casa. Tem seu armário, uma mesa para leitura, televisão e prateleiras com coleções de miniaturas, que chegam a milhares. São agora as suas “coisas”, que ele faz questão de mostrar aos visitantes.

Trabalho e moradia, dois núcleos de significados que marcam os movimentos de Tinho pela Casa que a modificam. Quando lhe pergunto sobre o acontecimento mais significativo que ele experienciou na Casa, Tinho se remete a uma tarde em que ele pôde trabalhar para ajudar um projeto da Instituição:

Foi... Eu não sei a data, foi uma época em que aqui tinha 80 crianças. Então nós fizemos um passeio com as crianças lá no Campeche. Daí tava eu e mais dois amigos meus. E naquela época a gente foi lá pra assar carne pras crianças. Então teve uma hora que eu olhei, eu cheguei assim, saí da churrasqueira e olhei as mesas assim... 80 crianças! E nós três ali assando carne! E aquilo lá me marcou bastante, porque eu sempre gostei de ajudar... Eu sempre gostei de ajudar, mas eu não queria... Eu ajudava... Eu queria que me convidasse pra ajudar. Eu nunca fui de pedir as coisas, eu não gosto de pedir as coisas pra ninguém, eu sou mais de... eu não sou muito de dar ideia, eu sou mais de chegar e aceitar. Daí o Dodô, eu tava na rua, ali em frente e o Dodô me convidou pra ir lá ajudar a cuidar das crianças, assar carne. O que mais me tocou foi a quantidade de crianças que tinha. E nós tava lá, ajudando as crianças, jogando bola com as

crianças, brincado no parquinho com as crianças. Isso foi uma coisa que me tocou bastante, que eu me lembre assim, na Casa.

É o trabalho que o afeta, o convite para o trabalho, a possibilidade de ajudar. Não apenas como quem espera ser convidado, Tinho também convida. Desde que mora ali, tem uma lista das reformas estruturais que são necessárias para a manutenção. Por meio desta atenção e disponibilidade é que ele se inscreve neste espaço, que carrega importância e, quem sabe, até mesmo contradição na sua história, pois, ao mesmo tempo em que ali ele encontra acolhimento para fazer o seu lugar. Sabe que ainda não é o *seu* lugar, aquele que ele sonha um dia ter para si.

Tinho tem seu quarto, mas não é este lugar o seu preferido na Casa. Semelhante a maioria dos outros sujeitos que com ele dividem este espaço, Tinho prefere a mesa da cozinha, na qual as pessoas se encontram “para falar da vida”. Está na Casa agora, mas ainda pretende ter o seu próprio espaço no futuro:

Mas eu agora eu tô meio, meio, não tranquilo, né? Eu estou procurando. Às vezes eu fico pensando no que que eu posso fazer, no que não posso fazer. Mas é porque é um bom lugar aqui. Aqui eu posso ficar tranquilo, no meu canto, no meu quarto, ninguém me incomoda. Na verdade, eu comecei a morar aqui só agora. Se eu pensasse bem na época, eu poderia estar bem melhor do que hoje. Se eu tivesse pedido pro Dodô pra eu ficar aqui na época, né? Daí eu não ia ter tantos problemas assim.

Doio, assim como Tinho, conheceu a Casa Chico Mendes por intermédio de seu irmão e, desde então, mantém contato com a Casa há 12 anos. Circulou neste tempo por várias das perspectivas aqui analisadas: frequentou os projetos institucionais, fez parte da equipe técnica da Casa como auxiliar de coordenação e passou pela Moradia por duas vezes. O trânsito por estas perspectivas se desdobra em outros apontamentos e significados. Doio vê sua passagem pela Instituição como uma experiência que fundou nele outra perspectiva de sujeito, o Rafael, que tem seu nome, é responsável e sério. Como morador da Casa, encontrou abrigo quanto se viu imerso em situações que não sustentavam compartilhar moradia com seus irmãos, bem como pagar aluguel em outro lugar. Na Casa dos Encontros, encontrou acolhimento junto com Dodô e as demais pessoas que frequentam a Casa, fez

amizades, encontrou um espaço para se divertir, construir vínculos, ser acolhido.

Sua experiência como morador e também como participante da Casa dos Encontros, por vezes, se fundem. Vale lembrar que as categorias “morador” e “participante dos encontros” são divisões arbitrárias. Doio, em seu relato, mostra isso quando conta um pouco sobre sua experiência quando morava na Casa, que também se desdobra na perspectiva do trabalho na Instituição:

Ah, morar aqui tem as suas vantagens, mas também, é foda. Porque eu gosto de bagunça, e aqui às vezes tem que ser, às vezes é silêncio, então isso me incomodava um pouco. A vantagem é que aqui não tem que pagar aluguel nem pagar nada. E conversava com todos, todos que vinham aqui. Eu passava mais tempo aqui, trabalhava, lia bastante, assistia, conversava mais com o Dodô. Era legal.

A noção de que a Casa são as pessoas que a ela estão vinculadas, de que a “Casa” é formada por este coletivo, que frequenta a Casa Chico Mendes, aparece explícita na fala de Doio. A isto vincula-se sua percepção de que este coletivo, para ele, se constitui como uma família, o que também o polariza para a Casa dos Encontros:

Primeiro que eu tenho o Dodô como um pai, o Dodô entrou na minha vida depois que meu pai morreu, daí em comecei a ter aula com ele, então a gente foi tendo um afeto mais parecido, já começa por aí. Aí, depois, a Casa foi algo mais na minha vida. É uma parada que aqui em Florianópolis mora só eu, minha irmã e meu irmão, entendeu? Então a Casa é a minha segunda família. Que meus irmãos assim, eles são separados, eu sou o que mais tem contato com eles. A gente não é assim muito ligado um ao outro, então quando eu fico triste eu venho pra cá, eu dou risada, converso com a rapaziada, e aqui eu me sinto acolhido.

Atualmente, Doio não trabalha e também não mora da Casa Chico Mendes. Não obstante, continua a frequentar este espaço periodicamente. O espaço da Casa escolhido por ele como mais significativo é a cozinha, local onde gravamos nossa conversa, e que Doio justifica: *porque aqui é onde acontece tudo.*

No entanto, considerando sua história, as experiências mais significativas para sua vida - suas dobras e seus processos de subjetivação - são atribuídas ao tempo em que esteve na Casa Chico

Mendes trabalhando na Instituição, também quando estive como morador.

Quando eu trabalhei aqui eu tinha uma postura diferente. Aqui eu era o educador, então eu tive que me comportar de uma forma. Acho que eu me adaptei assim. Às vezes quando eu entro do portão pra dentro, eu me sinto ainda naquela função de educador. Eu ainda faço umas brincadeiras, só que eu pessoalmente, às vezes, dou uma maneira nas brincadeiras. Tanto que, do portão pra fora, eu sou diferente, sou mais descontraído, dou mais risada, faço mais brincadeira e às vezes aqui eu fico meio quieto, meio sério assim, daí acham que eu estou doente, entendeu? Mas não é isso. É que eu trabalhei aqui muito tempo, trabalhei com crianças e adolescentes. Então eu tinha que ter uma postura meio rígida assim, a postura de um Rafael, não a de um Doio, de um moleque. Eu acho que isso, isso não vai mudar mais. [...]. O Rafael é meio sério, tenta ser responsável. Conseguiu ser. Às vezes eu consigo ser sério. O Doio, quem vê lá fora não diz que eu tenho esta idade, 25 anos. Gosto de rir, gosto de brincar, gosto de fazer brincadeiras com as outras pessoas, sou baladeiro, irresponsável, sem juízo, mentiroso e aí vai.

Em seu trânsito pela Casa, Doio, em seu processo de subjetivação, dobrou-se para revelar Rafael. Nos encontros e contatos com as pessoas na Casa, Doio mantém seu apelido. Mesmo sendo nomeado por ele, guarda o Rafael consigo. Quando lhe perguntei sobre sua preferência entre estas duas denominações, ele me respondeu: *Um pouco dos dois. Eu acho que nem sério nem brincalhão de mais.*

Doio, em sua processualidade na relação com a Casa, possibilita-nos pensar que

[...] os processos de subjetivação como dobra implica, como vimos, despojar o Sujeito de toda identidade (essencialista) e de toda interioridade (absoluta) e, ao mesmo tempo, reconhecer a possibilidade de transformação e de criação que eles deixam aberta. Em outras palavras, a dobra nos permite pensar os processos pelos quais o ser humano transborda e vai para além de sua pele, sem recorrer à imagem de um sujeito autônomo, independente, cerrado, agente... a não ser, precisamente, com base em seu caráter aberto, múltiplo, inacabado, cambiante... Agora, o

problema já não seria tanto perguntar-se sobre que tipo de sujeito é produzido, mas que pode fazer o ser humano, que capacidade de afectar e de ser afectado tem em um dispositivo concreto. Essa capacidade não é tampouco uma propriedade da carne, do corpo, da psique, da mente ou da alma. É, simplesmente, algo variável, produto ou propriedade de uma cadeia de conexões entre humanos, artefatos técnicos, dispositivos de ação e pensamento (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, 2001, p. 129).

Afeto, dobra e processos de subjetivação combinados, como mostra a experiência de Doio na Casa, incidem sob a forma deste carácter cambiante que é produto das conexões que ele pôde experimentar. São conexões estabelecidas com as crianças assistidas por eles, com os funcionários da Casa, com sua história e com as expectativas que ele se propõe a cumprir na relação com o outro. São conexões que vão forjando um “outro” para si mesmo. De alguma forma, Doio é afetado na relação com a Casa mediante a responsabilidade de um cargo de educador. Esse afeto se dobra sobre ele e produz o Rafael.

Também neste movimento Doio funda uma nova estética de si, uma estética da existência, que consiste num trabalho do indivíduo sobre si mesmo, orientado pela busca de uma existência bela, marcada por um intenso movimento à procura da “verdade de si”, como nos recorda Foucault (2006). É a partir de práticas que

[...] devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos que corresponda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2006, p.198-199).

Tais práticas tornam-se claras no processo de Doio, quando procuramos entender as suas transformações considerando uma estética da existência. Esta que para ele ganha visibilidade no contato com a Casa, no olhar para si enquanto um sujeito e que, a partir deste olhar, empreende um esforço para transformar-se em outro. Neste sentido,

a ênfase é posta então nas formas de relação consigo próprio, nos procedimentos e técnicas por meio das quais ele as elabora, nos exercícios pelos quais ele se propõe a si mesmo como objeto a conhecer, e nas práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser (FOUCAULT, 2006, p. 215).

A estética de si permeia essa experiência e abre campo para que Doio busque novas formas de compreensão sobre seu corpo e sua subjetividade. Tal experiência implica também nas possibilidades transformativas que o encontro com o outro é capaz de criar na experiência desta relação. De acordo com Rosa,

[...] de uma experiência jamais saímos os mesmos, pois a dor, a emoção, o prazer, o afeto ou a dúvida que nela experimentamos nos causam deslocamentos estéticos (2009, p.102).

Doio e Rafael não estão acabados. Ambas as dimensões seguem juntas e se interpõem, colocando-se em acordo e também em desacordo. Doio não formulou uma estética de si acabada, visto que a processualidade dos processos de subjetivação sempre estão em curso.

E é neste trânsito que Doio se revela cambiante nos encontros ocorridos na Casa. Às vezes, chega festeiro, senta ao redor da mesa e participa das conversas e brincadeiras. Já em outras ocasiões, chega sério, compõe a mesa com os demais por um tempo, mas logo se levanta e vai para sua casa mais cedo. Porém, em outras situações, embala os encontros com seus toques de tambores, harmônica, violão e suas danças.

Doio conclui a conversa sintetizando e partilhando o que foi e o que é a Casa para ele, colocando-a como parte de si:

Esta casa aqui é uma parte de mim, e eu gosto desta parte e não adianta deixar a Casa só para mim, só dentro de mim. Eu acho massa estar compartilhando o que eu passei aqui, o que eu estou passando e o que eu vou passar.

Valderi, em seu transito pela Casa Chico Mendes, polariza-se nas três perspectivas aqui analisadas, no entanto, com a peculiaridade de trazer como fundo de seus relatos a perspectiva da Instituição. Sob sua ótica, mesmo os momentos de bons encontros fazem parte do trabalho

da Instituição. Chegou à Casa já sobre esta perspectiva. Logo em seus contatos iniciais, participou do grupo de jovens “Nossa Casa”. Além disso, frequentava a Casa “por frequentar”, como ele mesmo conta, quando surgiu a proposta para que ele fosse professor de capoeira das crianças do “Projeto Esperança”. Convite aceito, Valderi permanecia na Casa mesmo depois de encerradas as aulas, aproveitando os espaços de encontros, de conversa, de “estar junto”. Na sequência, foi convidado a assumir o cargo de auxiliar de coordenação da Instituição e, um ano depois, o de coordenador. Durante o período em que esteve como coordenador, também ingressou como morador da Casa por um curto espaço de tempo. Porque, logo depois retornou à casa da família para cuidar de sua mãe.

Quando lhe pergunto sobre sua experiência, Valderi conta que as principais referências, que ficaram para ele do contato com a Casa, dizem respeito ao acolhimento, a amizade e a formação:

A amizade já tinha, porque a Casa acolhia a gente. Mas de trabalho, assim de vínculo de trabalho mesmo, que faz parte da minha vida agora, daí foi depois de um tempo, foi depois que eu saí do exército que eu comecei a trabalhar aqui na Casa como professor de capoeira. Dei aula por dois meses aqui. Aí o Doio que trabalhava de auxiliar administrativo saiu, porque ele queria trabalhar noutro lugar e o Dodô me convidou porque eu já ficava aqui o dia todo. Porque, além de dar aula, eu ficava só por ficar, pra ficar conversando, tomando café, almoçando.

Na sequência, Valderi mostra que a Casa para ele não assumiu a perspectiva da potencialização a partir da qual poderia ser inferido um possível processo de emancipação em sua história. Seu relato fala mais da questão do acolhimento, da amizade, deste lugar de calor que é o espaço para estar junto entre pares, independente de objetivos a ser alcançados, colocando no mesmo plano as perspectivas da Casa dos Encontros e da Instituição.

Pra mim agora é a minha vida. É o que eu faço, além do trabalho. Acho que é tudo o que a Casa vai oferecendo. É a mesma coisa. O café eu acho que também faz parte do trabalho da casa, o almoço, os encontros, e acaba sendo a vida da gente. É a minha vida: vir aqui na quinta-feira, ver as pessoas de quem a gente gosta. Eu tenho isso como valor alto, isso pessoal, que tipo de encontros, né? Eu acho que é bem importante a gente ficar se encontrando, se divertindo, rindo, não só ficar na rotina

de trabalho, pra não ficar só nas preocupações e doenças e não sei o quê. Então se a Casa possibilita que a gente faça este tipo de encontro pra mim é ótimo, rever meus amigos, fazer uma festa.

Em sua fala, Valderi aponta para o deslocamento do plano moral para o plano da ética, entendendo que o trabalho da Instituição se equipara às suas experiências. Neste sentido, o trabalho da Instituição é o próprio acolhimento da Casa dos Encontros.

Não é uma ajuda de salvamento, mas é... sei lá, pra conversar de repente. Daí eu acho que a importância da Casa mesmo nesta parte de acolhimento é a amizade que vamos criando. Fui criando amigos, que hoje são os meus amigos. Quem anda hoje comigo eu conheci tudo na Casa, o Doio, o Felipe, o Tinho e aí tem vocês que sempre vêm aqui que são meus amigos também. O pessoal... a Patrícia, a Sandra, esse pessoal que vem pra cá e o pessoal que faz parte da Casa, a Chica, o Seu Antônio. O que a gente costuma dizer na Casa. Depende de onde se olha. Então uma coisa que pra mim é boa pode não ser para outra pessoa. Eu costumo dizer que é bom não estar vendendo drogas. Mas se eu perguntar pro cara que vende droga ele vai dizer que é bom e o ruim é estar trabalhando como eu pra ganhar em meses o que eles ganham em poucas horas. Então a gente tem o valor de “bom”, e o que a Casa passa pra gente de ruim que eu digo é... não é que ela passa pra gente, é que a gente pode dividir as coisas ruins também aqui na Casa. É porque aqui você tem uma situação boa ou ruim e a Casa te dá várias saídas, vários caminhos para aquela situação. São caminhos. Qualquer situação você tem mais pessoas pra conversar, mais ideias. Então, tu acaba tomando um caminho que acha que é melhor, mas isso não significa que vai ser sempre o melhor.

Este posicionamento de Valderi permite compreender o fato de que ele, mesmo estando na Casa como morador, não ter se desvinculado do papel que assumia enquanto coordenador. Na interlocução entre moradia e trabalho, o que mudou foi

Só o horário. O horário de trabalho. Tu acabas misturando um pouco, morar e trabalhar. Porque, como tu está na Casa, tu acaba fazendo mais coisas, acaba trabalhando umas horas a mais quando precisa, porque já está aqui mesmo e o fluxo não pára. Meu trabalho seria até as seis, no caso, mas como eu morava aqui eu poderia ficar até as oito ou nove horas, caso

alguém batesse na porta pra ver carta, eu estaria ali. Não tem muita diferença.

Seu posicionamento como coordenador o levou a eleger o evento de comemoração dos 15 anos Casa Chico Mendes como o mais significativo de sua experiência nela, localizando-se na história da Instituição e reconhecendo-se como parte desta história. Mas não deixa de lado a importância das experiências que são vividas no cotidiano. Nas suas palavras:

Eu acho que os 15 anos da Casa foi bem importante, porque eu conheci o pessoal que ajudou a construir a Casa no começo. E aí reuniu todo o pessoal também. Foi mais o fato de conhecer as pessoas que fundaram a Casa e ver que elas ainda se emocionaram. Aquele dia teve bastante gente chorando. E ver as pessoas que também não via há tempos e então acho que foi uma demonstração de sentimento pela casa e ver ela diferente também do que eles construíram. Diferente em termos materiais, era uma Casa bem menor, de madeira; hoje em dia a Casa tem uma estrutura maior e o trabalho também. Porque o trabalho começou para atender a comunidade e ainda continua. Então, o pessoal que veio aqui e que ajudou a montar a casa e ver o trabalho se emocionou e eu também fiquei... marcou porque tu vê que as pessoas tinham um propósito e que ainda segue, no caso de atender a Comunidade. Mas, não dá pra marcar como o mais importante, porque eu acho que todo dia substitui. A cada encontro que a gente faz de quinta-feira, pra macarrão, pra beber uma cerveja no final de semana, cada café, cada coisa eu acho que vai substituindo. Todo dia acaba sendo o melhor dia da Casa. Cada dia ele vai substituindo o outro.

No período em que se deu esta pesquisa de campo, Valderi ainda assumia a coordenação da Casa. No tempo decorrido entre a pesquisa de campo e a escrita da dissertação, algumas transformações ocorreram, tais como o período de latência da Instituição em função da dívida assumida e o fato de ele e sua companheira estarem esperando um filho. Neste sentido, Valderi não pôde esperar pela retomada das atividades da Instituição. Teve que sair em busca de emprego, deixando de lado seu papel de coordenador. Diante da notícia de que vai ser pai, Valderi reflete sobre sua experiência na Casa, perspectivando a extensão desta experiência para com seu filho:

Eu gostaria de falar que a Casa me ensinou, me formou de verdade, o que vai me ajudar na hora de formar uma outra pessoa, que agora é meu filho. Então, já que eu vou ter um filho, a Casa também vai me beneficiar com isso. O que a Casa fez por mim agora eu vou poder fazer pelo meu filho. Agir um pouco com ele como a Casa agiu comigo, na formação como pessoa, talvez nestas coisas de preconceito, na educação, dos encontros. De poder acrescentar coisas. Eu não quero resgatar o meu filho de nada, até porque ele não está em nada e não se sabe se ele vai estar ou não. Só quero fazer o que a Casa fez comigo no sentido de mostrar que tem um monte de coisas boas para fazer. Tem um monte de coisas que a gente pode fazer, não só boa como ruins também. A Casa tem também umas coisas ruins. Então, mostrar e... Espero que ele goste. Ou ela, né?

Valderi toca numa questão central do trabalho que aos poucos vai se desenvolvendo na Casa. Não apenas para ele, mas também para os demais jovens, de acordo com o que expressaram nos relatos anteriores: a Casa assume um viés que passa pela questão da formação. De diversas perspectivas, esta formação faz parte dos trabalhos da Casa e ocorrem ao mesmo tempo nos espaços de encontros, nas reuniões, nas conversas, nos eventos, nas oficinas e até mesmo nas brincadeiras. Este trabalho não se resume a uma educação que poderíamos chamar de formal, pois ele se dá no decorrer da vida e dos encontros que ocorrem na Casa. Ele acontece a partir do acolhimento e transita até os processos de subjetivação que transformam os sujeitos, seguindo seu curso pela vida.

Neste movimento, que transita do acolhimento para os processos de subjetivação, existe a correlação e a circulação de múltiplas facetas de práticas, as quais contribuem para estes processos e exercem influência nos sujeitos. Se retomarmos a fala de Doio, poderemos deduzir, inicialmente, os desdobramentos de pelo menos três destas facetas: o vínculo com o Dodô, a estética de si que engendra Rafael e a apropriação da Casa como sendo a sua vida. Temos a construção de um vínculo, a circulação pela Instituição - que exerce uma demanda que é atendida por Doio - e, por fim, a Casa funde-se a sua vida..

Há também uma série de instrumentalizações que emergem da relação dos sujeitos com a Casa: aulas de línguas e de informática, grupo de literatura, incentivo para os estudos, para a busca de uma profissão. Aspectos culturais e ideológicos também fazem parte deste bojo de inúmeras práticas. Na Casa e em companhia de Dodô, Felipe passa a frequentar palestras, universidades, forja um sentido de vida que

aponta para o desejo de conhecer o mundo, em contraponto a uma concepção de vida que se resumia em casar, ter filhos e trabalhar. É impactante quando Felipe afirma em seu relato que *não conhecia a vida* e que a veio a conhecê-la na Casa Chico Mendes.

Dodô é uma figura de referência nesta relação. Em contato com ele, muitos dos jovens acabam tecendo relações que passam por este processo de aprendizagem, mediante discussões, conversas e reflexões conjuntas. Há certas reflexões, por exemplo, que visam à ampliação da leitura do contexto, a reflexão sobre a vida partindo de variados temas. Um exemplo que posso citar diz respeito à discussão de gênero. Ainda quando eu estava construindo o projeto desta pesquisa, lembro-me de uma ocasião em que fui co-coordenador de um grupo focal, realizado por um colega de profissão, com os jovens da Casa Chico Mendes. A pesquisa de meu colega se referia a um levantamento nacional cujo tema versava sobre questões de gênero e violência sexual. Quando chegou à Casa Chico Mendes, meu colega já havia pesquisado diversas ONGs em vários estados brasileiros e, findado o grupo focal, falou-me que a Casa era o primeiro lugar, desde que havia iniciado a pesquisa, onde ele não encontrava preconceitos de gênero nas falas dos participantes.

O que nos interessa para a discussão, no entanto, apareceu posteriormente em uma conversa que tive com Dodô. No momento em que expressei para ele o que meu colega havia comentado sobre o grupo focal, na hora Dodô me respondeu: *ah, mas era só o que faltava eles terem este tipo de preconceito aqui, depois de tudo o que já conversamos sobre este assunto. Se fosse diferente, eles se veriam comigo.*

Tirando o tom bem humorado usado por Dodô na hora de expressar sua frase, fica uma questão que assume certa relevância no contexto da Casa: Dodô é uma referência para estes jovens em educação, reflexão e ampliação das possibilidades de se compreender a vida e formular leituras da realidade.

O que se pode pensar é que na relação entre Dodô e os jovens, que fazem parte da Casa, há a abertura para o que poderíamos chamar de uma “estética das possibilidades”, ou seja, Dodô procura abrir possibilidades novas de existência para estes sujeitos. A ética do Dodô funda uma estética nas relações que preza pela formação e educação desses jovens. Este processo constrói-se a partir de uma tessitura de instrução, gostos e sensibilidade. Mas também abarca a reflexão sobre preconceitos e sobre o lugar destes jovens no mundo, tendo como referência a figura de Dodô. Esta “estética das possibilidades” é imbuída

de afeto e de apropriações, que ampliam a concepção do mundo e as possibilidades da vida para estes sujeitos.

Podemos dizer, também, que ao mesmo tempo em que estas relações ampliam algumas possibilidades, reduzem outras. Arrisco-me a afirmar isto, uma vez que ainda estamos no plano da ética. Neste sentido, a reflexão de Felipe é bastante emblemática. Ele afirma que não conhecia a vida, porque a vida até então era trabalhar, ter uma família e continuar trabalhando. Este era um caminho. Entretanto, no contato com a Casa, Felipe passou a conhecer e a formular novos caminhos que obliteraram os antigos. Sobre isto, as palavras de Valderi ressoam: *tu acaba tomando um caminho que acha que é melhor, mas isso não significa que vai ser sempre o melhor*. Valderi também conhecia outras possibilidades de vida, no entanto, sua escolha foi justamente a de trabalhar e ter uma família.

Estas reflexões amparam a noção de que uma “estética das possibilidades” construída na Casa implica em uma relação que, ao mesmo tempo em que processos de subjetivação são determinados, exercendo uma possibilidade de direção aos sujeitos, também não os obriga a direcionamentos específicos. Sendo assim, alguns sujeitos se permitem avançar mais nestas possibilidades e outros menos. Embora Dodô seja a referência deste processo, isto não significa que só os jovens são “influenciados”. Dodô também passa por novos processos de subjetivação na relação com os jovens e aprende coisas com eles. Este ponto ficou menos explícito nas entrevistas. No entanto, na relação com o campo, isto é visível em vários aspectos que podem ser percebidos em Dodô, como na forma de falar, na escrita de alguns textos, no aumento da atenção com a estrutura física da Casa a partir da relação com Tinho. Esta “estética das possibilidades” forja também em Dodô uma outra sensibilidade na relação dele com os jovens e na percepção de suas vidas. Não é por acaso que o projeto de tese de Dodô, que se inicia agora, já aparece com o título *Vida loka também ama*.

Na Casa Chico Mendes, esta dança de influências, que podemos chamar de “estética de possibilidades”, mostra como que

[...] o Outro instala-se e atravessa a subjetividade, impedindo uma identidade fechada, privada, autêntica e pura. Tendo em conta que o Outro não faz referência a uma identidade confronto com outra, mas que é o irredutível a qualquer identificação, o Outro, pois, como diferença, quer dizer, como aquilo que faz

diferir, que produz novidades (DOMÈNECH; TIRADO; GÓMEZ, p. 132-133).

Seu Antônio conhece a Casa Chico Mendes desde sua fundação, e também um dos fundadores da Comunidade. Em sua história e circulação por este local, pautou-se pelas lutas sociais e movimentos de militância comunitária, tanto por meio de instituições e partidos políticos, como pelas lutas cotidianas em busca de qualidade de vida para os seus moradores. Sua história na Comunidade e na Casa Chico Mendes, por vezes, se confunde com sua própria história de vida. Não há motivos para separar uma da outra. Seu Antônio começou a circular politicamente pela Comunidade e pelas instituições por causa dos contatos e dos aprendizados mediados pela Casa. Sua inserção na Casa, desde seus tempos de fundação, aconteceu pela perspectiva da Instituição. Ele um dos membros conselheiros, assumindo o papel de primeiro secretário da Casa Chico Mendes, na formação de sua primeira diretoria.

Em sua fala, Antônio resume o trânsito pela Instituição considerando os cargos ocupados e seu movimento pela Comunidade:

Eu fui me envolvendo mais no ano de 94, mais ou menos quando eu vim pra dentro da Casa. Eu fui primeiro conselheiro da Casa e eu me envolvi com a Casa quase como se fosse a historia da vida dentro da Casa e dentro da Comunidade. Foi por intermédio da Casa e por intermédio das pessoas e dos amigos que eu comecei a andar na Comunidade. Aí eu fiquei mais tempo, trabalhando junto com a Casa e logo em seguida eu fui vice-presidente. E aí sempre acompanhando a Casa e alguns projetos junto com o Dodô e com a própria Casa, apoiando. E depois já no ano seguinte eu fui vice-presidente da Chica e depois mais tarde que eu fui presidente da Casa e o vice foi um professor, que até esteve aqui nos quinze anos da Casa.

Por ter sua referência pautada pelas lutas sociais, preocupa-se com projetos Institucionais que possam trazer benefícios para a comunidade. Ele compreende a Casa Chico Mendes por este viés, o da Instituição, de forma que, para ele, neste momento em que a Casa se encontra fechada para os projetos institucionais, também se encontra paralisada como um todo, fora de funcionamento, sem fazer menção ao fato de que na Casa ainda são mantidos os espaços de encontros. Não obstante, ainda considerando-a como *um ponto de referência, aberto para a Comunidade*.

Em seu relato, Antônio aponta que o acontecimento mais importante que viveu na Casa foi o dia em que elegeu-se presidente da Instituição. Escolheu este acontecimento no ato da resposta, mas também desdobrando-se para outros que remontam a sua história, imbricada com a Instituição:

O grande momento da minha vida aqui na Casa foi quanto eu fui eleito presidente da Casa pela primeira vez. Porque eu tenho um sobrinho, o Everton, ele chamou todos os jovens no dia da eleição, tava tudo aqui. Foi o grande momento da minha vida, a felicidade de eu ser presidente da Casa. E também de participar da construção da Casa, junto com a rede de entidades, de participar junto com a Casa, porque foi a Casa que começou a organizar a rede das entidades, na participação do primeiro fórum que foi construído pela Casa e pelas outras entidades. Então foi pra mim estes dois momentos: ser o presidente da Casa e participar da construção da rede das entidades que foi a Casa que ajudou a formar. E do fórum de entidades do bairro também.

Ao contrário de todas as outras pessoas entrevistadas nesta pesquisa, Antônio não localiza na cozinha o espaço de preferência da Casa Chico Mendes. Quando lhe perguntei se ele gostaria de eleger um espaço de importância na Casa, respondeu-me que *a Casa toda é importante, cada canto ela tem uma participação minha. Não só minha como tua e de outras pessoas. Eu gosto da Casa inteira.*

Interessante refletir o deslocamento da resposta de Antônio, porque ele é uma das pessoas que lutou desde a fundação da Comunidade e da Casa para a implementação de projetos institucionais que atendam a população local. Como a instituição agora está fechada, pouco sentido assume para ele, sendo que a noção da Casa Chico Mendes enquanto espaço dos bons encontros aparece ofuscada em suas reflexões. Para ele, a Casa tem sentido quando está aberta, cheia de crianças, com discussões políticas, reuniões de rede, projetos que atinjam a comunidade, *como por exemplo o projetos dos baldinhos, a revolução dos baldinhos, que saiu daqui. A Casa que mandou o projeto e hoje está funcionando, um projeto que começou, deu certo e tem que dar certo.*⁶⁵

⁶⁵ “Revolução dos Baldinhos” é o nome dado a um projeto de agricultura urbana desenvolvido pelo Centro de Estudos e Promoção da Agricultura em Grupo (CEPAGRO), que teve parceria com a Casa Chico Mendes e demais instituições da Comunidade Chico Mendes. Mais informações podem ser obtidas em www.cepagro.ogr.br e www.youtube.com/watch?v=NIFFmO-xkBI.

Antônio encontra-se claramente chateado com a atual situação política da Comunidade, segundo ele, está estagnada. Também descontenta-se com as lideranças da Comunidade cooptadas por cargos em níveis hierárquicos de poder no âmbito da gestão municipal. Sente falta de *lideranças que conheçam o cheiro da terra, o andar pisando na merda do cachorro, como a gente construiu uma comunidade, lutou por ela*. Este afeto estende-se também para a Casa Chico Mendes e para a situação atual da Instituição. Antônio, mesmo considerando a Casa como um dos espaços onde mais se sente bem, ao qual ele vai para “espairecer”, não esconde de ninguém a sua tristeza diante do fato de a Instituição não estar funcionando por se encontrar afundada em uma dívida que deixa poucas possibilidades de respiro.

Neste movimento, tem se afastado um pouco da Casa, frequentando-a com menor assiduidade. Compartilhar este espaço com os demais nem sempre é um bom encontro para ele. Mas não apenas por isso, porque numa conversa informal que tive com ele em um encontro no ônibus, passando pela ponte Colombo Salles, que separa a Ilha de Santa Catarina da região onde se encontra a Comunidade, Antônio me contou que passa por problemas familiares que também o entristecem e o ocupam de preocupação. Mais uma vez, a Casa e a vida dividindo afetos, ainda que agora por motivos que aparecem separadamente.

Seu Antônio deixa dois elementos possíveis para a construção de uma interpretação de sua relação com a Casa. O primeiro deles é o fato de sua vida pessoal não estar organizada da forma como deseja; o segundo, o fato de a Casa não estar estruturada de acordo com a sua expectativa, sua vontade. Este segundo elemento engendra uma problemática para os bons encontros: o que pode ser um bom encontro para alguns, pode não ser para outros. A identificação de Seu Antônio com a Casa assume uma intensidade diferente de acordo com as mudanças sofridas no viés da Instituição. Os sentidos da Casa dos Encontros não têm o mesmo papel para ele do que para os outros participantes da Casa, revelando duas concepções ou expectativas distintas: seu Antônio, ao contrário dos demais, não vislumbra os encontros circunscritos na Casa dos Encontros como trabalho que compõe a Instituição. Sentar-se ao redor de uma mesa para compartilhar a vida tem sua importância, mas um bom encontro para Seu Antônio, no âmbito da Casa, seria uma reunião para discutir e tentar solucionar a situação da Instituição, encontrando e deliberando ações que busquem a resolução dos problemas enfrentados.

Esta questão pode se desdobrar no caráter do próprio encontro: ele não é deslocado de um contexto, nem do afeto e da expectativa que

cada um traz para a composição. Na circunscrição de um bom encontro, podemos encontrar os afetos de alegria e a potência da vida, mas sempre há relação com o que o cerca, e nesta relação os afetos com seus vetores de aumento ou diminuição de potência podem ser diferenciados. Ao se considerar a Casa tal como um corpo, composto por infinitos outros elementos e em constante movimento que engendra distintas combinações, também podemos concluir que

o que é crescimento para uma parte do corpo pode ser diminuição para outra parte, o que é servidão de um é a potência de outros, e uma ascensão pode ser seguida de uma queda e inversamente (DELEUZE, 1997, p.158).

Como resultante destas considerações, poderíamos concluir que um bom encontro ao redor da mesa, entre os que ali estão, pode deixar de se combinar com a expectativa de Seu Antônio, e assim este tem sua potência diminuída na relação com a Casa? Somente Antônio poderia nos deixar a resposta precisa. No entanto, podemos assim mesmo concluir que um bom encontro nem sempre é bom para todos que fazem parte de um contexto, um corpo maior. Da mesma forma, um mau encontro nem sempre é nocivo diante da compreensão que inclui uma maior abrangência contextual.

A vida abarca seus percalços e desencontros, mas não deixa de seguir em movimento, e movimento com afeto. Para Antônio, Casa e vida, agora, também se fundem na perspectiva de concretização de sua autobiografia, que está em processo de finalização, com ajuda e mediação de Sandra Ribes.

A Casa na minha vida eu posso dizer... Se hoje eu tenho muitas caminhadas dentro da própria Comunidade, eu devo, bem dizer, à Casa, porque, por exemplo, na minha campanha eleitoral para vereador, quem me deu apoio foi a Casa. A construção do meu livro, também foi uma pessoa daqui da Casa. Vocês que estão ajudando na construção do meu livro. Então a casa envolve a minha vida.

Antônio não deixa espaço para dúvidas: é a Casa Chico Mendes o lugar onde será feita a cerimônia de lançamento de seu livro no qual conta a história de sua vida.

Difícil falar sobre a inserção de Dodô na Casa Chico Mendes, pois ele sempre esteve presente desde sua fundação. Levantou as

primeiras paredes, compactou o piso de chão batido. Foi a pessoa que sempre esteve na Casa para receber e acolher os que vinham chegando. Também foi coordenador da Instituição nos primeiros 14 anos, deixando o cargo para Valderi, no ano de 2010. Para esta pesquisa, Dodô fez o pedido de não gravar entrevista. Preferiu que a produção das informações ocorresse a partir de nossas conversas ao redor da mesa, do que fosse possível de capturar em cada encontro, sem a mediação da tecnologia. Achou de bom tamanho aparecer por meio da fala dos outros sujeitos, por meio daquilo que as pessoas que frequentam a Casa pudessem atribuir a ele.

E é neste ponto, a partir das falas dos sujeitos, que aparece a questão do acolhimento. Seria o cerne desta postura ética e afetiva que é constantemente apontada pelos sujeitos? Seria de Dodô a postura orgânica da Casa, de onde se fundamenta a ética e o lugar de calor? Dodô não concordaria com isso. De fato, não concordou e deixou passar certo desconforto quando, durante uma conversa, lhe coloquei neste lugar. Antes de retornarmos a isso, no entanto, gostaria de expor o que aparece nas falas dos sujeitos entrevistados, ou seja, o vínculo e o acolhimento de Dodô, e também da Casa, como solo onde se dão os primeiros passos dentro da Casa Chico Mendes.

Não é por acaso que a Casa Chico Mendes em sua história na Comunidade e também atualmente foi e é nomeada por muitos moradores como a “Casa do Dodô”. Dodô, por estar sempre na Casa e por sua disponibilidade para acolhimento é colocado por estas pessoas como referência deste lugar. Para comprovar isso, basta andar na companhia dele pelas ruas da Comunidade e constatar a quantidade de pessoas que se aproximam, que o cumprimentam, que aparecem para contar uma notícia, uma novidade. O mesmo ocorre dentro da Casa Chico Mendes. Um exemplo é o sofá que fica logo depois da porta de entrada, onde Dodô costuma ficar sentado e, com muita frequência, recebendo as pessoas que afluem. Sua principal característica na Casa passa por esta ideia de acolhimento e, mesmo que ele não goste de se atribuir este lugar, é colocado ali pelos sujeitos.

A partir da fala de Tinho podemos formar uma ideia de como ocorreu este processo:

Na verdade, é mais do Dodô. É o Dodô que tem esse acolhimento aí que faz a casa ficar cheia. O jeito que ele tem de tratar as pessoas, de ajudar as pessoas, eu acho que ajudava muito. Acho que a maioria das mães e dos pais gostava muito, tanto que as crianças que saíram daqui nunca iam querer sair

daqui. O pessoal também que já foi embora, às vezes liga, ou fala, às vezes aparece um aí que foi da turma que era de noite e agora já não tem mais.

Acolhimento, na Casa Chico Mendes, significa receber a pessoa tal qual ela se apresenta para a relação. Fundamenta-se, como já colocado anteriormente, em uma postura ética, no deixar-se estar em relação independente dos estigmas morais que comumente interpõem-se na relação. Este acolhimento tem uma localização referencial na história de vida de Dodô, que pôde ser colhido em uma das conversas em que relembrou da casa de seu pai, também uma referência para a comunidade onde moravam no interior de São Paulo. Construída de pau-a-pique em um mesmo dia, com ajuda dos moradores locais em mutirão, a casa abrigava a família de Dodô e também era o lugar onde seu pai recebia diariamente diversas pessoas. Dodô relata que perdeu a conta de quantos moradores de rua foram abrigados em sua casa por uma noite ou alguns dias, ao longo de sua infância; além de diversas outras pessoas que se aproximavam para uma visita, seja para ficar em silêncio, seja para “jogar conversa fora”.

Dodô conta que com o pai aprendeu que as pessoas devem ser respeitadas, todas elas. Aprendeu também que *a casa da gente tem que estar aberta para todos, é um lugar de acolhimento e generosidade*. Esta concepção acompanhou Dodô por sua vida, provocando dobras, ou, como ele mesmo coloca, *fazendo parte de minha personalidade*. Foi também um dos motivos que o fez abandonar o seminário. Dodô relata que quando morava no seminário e queria receber alguém para uma visita ou para passar a noite, tinha que fazê-lo escondido, coisa que não admitia, não combinava consigo.

A Casa Chico Mendes é também a casa de Dodô, sua moradia desde que abandonou o seminário. Quando ali chegou, trouxe consigo a concepção de casa que herdou de seu pai, de forma que é este o entendimento que ele tem da Casa, *que não necessariamente todos precisam entender, mas que todos acabam entendendo*.

Ali Dodô também se sente acolhido e bem com aqueles que da Casa se aproximam. Porém, como ele mesmo fala, este acolhimento é de mão dupla: a Comunidade também o acolhe de diversas maneiras, sendo que as mais significativas a que Dodô se remete dizem respeito aos acontecimentos da vida cotidiana. Dodô não deixa de apontar como é significativo quando, por exemplo, um vizinho cozinha uma refeição e a traz para compartilhar, quando alguém o convida para uma festa ou o chama para ser padrinho de seu filho.

Com base nesta reconstrução de minha conversa com Dodô, podemos refletir sobre a dobra da história deste sujeito que agora se desdobra sobre a Casa. Os processos de subjetivação ocorridos na sua história, que o remetem à figura de seu pai, se dobram em Dodô e se desdobram sobre a Casa, provocando novas dobras que contribuem para o desenho de algumas características tão marcantes nas falas dos sujeitos. Dodô prefere pensar, e assim o expressou, que o acolhimento é de todos, é do humano. E que a Casa é de todos também, ou, como exposto várias vezes pelos sujeitos desta pesquisa, “uma casa aberta para a Comunidade”. Dodô conta que um dos momentos que mais o afetou na história da Casa foi quando, ainda no início da Instituição, um grupo de jovens após uma partida de futebol saiu pelas ruas da comunidade em direção à Casa Chico Mendes, abraçados e pulando aos gritos de “ahá, uhú, a casa do Dodô é nossa!”.

Segundo Dodô, todos gostam de ser acolhidos no que são, de forma que a questão do acolhimento é de todos. A isto podemos acrescentar que o acolhimento tem poder libertador: ser acolhido no que se é faz com que as pessoas se aceitem melhor e aceitem melhor as outras. É o primeiro passo para uma transformação, se desejada.

Podemos concordar com a argumentação de Dodô e, até mesmo, constatar que nos encontros na Casa o acolhimento faz parte do grupo. Mesmo assim, as falas dos sujeitos entrevistados não deixam dúvidas: pelo menos na experiência deles, o acolhimento e vínculo com o Dodô foi um fator decisivo a permanecerem ali. Na sequência, os trechos das entrevistas de Tinho e Valderi contemplam parte deste processo em que os sujeitos são acolhidos, mas no grupo passam também a ser acolhedores.

O jeito do Dodô tratar o pessoal, assim. Eu me espelhava muito nisso. O jeito que o Dodô tratava as pessoas, o jeito que ele conversava com as pessoas. Na verdade, é um jeito acolhedor. Que nem assim, chegava, tratava as pessoas bem. O pessoal que pedia ajuda, o Dodô dava um jeito de ajudar. Eu sempre pensava nisso. O jeito de o Dodô ser... Como eu posso dizer? Ele foi uma pessoa com quem eu comecei a aprender as coisas... Eu não conversava direito com os outros, eu via ele conversando, não só ele, né? Mas quem trabalhou aqui também na época. O Israel que morava aqui também ajudava, conversava comigo. Ele dava aula de filosofia pra nós aqui na casa e ele ajudou assim bastante a desenvolver, a desenvolver a pessoa trancada que eu era. Porque eu era uma pessoa trancada, que não

conversava muito com os outros, nem no colégio, nem em lugar nenhum. (Tinho)

A fala de Tinho, além de citar desdobramentos de uma “estética de possibilidades”, deixa respaldo para a compreensão de que o acolhimento é a base para novos processos de subjetivação. E, além disso, uma vez acolhido, o sujeito encontra melhores condições para também acolher, e isso, como aponta Valderi na sequência, torna-se parte da Casa:

Eu digo: não é o Dodô, é da Casa isso. O Dodô a gente tem como referência porque é ele que acolhe a gente aqui na Casa. Ele está aqui todo dia e tal, mas é um trabalho da Casa isso. Então eu acho que a Casa faz parte da minha vida deste modo: de acolher.

As reflexões de Valderi e de Tinho colocam a figura de Dodô como referência de acolhimento. Ele é a pessoa com quem eles aprendem e experienciam a possibilidade de serem acolhedores. Mas não apenas como único a representar este lugar, pois postura é reproduzida nas outras relações que se formam e se combinam. É da Casa a questão do acolhimento.

O acolhimento é o “convite” para que o sujeito permaneça na Casa e passe a fazer parte da composição das relações que, por sua vez, revelam possibilidades de encontros. Neste movimento, nesta combinação de encontros, diferentes modos de subjetivação são engendrados, ao mesmo tempo em que são compostas as relações que constituem a própria Casa, que se forma simultaneamente às relações.

Neste sentido, o acolhimento é a sustentação por meio da qual os sujeitos constroem as relações na Casa. Pode se dizer que é o valor que regula as demais relações, uma vez que os sujeitos na Casa estão em relação de proximidade com este valor, que por sua vez, atua como um rebatimento nas ações concretas pautadas por uma ética, como se a esta constituição primeira das relações, via acolhimento, determinasse a forma de ação ética experienciada na Casa.

Destá forma, a premissa que surge na Casa é a de que “todos têm o direito de ser acolhidos no que são”. Por meio desta concepção se pautam as relações que são construídas na Casa, imbuídas de afetos, sendo que a produção de subjetividades ocorre a partir destas relações, por meio das quais a ética passa a ser considerada.

É inegável que a maioria dos sujeitos, frequentemente, manifestam que na Casa Chico Mendes a questão do acolhimento é primordial, fundante de sua experiência na Casa. Não é por acaso que alguns deles usam a palavra acolhimento para definir a própria Casa. O acolhimento configura sentidos aos sujeitos e forma uma nova dobra, mas isso só acontece porque no sujeito esta ação desperta um afeto, um desejo, revelando que para ele faz sentido ser acolhido desta maneira. É a exterioridade expressa nesta forma de acolhimento que ressoa em seu interior, mobilizando o sujeito de forma que ele pode capturar este acolhimento em um horizonte de sentido para si. Em contraponto, pode haver pessoas que entram em contato com a Casa e não encontram sentido no seu acolhimento.

É importante destacar aqui que nestas relações não são em todos os momentos que as conexões ocorrem e nem sob qualquer condição. Há pessoas que são acolhidos de forma diferente, ou seja, algumas pessoas se conectam com melhor facilidade ao coletivo da Casa Chico Mendes do que outras. Há formas de se chegar à Casa e estabelecer relações que têm maior facilidade de permanecer e constituir vínculos do que outras. E esta é uma relação de duas vias: um jornalista, por exemplo, que vem à Comunidade na tentativa de reproduzir o discurso já conhecido da mídia, não é recebido da mesma maneira que um amigo que vem acompanhado de algum conhecido da Casa.⁶⁶

Não é sempre que há acolhimento e bons encontros na Casa. Há pessoas que ali chegam e não compõem esta combinação. Há também vínculos que são construídos de forma processual. A pessoa chega, reconhece o espaço e é reconhecida; aos poucos vai tecendo o seu lugar na Casa, sua forma de estar. Neste movimento, traz as suas expectativas para a Casa, mas também passa a existir pela expectativa do outro que ali se encontra. Vill (2009), em sua dissertação, e Lima (2008), em sua tese, descrevem como foi este processo de aproximação com a comunidade e com a Casa. Vill narra que, ao chegar à Casa para fazer uma pesquisa, num primeiro momento foi convidada a destituir-se de seu papel de pesquisadora, visando a possibilidade de estabelecer um vínculo com os sujeitos que seriam pesquisados. Lima (2008), conta como foi ocorrendo o processo de seu vínculo com a Casa, mediante a

⁶⁶ Embora seja possível relatar várias experiências sobre este tema, uso estes exemplos, pois tive a oportunidade de presenciar as duas situações. A história de um amigo trazido por outro já foi trabalhada na descrição de um bom encontro no capítulo anterior. Sobre o jornalista, por duas vezes presenciei a Casa se recusar a contribuir com reportagens que descrevem a Comunidade e seus moradores como violentos, lugar onde as únicas possibilidades de vida estão relacionadas com o comércio de entorpecentes.

dificuldade em deixar de ser vista da perspectiva de alguém que vem “de fora” para a comunidade. Teve que empreender esforços para romper com a resistência nas primeiras relações que aconteciam.

O que quero dizer e deixar claro é que na Casa Chico Mendes, embora a questão do acolhimento apareça com bastante intensidade, não é sempre e nem com todos que isso ocorre. Nem todos que chegam na Casa são acolhidos ou se sentem acolhidos. Mesmo quando o acolhimento ocorre, algumas vezes acontece sob determinadas condições, de forma gradativa. Neste sentido, nem sempre a Casa se conecta com tudo ou com todos. E mesmo entre as conexões, há vínculos que variam constantemente.

A isto, acrescenta-se outra questão: a Casa tem um núcleo de relações que a define. Percebe-se nas falas dos sujeitos que há muitas pessoas que circulam pela Casa cotidianamente, mas estes, por outro lado, quando nomeiam as que *são* a Casa se resumem a um número limitado de pessoas. Este núcleo compõe as três diferentes perspectivas da Casa Chico Mendes que são analisadas aqui, formando combinações entre estas pessoas, sendo que algumas se inserem com mais intensidade em uma das perspectivas do que em outras. Internamente, é um núcleo que gera outros três núcleos que possuem permeabilidade entre si: Instituição, Casa dos Encontros e Moradia são compostas por pessoas que circulam por estes núcleos.

Externamente, estes núcleos definem permeabilidades fechadas em algumas situações e abertas noutras. As pessoas que vêm de fora do núcleo vão encontrar, dependendo de sua forma de se colocar, mais dificuldade ou facilidade de se inscrever em uma ou outra das perspectivas da Casa. Um exemplo disso ocorre na ótica da Moradia, cuja característica aponta para uma permeabilidade mais fechada. A ela, a maioria das pessoas que frequentam a Casa não tem acesso. Os professores do projeto esperança tinham abertura para o ponto de vista da Instituição, mas só entravam na perspectiva da Casa dos Encontros quando seu trabalho aparecia de forma “mais conectada com a Casa”. Apenas alguns deles eram convidados a permanecer na Casa ou ficavam depois de encerrada a hora do trabalho na Instituição. Na época em que existia o Projeto Esperança, os professores que permaneciam na Casa, depois do horário de encerramento das atividades, compunham a mesa do café, acontecimento tão característico da Casa dos Encontros.

Mediante estas condições, podemos apontar que a Casa não é um rizoma na radicalidade do termo, visto que, por meio de vínculos afetivos, há a constituição de núcleos que mantêm certa constância e, embora apresentem permeabilidade - denotando a possibilidade de

abertura para outros vínculos e outras composições -, não se conectam com tudo. Ela apenas assume características de um rizoma mediante a capacidade de fluidez e conjugação entre a relação dos sujeitos com as três perspectivas da Casa e entre eles. Conjugação e fluidez, no entanto, se referem muito mais à dinâmica interna da Casa Chico Mendes do que externa.⁶⁷

Isso não significa que nesta dinâmica interna não ocorram tensões, conflitos, decomposições. Como em qualquer relação coletiva, há também espaço para desacordos e diferenças que não se somam nem se traduzem em bons encontros. Existem diferentes formas de gestão ou expectativa com relação à administração da Instituição, espaços de encontros em que não se incluem todos, conflitos no âmbito da Moradia, na relação entre funcionários.

A Casa não preexiste a todas estas condições. Tudo se constitui simultaneamente - os sujeitos, a Casa e as relações -, revelando um plano de imanência onde as diferentes relações se estabelecem e os sujeitos se constituem. Nesta situação também se constitui a Casa Chico Mendes. Os sujeitos são a Casa e a Casa é os sujeitos, em um plano de imanência que se configura assumindo características um rizoma.

O sujeito traz a sua forma para a Casa, uma forma que se deforma e que se reforma. Coloca-se ali, de acordo com seus processos de subjetivação, e desenha com os outros as diversas linhas e perspectivas que a Casa Chico Mendes pode assumir. São linhas que se formam, se desfazem, e se entrecruzam nos movimentos empreendidos pela Casa, que revelam suas diferentes perspectivas. Chega-se ao todo desta composição partindo-se de qualquer ponto de articulação entre os sujeitos e as perspectivas da Casa - Instituição, Moradia e Casa dos Encontros.

Nesta pesquisa, muitas vezes, o ponto de partida foi a mesa da cozinha, o café, o Encontro. A partir deste ponto, chega-se aos demais, ao quarto de Tinho, à sala de atividades, ao escritório, ao sofá que fica na porta de entrada, às caixas postais que atendem a Comunidade, às reuniões da Instituição. Podemos, num exercício de imaginação, partir de qualquer um destes espaços/sujeitos e passar pela mesa da cozinha ou chegar até ela. Se considerarmos a história dos sujeitos na Casa e a forma como se colocam, outros movimentos serão empreendidos por estes lugares de passagem, que admitem, tal qual um rizoma, múltiplas entradas e “princípios de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto de

⁶⁷ Quando me refiro à dinâmica interna da Casa, quero dizer que esta dinâmica é constituída pelas relações que ocorrem entre estas pessoas, pautadas pelas três perspectivas da Casa.

um rizoma pode ser conectado a qualquer outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.15).

A Casa assume uma multiplicidade ou pluralidade que se estende a partir dos sujeitos e retorna até eles em movimentos que os transformam, mas que nunca chegam ao mesmo ponto, visto que todo este processo é também transformador dos sujeitos e da própria Casa. Em um esquema rizomático, ao contrário de um pilar central de sustentação, característicos de uma raiz, há processos de conexão, combinação e multiplicação de suas linhas, que formam uma trama, uma rede, na qual cada ponto se conecta com todos os demais, fazendo proliferar um conjunto encadeado de afetos com velocidades variáveis, precipitações e transformações (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Ou seja, num rizoma, inexistente uma unidade que sirva de pivô.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Isso pode ser dito quando se considera, internamente, a dinâmica entre as três perspectivas da Casa e os sujeitos, mas não há como afirmar que a questão do acolhimento e o núcleo de pessoas, que se forma mediante as relações, não seja um pilar de sustentação para a Casa Chico Mendes.

Internamente, no entanto, torna-se impossível pensar que a Casa Chico Mendes é uma Instituição que tem por base a Casa dos Encontros, ou que a Casa dos Encontros é a perspectiva que fundamenta a Instituição, ou que é a Moradia que possibilita os bons encontros ou funda as premissas da Instituição. Todas estas perspectivas subsistem juntas, formando um mesmo plano de conexões, interdependentes. Uma perspectiva até pode sustentar a outra em determinado momento histórico da Casa, sob alguma condição. Mas esta composição nunca é fixa. Ao contrário, flui, se transforma, deriva.

O que se pode dizer é que, a partir deste plano e destas conexões, traçam-se linhas de fuga, de segmentariedade, de continuidade e de descontinuidade. Neste movimento a Casa vai se transformando. O atual impasse causado pela dívida da Instituição é um exemplo vivo, que mostra como que, da quebra desta perspectiva em função de uma

dificuldade financeira, outras linhas e perspectivas podem ser traçadas a partir de novas linhas de fuga que passam a se configurar, mostrando que

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas, segundo outras linhas [...]. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de remeter umas às outras. [...] Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18).

A quebra da linha que configura a perspectiva da Instituição expõe a perspectiva da Casa dos Encontros e funda uma nova linha, que abre a perspectiva para um trabalho outro da Casa como Instituição. Linha que se pauta no modo de ser e de se relacionar da Casa dos Encontros. Ou seja, ao considerar a proposta de desburocratizar o trabalho e abrir-se para a possível constituição de um centro cultural, privilegiando a criação e preparação de novos espaços de bons encontros, tais como o museu de brinquedos, a biblioteca, a sala de atividades para abrigar oficinas trazidas por pessoas próximas à Casa, que se disponibilizam a oferecê-las. Neste sentido, outra linha se forma para a Instituição, que, possivelmente não retornará a dinâmica anterior, pressupondo vínculo institucional com a prefeitura, funcionários contratados e professores.

Desliza-se por esta ideia, sempre retomada nas reuniões e encontros da Casa, considerando as possibilidades das pessoas da Comunidade, que podem contribuir para esta nova construção. Confiam que os encontros possam se multiplicar, reverberar, abrindo novas perspectivas, apontando linhas de fuga em relação às amarras institucionais e burocráticas para criar espaços de autonomia para que

seus participantes possam estar, no âmbito da Casa, em uma relação de maior liberdade e criação. Mas quem garante que algum dia esta nova linha não possa se institucionalizar novamente? Como a Casa poderá sobreviver sem a Instituição?

A Casa está constantemente em movimento, numa dança coletiva que abarca diferentes ritmos e compassos. Dança que por vezes chama pela sincronização do coletivo para a busca de uma coreografia comum, mas que, no compasso seguinte, os passos apontam diferentes marcações, movimentos e conexões, distanciando-se na busca de composições outras, com expectativas outras e em movimentos que refletem a Casa e a vida, contornando e evitando algumas possibilidades, abrindo-se para novos caminhos.

A Casa é a minha vida, quase todos dizem. O que será esta Casa então, união de tantas vidas? A Casa como vida que se coloca, se funde e se funda desdobrando-se e dobrando-se em outras. Esta *com-fusão* de vidas que se misturam, se aproximam, se afastam. São vidas que moram, instituem, provocam bons encontros, entre muitas outras perspectivas que se traçam em seus cotidianos. Muitas delas que não apareceram aqui. Perspectivas que passam despercebidas, invisíveis aos olhares, mas que se mostram vivas na fugacidade do momento. E que também perduram, durando o durante da vida.

A Casa e os sujeitos - como sendo uma só e coisa interconectando-se sob um mesmo plano - revelam experiências em que a vida é constantemente reinventada como

modos de vida que se criam e se recriam, numa luta permanente que nos arremessa aos limites entre o que estamos deixando de ser e o que estamos nos tornando, entre o que somos e os nossos múltiplos possíveis devires (DELEUZE, 1996, p. 72).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

UM CAFÉ

Felipe foi levar na secretaria os documentos do Projeto Esperança. Pessoal, já chegou o carteiro? Nossa! É só conta pra pagar! Chica, dá pra fazer bolo pro lanche das crianças, amanhã? Alguém viu o seu Antônio? Ele precisa assinar os cheques. Valderi, cadê a minha pipa? Que bom que é terça-feira, o almoço nos reúne e temos o “nosso domingo”!!! Os professores da prefeitura estão conectados com o trabalho da Casa este ano, que bom!!! Vanessa, Dona Catarina, vai ao Posto de Saúde. A Sônia está muito atenta, tanto com a limpeza quanto com as crianças. Dona Natália é ágil e criativa com a comida de cada dia. Quando Sandra e Patrícia vêm juntas, as gargalhadas chegam na frente. Eu vou bater nele, ele bateu no meu irmão. Xiiii! Ela só vem pra comer! Hoje não tem aula de novo na escola! Tô com dor de barriga!! Ele pegou o meu lápis! Hoje tem material reciclável? Vim, mais Dona Lídia, buscar o reciclável e os alimentos do Mesa Brasil pra distribuir na comunidade. E Mateus? E Maria? Patrícia e André vão fazer as conversas com Janete e Sara. Sandra, o livro com as histórias de vida da mulherada, sai ou não sai? O Doio não tem aparecido! Credo, o carro do BOPE passou tão pertinho hoje que fiquei com medo, eles me olharam com cara feia. Professor, amanhã nós vamos na pracinha, né?! Mas, o que é sexy mesmo? Tem notícias da Daniele e das filhas? E do Tinho? Dodô, amanhã “vai tivê”?

E faz-se o silêncio.

Hora de respirar e acomodar dentro do peito as muitas vidas que pulsaram durante o dia todo na Casa Chico Mendes, no Bairro Monte Cristo, acolhendo o brilho, ritmos e trajetórias diversas.

Num rodaminho de emoções e aprendizados, enquanto mãos hábeis recolhem água e a colocam para ferver, olhos que permaneceram fitam profundamente ora outros

olhos, ora o vazio. Um vazio preenchido de todo existencial.

Ao compasso da água que ferve, com a mesma habilidade, da lata o pó é retirado em colheradas generosas e repassado para o filtro, que se equilibra na velha garrafa térmica. O contato da água fervente com o pó produz delicioso aroma, magia pura que volta a atrair mais olhos e bocas. Impossível resgatar-se nesta experiência sem o café que vem com o pôr do sol.

E novamente a mesa é ocupada pelos que ficaram e pelos que vão chegando aos pouquinhos, estes com canecas em punho para brindar à vida com olhos, bocas, ouvidos e almas transformadas. Talvez seja no aconchego mesmo que se possa elaborar os ritmos e trajetórias das vidas que pulsam.

Respirar, beber um café e sintonizar olhares enche de significado o encontro das diferentes gentes que se entrelaçam na Casa. E assim a vida plena é resgatada, não importa se momentaneamente. Vida... instante... instantes.

Este brinde ao pôr do sol reúne gente com sabedoria da vida e anos de luta comunitária. Gente que transitou ou transita pelas universidades, dialogando ou brigando com o saber formal; gente ainda criança, gente um pouco mais velha; gente mais convencional; gente aberta a todas as possibilidades; gente desiludida com as circunstâncias; gente esperançosa; gente que desistiu de acreditar; gente que ainda procura teto; gente que optou pela rua tendo asas nos pés; gente que acredita nas instituições; gente que quer revolucionar; gente que faz da dança a sua vida, que canta para sentir dignidade; gente que faz da depressão sua companheira; gente que se rende ou ressignifica o ilegal; gente que conjuga o viver no agora; gente que se acomodou à morte; gente que mata nesta hora a fome do pão, a fome da cidadania; a fome da beleza; gente que se sente fabulosa ao compartilhar uma caneca de café e ser acolhida em sua humanidade enquanto o sol se põe.

Acolher as vidas que pulsam passa pela nossa desestabilização. Acolhê-las passa pelo

muito que temos a aprender com as singularidades, passa pela resistência e beleza de assumirmos nossas incertezas. Passa por desconfiarmos das verdades, do absoluto.

Tomar um café em companhia na Casa Chico Mendes significa mudar as perguntas, acolhendo o fato de que as respostas escapolem, que visceralmente não temos controle. Tomar um café na Casa anuncia mudança de passos e compassos.

Enquanto bebemos esse café restaurador, o sol continua seu ciclo para voltar a (nos) despertar (RIBES, 2010, p. 21-23).

Ribes, (2010), em seu texto, expressa em linguagem literária parte do universo da Casa Chico Mendes. Nele, está descrita a trama de relações que ocorrem no cotidiano da Casa, momentos capturados em seus detalhes, cheiros e sabores. Ao mesmo tempo, vai tecendo a relação entre os sujeitos, seus afetos, histórias e microacontecimentos que vão se somando, se enredando. Trançam o que é a Instituição e a Casa dos Encontros de forma indissociável, ao mesmo tempo em que resume grande parte de tudo que foi dito pelos sujeitos, experienciado por mim e analisado nesta pesquisa. Este texto, sob minha perspectiva, tem o poder de dispositivo e agrega às considerações finais uma sintetização de sentidos.

Da mesma forma descrita pelos relatos dos sujeitos, fui me transformando, ao longo da pesquisa, mediante os contatos com a Casa. Não sei quando este processo iniciou, assim como também não sei se ele termina aqui. Dois anos antes de iniciar o mestrado, eu já estava presente na Casa, mas foi no meio do processo de pesquisa que chegou até mim um “espelho” de minha chegada: Dodô, que não larga seu caderninho de escrita, me emprestou um de seus inumeráveis cadernos para que eu pudesse dispor de mais algumas informações para construir o projeto de dissertação. Entre as folhas do caderno, encontrei uma na qual estava relatada, resumidamente, uma reunião em que estive presente como representante de uma rádio comunitária⁶⁸ que tentávamos

⁶⁸ A Rádio Comunitária se manteve por dois anos no Bairro Monte Cristo, abrangendo nove comunidades, inclusive a Chico Mendes. Para saber mais sobre a Rádio, ver dissertação de Marcelo Wasem (2008), que descreve em detalhes todo o processo ocorrido.

iniciar na comunidade. Eram estas as palavras: “hoje veio para a reunião da rede André, da universidade. Falou sobre a rádio comunitária. Muita informação”.

Foi neste dia que conheci Dodô, mas não me lembro da primeira vez em que estive na Casa depois disso. Desde aquele tempo, que agora já parece remoto, até aqui muitas coisas aconteceram. E a minha inserção na Casa foi intensa. Participei da Instituição como coordenador de projetos, escrevi projetos e participei das reuniões. Estive na Casa dos Encontros na companhia de muita gente e de inúmeros cafés. Participei da fusão das vidas que ali ocorrem, quando os encontros se prolongavam noite à dentro e eu perdia o último ônibus da noite, permanecia na Moradia até o dia seguinte.

Esta forma de inserção teve algumas implicações. A primeira delas é que entrei na Casa como pesquisador a partir do vínculo com os sujeitos, ou com a própria Casa. Isso por si só já define um método e, até mesmo, uma epistemologia. Quanto ao método, já de início a possibilidade de uma separação bem delineada entre pesquisador e sujeitos não garantiria muita coisa. Precisei admitir a minha inserção na Casa como um aspecto de grande relevância para a pesquisa, e isso direcionou o método. Outra implicação é que nem sempre a minha forma de inserção permitiu o distanciamento necessário no processo de pesquisa. Por vezes, consegui ver o campo de uma outra forma, de outro afeto, tentando alcançar uma exotopia. Porém, confesso que este processo me demandou grande esforço durante esta pesquisa e creio não ter obtido muito sucesso nesta tentativa. Meu envolvimento com o campo nem sempre me permitiu o devido distanciamento. Minha orientadora sempre esteve atenta para isso e, mais de uma vez, cobrou-me esta postura. Durante a produção de informações e também durante a escrita, como recomendou minha orientadora, tentei deixar um pé no campo, imerso nos encontros, e outro fora dele, na pesquisa. No entanto, anatomicamente, meu pé esquerdo é maior do que o direito, e o pé esquerdo ficou nos encontros com a Casa Chico Mendes.

Dentro disso também me vi muito comprometido com o tema, cujo foco de início insidia inteiramente nos bons encontros. Desde o início da pesquisa, eu só via a Casa como um lugar de bons encontros, foi só depois de encerradas todas as conversas gravadas que percebi que poderia haver uma separação entre Instituição, Casa dos Encontros e Moradia. Esta minha limitação teve um desdobramento. Por vezes os sujeitos me apontavam: “olha, aqui não existem apenas bons encontros, tem coisa ruim também...”. Faltou de minha parte agregar a pergunta logo em seguida: “o que é que existe de ruim?”

Tudo bem, o foco se manteve até o fim em cima dos bons encontros. Mas como todos sabem e vivem na pele, nem tudo na vida são apenas bons encontros. E não necessariamente bons e maus encontros aparecem alheios uns dos outros. Talvez um necessite do outro para existir. Não pude chegar a saber se na Casa Chico Mendes existe um equilíbrio entre bons e maus encontros. No entanto, a meu ver, os bons encontros prevalecem.

Não obstante, a minha escolha pelo tema teve um viés ideológico desde o início. Para saber sobre maus encontros na comunidade, basta ligar a televisão, abrir o jornal ou conversar na rua com pessoas que nunca estiveram lá. Com esta pesquisa, também tentei mostrar aspectos positivos que eu poderia garantir que existiam, desde a segurança da minha presença e trajetória dentro da comunidade.

Epistemologicamente, o processo de conhecimento não passou só por textos. Os sujeitos com os quais me relacionei têm muito conhecimento de vida e nesta mescla que ocorreu nas relações a produção da escrita por muitas vezes apareceu condicionada à demanda de compreender o que o campo me apresentava. Ou seja, primeiro eu cheguei até a Casa e a conheci. Foi só depois disso que os conceitos teóricos começaram a aparecer.

A pesquisa de campo antecedeu a teoria, de forma que não procurei encaixar uma realidade aos conceitos. Pelo contrário, procurei me utilizar dos conceitos para compreender algumas facetas desta realidade. É claro que esta tentativa de compreensão por meio dos conceitos não é perfeita. E que bom que não o é, pois isso iniciou processos dialógicos entre teoria e prática, de forma que a aproximação entre realidade e teoria foi se imbricando ao longo do processo e a dialogia seguiu seu curso: uma coisa não aparece segregada da outra.

Também é claro que não dei conta da Casa Chico Mendes em sua totalidade. Nem mesmo tenho a dimensão do que seria isto, de forma que também não sei quão longe pude chegar, embora eu também saiba que muita coisa foi descrita e analisada. Podemos descrever uma realidade exaustivamente, mensurar, teorizar, desenhar, filmar, fotografar, gravar, mas nunca vamos dar conta da totalidade do mundo, mesmo que sejam impostos esforços para definir recortes. Neste sentido, até mesmo um pequeno fluxo e diálogo epistemológico é bem-vindo, pois cada epistemologia vai dar conta da realidade de uma forma, à sua maneira. Duas ou mais lentes intercaladas podem ajudar na ampliação do olhar.

Descrevi e analisei a Casa partindo de uma ou mais possibilidades de olhar, sempre considerando a minha forma de

enxergar, o meu posicionamento, enfim, os meus afetos. No entanto, muitas outras abordagens seriam possíveis. Muitos dos conceitos utilizados foram novos para mim, porque ao mesmo tempo em que eu me apropriava deles, também me apropriava da Casa por meio deles. Admito que eles são passíveis de ser aprofundados e melhor compreendidos ao longo de meu percurso pela academia e pela vida. Até o momento, vejo-os mais como possibilidades do que como uma porta trancada atrás da qual eles se encontrariam devidamente apropriados. Espinosa foi um grande parceiro nesta caminhada. Para compreendê-lo, precisei da ajuda de outros autores que o lêem. A *Ética* é uma ontologia, que abarca uma epistemologia, que não alcancei por completo. Creio apenas ter iniciado a caminha com passos tímidos e inseguros, segurando-me na mão de outros autores e pisando nas experiências da vida. Ainda falta muito chão para caminhar...

Como escreveu Foucault, conceitos são ferramentas. Com eles podemos descrever uma realidade, nos apropriarmos da realidade, construir ou destruir uma realidade. Deixando de lado uma postura um pouco mais séria, podemos até mesmo brincar com a realidade, ou com os conceitos. Podemos fazer isso aqui agora mesmo. Vejam só: aqui nesta dissertação coloquei a Instituição desde um viés institucional, no tempo *chronos* e a Casa dos Encontros como um lugar de múltiplas possibilidades e devires, tempo *áion*. Mas será que a Casa dos Encontros não se institucionaliza mediante suas práticas? Ela também é *chronos*: todas as quintas-feiras, com hora marcada, fazíamos encontros na Casa. E a Instituição, será que não admite devires? De fato, sobre esta ótica, posso afirmar que a Instituição foi uma das perspectivas da Casa que mais se transformou no decorrer desta pesquisa. E o tempo *áion*, tempo da intensidade, não é experienciado pelos sujeitos na espera por saudar a dívida da instituição?

Não é somente brincadeira, de fato, as leituras podem mesmo ser invertidas. É apenas uma questão de ponto de vista. Tudo isso acontece na Casa Chico Mendes, visto que suas perspectivas abarcam devires rizomáticos. Junto com a Casa, os sujeitos também experimentam devires. Eu também experimento.

A Casa segue seu fluxo, não para. Muitas transformações ocorreram mesmo durante o curto período (curto em relação à história de 16 anos da Casa) em que eu escrevia as análises. Em função da dívida, a Instituição se viu obrigada a fazer a rescisão dos contratos dos funcionários. Também em função da dívida, esta rescisão não poderia ser efetivada. O tempo foi correndo e, após algumas negociações, a Casa conseguiu um empréstimo para saudar parte da dívida. Só então nesta

nova situação as demissões foram feitas. Neste processo, o coletivo sempre teve muito cuidado para não prejudicar nem a Casa nem os funcionários, mas alguns conflitos foram inevitáveis, e algumas relações e vínculos saíram fragilizados. Isso rebete na Casa dos Encontros e, novamente, configura outras linhas de fuga. Posso me arriscar a dizer que agora é a Moradia que sustenta a Casa dos Encontros.

A Instituição também aponta para novas configurações. A expectativa de que o terreno seja vendido em curto prazo é grande e pode se concretizar por meio de algumas negociações que já acontecem. Livre da dívida, a Instituição pode se redefinir. De acordo com Dodô, não é a Casa que vai determinar o que vai acontecer ou direcionar esta redefinição, mas a própria comunidade. A Casa continua ali, as pessoas chegam para conversar e com isso chega a mudança. Segundo Dodô, para a Casa o que conta mais é a presença: estar presente junto com aquilo que aparece. Se considerarmos esta perspectiva, o devir da Casa se conecta com o devir da própria comunidade.

Neste sentido, uma das possibilidades para dar sequência às pesquisas na comunidade, seria a de acompanhar a relação entre a Casa e a Comunidade. Isso foi bem pouco explorado até o presente momento. Porém, o campo possibilita contemplar esta relação de perto. A Casa tem 16 anos e nasceu junto com a Comunidade. Neste período, muitas transformações ocorreram e ainda mantêm seu curso. Há também um processo dialógico: uma cresceu com a outra, modificando-se mutuamente no curso desta história. A Casa, como um todo, também pode ser abordada a partir do conceito de heterotopia dentro da Comunidade. Este conceito tem me chamado muito a atenção desde que apareceu como possibilidade nesta pesquisa. Por meio dele vislumbro um fio condutor para pesquisas futuras. A Casa é uma heterotopia e as heterotopias estão espalhadas pelo nosso contexto e pelo mundo em “lugares fora de todos os lugares ainda que absolutamente localizáveis” (FOUCAULT, 2005, não paginado). Buscar por heterotopias é um caminho que se aponta para a continuidade deste devir.

E o devir desta dissertação, conectado com o devir da Casa, termina aqui. Ou melhor, não termina: se transforma, conectando-se com o devir do leitor que por estas linhas passa os olhos e também com muitas outras possibilidades, mesmo que não se possa vislumbrar a todas.

Foi Espinosa quem disse que estamos em tudo aquilo que percebemos, e o que percebemos faz parte de nós. Desta forma, se a Casa são as pessoas que estão nela, na lógica de Espinosa a Casa Chico Mendes também pode ser um devir que se conecta com todos nós,

incluindo você, leitor, que aqui percebe um pouco do que de lá nos contaram.

E assim seguimos nesta com-fusão.

8 REFERÊNCIAS

AMORIN, M.. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (orgs). *Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

BAKHTIN, M. M.. *Discurso na vida e discurso na arte*. 1976.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, M.. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BEZERRA, P.. Polifonia. In BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

BOCCO, F.. *Cartografias da Infração Juvenil*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008.

BRAIT, B.; MELO, R.. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

CASA CHICO MENDES. *Projeto Político-Pedagógico da Casa Chico Mendes*. Florianópolis, Não publicado.

CHAUI, M. S.. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

CORREIA, V. M.. Pesquisa, diálogo e a construção coletiva do conhecimento. *Entrelugares: Revista de sociopoética e abordagens afins*, v. 1, n.1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/numero1/artigospdf/valdenia.pdf>>. Acesso em: 01 dezembro 2009.

HÜNING, S. M., GUARESQUI, N. M. F.. A indisciplina como estratégia de invenção nas pesquisas e intervenções psi. In: BONAMIGO, I. S.; TONDIN, C. F.; BRUXEL, K. (orgs.). *As práticas da psicologia social com (o) movimentos de resistência e criação*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008.

DELEUZE, G.. Spinoza. In: DELEUZE, G.. *Les Cours de Gilles Deleuze*. 1980. Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com/php/sommaire.html>>. Acesso em: 13 junho 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. GUATTARI, F.. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995. v. 1.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996. v. 3.

DELEUZE, G.; PARNET, C.. *Diálogos*. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DELEUZE, G.. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DOMÈNECH, M; TIRADO, F; GÓMEZ, L. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, T. T. (org.). *Nunca Fomos Humanos nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 111-136.

ESPINOSA, B.. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FARRACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FÉLIX, D. C.; LIMA, P. M.. *Sob as asas de Eros e Kairos: cartografia das derivas e do acaso nas narrativas de Clarice Lispector, Nathalie Sarraute, André Gide, Jean Genet e Raul Pompeia*. Não publicado.

FONSECA, A. H. L.. *Experimentação em Psicologia Ambiental*. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicologia-ambiental-fenomenologico-existencial>>. Acesso em: 08 março 2011.

FOUCAULT, M.. *De outros espaços*. 2005. Disponível em: <http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html>. Acesso em: 08 março 2011.

_____. *Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FUGANTI, L.. *A Ética como potência e a moral como servidão*. 2005. Disponível em: <<http://fbacademico.files.wordpress.com/2010/04/etica-e-moral.pdf>>. Acesso em: 08 março 2011.

GAUTHIER, J.. Carta aos caçadores de saberes populares. In: COSTA, M. V. (org.). *Educação Popular Hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.

GOMES, L. G. N.; SILVA Jr., N.. Experimentação Política da Amizade: Alteridade e solidariedade nas Classes populares. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília. v. 23, n. 2, p.149-158, abr./jun., , 2007.

GROFF, A. R. *A Mediação da Música no MST: Um estudo em Contextos e Eventos Coletivos em Santa Catarina*. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S.. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOHAN, W. O.. *A infância entre o humano e o inumano*. 2008. Disponível em: <http://www.grupalpa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Kohan.pdf>. Acesso em: 08 março 2011.

LARROSA, J.. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/atualidade/info/textos/saber.htm>>. Acesso em: 28 fevereiro 2011.

LIMA, D. J.. “*Só sangue bom*”: construção de saberes e resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil. 2003. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Movimentos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LIMA, P. M.. *Infância e Experiência: as narrativas infantis e a arte-de-viver o cuidado*. 2008. 141 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MAHEIRIE, K.. *Agenor no Mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

MAHEIRIE, K; DIOGO, M. F.. Uma breve análise da constituição do sujeito pela ótica de Sarte e Vygotsky. *Aletheia*, n. 25, p. 139-151, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942007000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 março 2011.

MAHEIRIE, K.; STRAPPAZZON A. L.; SANTA, B.; WERNER, F.W.. Criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades. *Cadernos de Psicopedagogia*, v.7, n. 12, 2008.

MAHEIRIE, K. et al.. (Re)composição musical e processos de subjetivação entre jovens de periferia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2, 2008.

MARTINS, A.. Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos: encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo. *O que nos faz pensar*, n. 14, p. 183-198, 2000.

MAFFESOLI, M.. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. A comunidade de destino. *Horizontes Antropológicos*, ano 12, n. 25, p. 273-283, 2006.

PEIXOTO, C. A.. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 369-386, 2009.

PELBART, P. P.. Poder sobre a vida, potência da Vida. *Lugar Comum*, n. 17, p. 33-43. Disponível em: <<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/17/06%20PODER%20SOBRE%20A%20VIDA%20POTENCIA%20DA%20VIDA.pdf>>. Acesso em: 08 março 2011.

_____. Poderíamos partir de Espinosa. *Afuera*: estudos de crítica cultural, ano IV, n. 7, nov. 2009. Disponível em <<http://www.revistaafuera.com/pagina.php?seccion=AfueraAdentro&page=03.EstarAfueraEstarAdentro.Pal.htm&idautor=50>>. Acesso em: 15 dezembro 2009.

PÉREZ, C. L. V.. A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos. *Revista do Departamento de Psicologia*, Niterói, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100010>. Acesso em: 08 março 2011.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

REVISTA POBRES E NOJENTAS. Florianópolis: Companhia dos Loucos, ano 1, n. 06, março/abril, , 2007.

REVISTA POBRES E NOJENTAS. Florianópolis: Companhia dos Loucos, ano 3, n. 13, maio/junho, 2008.

RIBES, S.. *Histórias de Vida Saberes Informais e Formais do Sujeito Jovem da Comunidade Chico Mendes*. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Movimentos Sociais) – Programa de Pós Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. (org.). *Mulheres da Chico*. Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2008.

_____. Um Café. In: RIBES, S; SILVA, F. (orgs.). *Microcoisas*. Florianópolis: Insular, 2010, p. 21- 23.

ROLNIK, S.. *Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura*. Disponível em: <<http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>>. Acesso em: 10 dezembro 2011.

ROLNIK, S.. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia, 1992. *Boletim de Novidades, Pulsional - Centro de Psicanálise*, Seção Ponto e Contraponto, ano V, n. 41, p. 33-

42, set. 1992. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemeti ca.pdf>>. Acesso em: 16 fevereiro 2011.

ROSA, R. M.. *Corpos Híbridos na Docência: experiências, narrativas de si e (des)construção das masculinidades no magistério*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROSE. N.. Inventando Nossos Eus. In: SILVA, T. T. (org.). *Nunca Fomos Humanos nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SAWAIA, B. B.. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. In: *São Paulo em Perspectiva*, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995.

_____. Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psyque*, v. 8, n. 1, p. 19-25, 1999.

_____. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: DA ROS, S. Z; MAHEIRIE, K; ZANELLA, A. V. (orgs.). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.

_____. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão entre liberdade e transformação social. In: *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 21, n. 3, P. 364-372, 2009.

SCHÖPKE, R.. *Espinosa e o Problema da Liberdade Humana*. 2000. Disponível em: <http://www.fogliospinoziano.it/Spinoza_problema_libertate.PDF>. Acesso em 03/08/2010.

SILVA, R. N. A Dobra Deleuziana: Políticas de Subjetivação. In: *Revista do Departamento de Psicologia UFF*; a. 16, v. 1, p. 55-75, jan.-

jul, 2004. Disponível em <http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap4.pdf>>. Acesso em 08/03/2010.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, S. S.. Memória, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa. *Entrelugares: Revista de sociopoética e abordagens afins*, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/numero1/artigospdf/sandro.pdf>>. Acesso em: 01 dezembro 2010.

SOERENSEN, C.. *A profusão temática em Mikhail Bakhtin: dialogismo, polifonia e carnavalização*. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_005/artigos/linguagem/pdfs/A%20PROFUS%C3O.pdf>. Acesso em: 08 março 2011.

SPINK, P. K.. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós construcionista. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

_____. O Pesquisador Conversador no Cotidiano. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 20, n. especial, p. 70-77, 2008.

STRAPPAZZON, A. L.. *Diário de campo*. Florianópolis. 2010. Não publicado.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. *Relatório Anual 2009*, Secretaria de Assistência Social e Juventude. Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?pagina=govgestao&menu=2>>. Acesso em: 12 outubro 2010.

TEZZA, C.. Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. In: FARRACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

ULPIANO, C.. *Pensamento e Liberdade em Espinosa*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KMhuVkSDQPs>>. Acesso em: 20 julho 2010.

VALVERDE, R. R. H. F.. Sobre espaço público e heterotopia. *Geosul*, Florianópolis, a. V. v. 24, n. 48, p. 7-26, jun./dez., 2009.

VILL, S.. *Ensaçando o olhar: o sentido da infância a partir de fotografias produzidas por crianças*. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VÁZQUEZ, A. S. *As idéias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VIGOTSKY, L. S. Pensamiento y Palabra. In: *Obras Escogidas II*. Madri: Visor Distribuiciones, 1992

_____. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Manuscrito de 29. In: *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 71, p 21-44, 2000.

_____. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WASEM, M. *Processos colaborativos, contaminações e jogos de alteridade em arte pública: experiências na criação de uma rádio comunitária*. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 9, n.1 p.127-135, 2004.

_____. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia e Sociedade*, v. 17, n. 2, p 99-104, 2005.

9 ANEXOS

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é André Luiz Strappazon, sou mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFSC, sou o pesquisador responsável, sob a orientação da professora Dra. Kátia Maheirie, pela pesquisa de Mestrado cujo título é **Encontros: relações ético-estéticas no cotidiano da Casa Chico Mendes**. O objetivo geral desta pesquisa é investigar como acontecem as relações cotidianas, especificamente nos encontros entre as pessoas que frequentam a Casa Chico Mendes e como estes atuam como mediadores na constituição dos sujeitos envolvidos, engendrando processos de subjetivação e criação. Em outras palavras, objetiva-se investigar como os encontros entre as pessoas na Casa Chico Mendes contribuem para a construção da vida daqueles que estão ali envolvidos e qual é a importância dos encontros na vida das pessoas que deles participam.

Esta pesquisa será feita na Própria Casa Chico Mendes, com no máximo 10 pessoas que frequentam a Instituição diariamente, sendo que algumas delas serão convidadas para entrevistas. A coleta de informações acontecerá por meio de entrevistas e pesquisas em textos e documentos. Há a possibilidade de registros por meio imagens fotográficas, sendo que estas fotografias registrarão prioritariamente espaços físicos da Casa Chico Mendes e da Comunidade. Também serão feitos registros em diário de campo. Estes registros em diário consistem em anotações que o pesquisador fará sobre o que pode observar enquanto está na Casa Chico Mendes com os participantes da pesquisa, registrando falas e situações, sendo que as informações coletadas serão submetidas ao julgamento dos participantes e só entrarão no trabalho final com a devida autorização das pessoas envolvidas.

Esta pesquisa é caracterizada como um estudo psicossocial, objetivando contribuir para a produção de conhecimento no campo da psicologia social. Em contrapartida, pode auxiliar a comunidade Chico Mendes e à Casa Chico Mendes ao mostrar aspectos positivos da organização comunitária e formas de vida e gestão institucional ali empreendidas, dando visibilidade a estes aspectos.

Eu,

confirmando que o pesquisador André L. Strappazon conversou comigo sobre o trabalho de pesquisa que o mesmo está desenvolvendo sob orientação da professora Kátia Maheirie, expondo os objetivos do trabalho e a metodologia.

Sendo assim, fui convidada(o) a participar da pesquisa, por meio de uma entrevista, aceitando a gravação em áudio da mesma e concordando com a utilização desta, bem como, com a utilização de trechos do diário de campo do pesquisador onde pode constar a referência a meu nome e/ou descrição de situações nas quais eu possa estar envolvida(o), sendo que todos estes materiais serão utilizados para fins da pesquisa e de acordo com a minha permissão. Concordo que textos ou relatos de minha autoria façam parte dos dados coletados. Compreendi que se trata de um estudo psicossocial e que participando desta pesquisa estarei contribuindo para a produção de conhecimento no campo da psicologia social. Fui esclarecida(o) pelo pesquisador que a qualquer momento que eu tiver dúvidas a respeito da pesquisa ou quiser retirar o meu consentimento para a utilização da entrevista e dos demais registros, posso contatá-lo pelos telefones (48) 3204-7307 ou (48) 9141-8004 e pelo correio eletrônico: andreluizstra@hotmail.com. Fui esclarecido que os dados coletados serão sigilosos e utilizados exclusivamente para fins de pesquisas acadêmicas e meu nome só será citado sob minha permissão neste termo de consentimento, sendo que não existem riscos ou prejuízos de nenhuma ordem estimados para os participantes da pesquisa.

Quanto à utilização de meu nome para fins da pesquisa:

() autorizo a utilização de meu nome.

() autorizo a utilização de meu apelido:

() não autorizo a utilização do meu nome, mas gostaria que o pesquisador utilizasse como nome fictício o seguinte:

Por fim, concordo em participar deste estudo.

Nome do participante

Data de Nascimento: ___/___/____

RG: _____

André Luiz Strappazon (pesquisador)

RG: _____

Data: ___/___/____

Roteiro Norteador do Diálogo

- 1) Como você conheceu a Casa Chico Mendes?
- 2) Como ou de que forma ela está presente na sua vida, na sua história e atualmente?
- 3) Como você se sente quando está na Casa Chico Mendes? É diferente dos outros lugares ou dos outros contextos? Por quê?
- 4) Você pode me falar de algum acontecimento na Casa Chico Mendes em que você esteve presente e que foi ou é importante para ti?
- 5) O que significa para você os encontros na casa?
- 6) De que forma a Casa Chico Mendes se fez e se faz presente na sua vida?